



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS-UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE**

MILENA BOTELHO AZEVEDO LENA

**NARRATIVA E MEMÓRIA: O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DA
REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO EM “RAIMUNDA A ‘QUEBRADEIRA”**

**PALMAS-TO
2020**

MILENA BOTELHO AZEVEDO LENA

**NARRATIVA E MEMÓRIA: O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DA
REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO EM “RAIMUNDA A ‘QUEBRADEIRA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal do Tocantins, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientador: Dr. Francisco Gilson
Rebouças Pôrto Júnior

PALMAS-TO

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B748n Botelho Azevedo Lena, Milena .
NARRATIVA E MEMÓRIA: O TRABALHO DAS QUEBRadeiras
DE COCO DA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO EM "RAIMUNDA A
"QUEBRadeira". / Milena Botelho Azevedo Lena. – Palmas, TO,
2020.
125 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2020.
Orientador: Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior
1. Documentário. 2. Quebradeiras de coco. 3. Dona Raimunda. 4.
Análise do Discurso. I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(s).

MILENA BOTELHO AZEVEDO LENA

NARRATIVA E MEMÓRIA: O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DA
REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO EM “RAIMUNDA A ‘QUEBRADEIRA”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social e Sociedade, avaliada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social e Sociedade e aprovada, em sua forma final, pelo Orientador e pela banca examinadora.

Data de Aprovação: ___/___/_____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior, Orientador, UFT

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes, membro interno, UNESP

Prof.^a Dra. Gizeli Costa Bertollo Menezes, membro externo, UNITINS

Dedico este trabalho à
minha querida Vó Accelina,
à Dona Raimunda...

Pessoas, mulheres guerreiras, dessas que
trazem na alma e no coração o sentimento e
a generosidade do ser coletivo...

AGRADECIMENTOS

Depois da decisão de plantar, chega a tão esperada hora da colheita, e é justamente neste momento que nos lembramos daqueles que, mesmo não tendo nos ajudado a semear ou a cuidar da planta, contribuíram nos incentivando a fazê-lo. Foram muitas as pessoas que aproximaram-se e ofereceram seu apoio no decorrer do desenvolvimento desta conquista.

À minha família, em especial aos meus pais serei eternamente grata! José Custódio Azevedo Júnior – meu pai – um nobre tocantinense que muito novo experimentou o gosto da responsabilidade de ser o provedor de um lar e ajudar a cuidar e educar seus três filhos, dentre eles, eu – sua única filha mulher – Milena. Sei meu pai, que por muitas vezes renunciou ao seu próprio conforto e vontades para nos atender. Sua sabedoria, responsabilidade e amor pelo próximo sempre me inspirou. Maria Rita Botelho Azevedo – minha mãe - também tocantinense, mulher que sempre foi além do seu tempo, meu exemplo. Mestre em saúde, sábia nas palavras, nosso ponto de equilíbrio. Sou muito grata pelos seus ensinamentos, minha rainha.

Ao meu companheiro de vida – Emiliano da Rosa Lena – que tantas vezes me viu radiante de felicidade, mas que também já enxugou muitas lágrimas durante esse percurso. Uma jornada diferente, com muitos desafios, muitas dúvidas e medos, na qual ele, Emiliano, junto com Théo e Benício - nossos filhos - estava sempre ao meu lado. Obrigada meus amores!

Aos meus irmãos, sobrinhos, cunhadas e os demais familiares (são muitos) que sempre acreditaram no amor fraterno e que festejaram cada conquista minha como se suas fossem; e acreditem: são nossas, agradeço pelo carinho, pelo cuidado e pelo amor que sempre recebi de cada um de vocês.

Aos meus professores, desde a professora Lúcia, que foi uma das primeiras educadoras que tive, passando por tantos outros, até o meu professor e atual orientador Dr. Gilson Pôrto Júnior. A todos eles, os meus sinceros agradecimentos e a minha eterna gratidão, por terem me ajudado a ser quem sou e a conseguir chegar até aqui. Estendo estes agradecimentos a todos os membros da banca avaliadora,

que dispensaram um pouco do seu tempo e conhecimento para contribuir com o meu trabalho e crescimento acadêmicos.

Aos meus amigos, que sempre torceram por mim, acreditaram que eu venceria, e que, graças a Deus, são tantos, que não daria para nominar todos.

A elas, mulheres quebradeiras de coco da região do Bico do Papagaio, no Estado do Tocantins, principalmente aquelas com as quais tive a felicidade de conhecer e conviver por um período precioso da minha vida. Mulheres extrativistas do coco babaçu que são reconhecidas como comunidades tradicionais, merecendo, portanto, proteção de seu modo de vida por parte do Estado.

“Seja a mudança que você quer ver no
mundo”.

Dalai Lama

RESUMO

O documentário “Raimunda, a quebradeira”, dirigido por Marcelo Silva e lançado em 2007, narrou a história das quebradeiras de coco da região do Bico do Papagaio do Estado do Tocantins. Destacou-se, entre as quebradeiras, a trajetória da Dona Raimunda, que, em conjunto com outras pessoas, deu início ao Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Esse movimento teve como principal pauta a luta para que as quebradeiras de coco pudessem ter acesso às terras públicas e privadas que continham a palmeira do coco babaçu; e para que as palmeiras não fossem derrubadas. Diante disso, objetiva-se com a presente pesquisa, analisar e compreender de quais formas os discursos relacionados às questões que o documentário levantou foram conduzidas ao longo do período posterior a sua gravação. Objetiva-se também identificar os possíveis avanços e/ou retrocessos que a região teve desde a produção do documentário. Para isso, levantou-se notícias, reportagens e outras publicações midiáticas que tematizassem a região do Bico do papagaio, as quebradeiras e/ou a Dona Raimunda. Na análise, mobilizou-se referenciais sobre os processos comunicativos, os símbolos, os documentários e os discursos. Averiguou-se que a produção do documentário conferiu visibilidade à região e às quebradeiras e, ao mesmo tempo, a Dona Raimunda, enquanto representante, foi recebida pelos governos federal e estaduais e conseguiu, junto a eles levar diferentes benefícios para a população local. Verificou-se ainda que o movimento, paulatinamente, incorporou outras pautas e bandeiras, tais como o desenvolvimento sustentável, protagonismo feminino, desigualdade social, entre outras.

Palavras-Chave: Documentário. Quebradeiras de coco. Dona Raimunda. Análise do Discurso.

ABSTRACT

The documentary “Raimunda, a quebradeira”, directed by Marcelo Silva and released in 2007, told the story of coconut shellers in the Bico do Papagaio region of the state of Tocantins. Among the coconut shellers, the story of Raimunda, who with others began the Interstate Movement of Babassu Coconut Shellers (MIQCB), stood out. The movement had as its main agenda the struggle for the coconut shellers to have access to public and private lands that contained the babassu coconut palm; and for the palm trees not to be cut down. Accordingly, the objective of this study is to analyze and understand in what ways the issues raised in the documentary have been dealt with over the period after the documentary was recorded. It also aims to identify the possible advances and / or setbacks that the region has experienced since the production of the documentary. To do this, the news, reports and other media publications that addressed the Bico do Papagaio region, the shellers and / or Dona Raimunda were considered. In the analysis, references on the communication process, symbols, documentaries and speeches were mobilized. It was found that the production of the documentary gave visibility to the region and the shellers and, at the same time, Dona Raimunda, as a representative, was received by the federal and state governments, and managed to bring different benefits to the local population. It was also found that the movement gradually incorporated other guidelines and flags, such as sustainable development, female leadership, social inequality, among others.

Keywords: Documentary. Coconut breakers. Dona Raimunda. Discourse analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – RELAÇÃO DOS OBJETIVOS GERAIS, OBJETIVOS ESPECÍFICOS E HIPÓTESES	35
QUADRO 2 – REPORTAGENS E ANÚNCIOS ANALISADOS	117
FIGURA 1 – RAIMUNDA GOMES DA SILVA	23
FIGURA 2 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “RAIMUNDA, A QUEBRADEIRA”	24
FIGURA 3 – QUEBRADEIRAS DE COCO TRABALHANDO.....	25
FIGURA 4 – A QUEBRADEIRA DE COCO MARIA DA SILVA.....	28
FIGURA 5 – AMÊNDOAS DE COCO BABAÇU.....	30
FIGURA 6 – QUEBRA DO COCO BABAÇU PARA A EXTRAÇÃO DA AMÊNDOA	31
FIGURA 7 – BABAÇUAIS DA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO.....	44
FIGURA 8 – MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO	45
FIGURA 9 – DONA RAIMUNDA QUEBRANDO COCO	45
FIGURA 10 – MOMENTO DA QUEBRA DO COCO.....	51
FIGURA 11 – RETORNO À CASA DEPOIS DA QUEBRA DO COCO.....	52
FIGURA 12 – UM DIA DE COLETA DO COCO NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO.....	52
FIGURA 13 – O TRABALHO DE “CATA” EXERCIDOS PELAS QUEBRADEIRAS DE COCO	60
FIGURA 14 – DONA RAIMUNDA GOMES DA SILVA RECEBENDO O TÍTULO DE CIDADÃ TOCANTINENSE.....	76
FIGURA 15 – PRIMEIRA EXIBIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO OCORRIDA EM SÃO MIGUEL DO TOCANTINS	77
FIGURA 16 – DONA RAIMUNDA E O GOVERNADOR MARCELO MIRANDA	78
FIGURA 17 – DONA RAIMUNDA DURANTE A SOLENIDADE DE ENTREGA DO DIPLOMA MULHER-CIDADÃ CARLOTA PEREIRA DE QUEIRÓS	79
FIGURA 18 – DONA RAIMUNDA E DEMAIS HOMENAGEADAS NO PRÊMIO “MULHERES DA HISTÓRIA”	80
FIGURA 19 – REGISTRO DA SOLENIDADE DE ENTREGA DO TÍTULO DE DOUTORA <i>HONORIS CAUSA</i> DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS.....	81
FIGURA 20 – DONA RAIMUNDA E AS QUEBRADEIRAS DE COCO NO CONGRESSO NACIONAL.....	85
FIGURA 21 – DONA RAIMUNDA EM ENCONTRO COM O PRESIDENTE LULA.....	86
FIGURA 22 – QUEBRADEIRAS DO POVOADO PEQUIZEIRO EM DE AXIXÁ DO TOCANTINS RECEBENDO OS KITS PARA A MONTAGEM DAS PADARIAS COMUNITÁRIAS.....	87

FIGURA 23 – DONA RAIMUNDA SE JUNTOU A OUTRAS LIDERANÇAS PARA COBRAR DO GOVERNADOR MELHORIAS AO NORTE DO ESTADO	88
FIGURA 24 - AUDIÊNCIA NO GABINETE DO GOVERNADOR MARCELO MIRANDA.....	89
FIGURA 25 – DONA RAIMUNDA EM REUNIÃO COM O GOVERNADOR DO TOCANTINS E A VICE-GOVERNADORA.....	89
FIGURA 26 – CONVITE PARA O AVANT PREMIERE EM PARIS.....	93
FIGURA 27 – O DIRETOR MARCELO SILVA RECEBE O PRÊMIO DA ATRIZ DIRA PAES NO FESTIVAL DE BELÉM DO CINEMA BRASILEIRO	94
FIGURA 28 – EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DAS QUEBRADEIRAS.....	95
FIGURA 29 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA EXPOSIÇÃO	96
FIGURA 30 – CAPA DO LIVRO PRODUZIDO POR ESTUDANTES DO BICO DO PAPAGAIO EM HOMENAGEM À DONA RAIMUNDA.....	97
FIGURA 31 – HOMENAGEM DA ISPN À DONA RAIMUNDA	98
FIGURA 32 – HOMENAGEM DA ONU À DONA RAIMUNDA	99
FIGURA 33 – CEMITÉRIO MEMORIAL CONSTRUÍDO EM HOMENAGEM À DONA RAIMUNDA ...	100

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – REPORTAGENS LOCALIZADAS COM “QUEBRADEIRAS DE COCO”	103
TABELA 2 – REPORTAGENS LOCALIZADAS COM “DONA RAIMUNDA”	103
TABELA 3 – REPORTAGENS LOCALIZADAS COM “DOCUMENTÁRIO”	104
TABELA 4 – REPORTAGENS COM DENÚNCIAS.....	104
TABELA 5 – REPORTAGENS QUE REMETEM AO DOCUMENTÁRIO “RAIMUNDA, A QUEBRADEIRA”	105
TABELA 6 - REPORTAGENS NACIONAIS	105
TABELA 7 - REPORTAGENS BENEFÍCIOS.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ASMUBIP	Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio
CNS	Conselho Nacional dos Seringueiros
CPT	Comissão Pastoral da Terra
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FETAET	Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Tocantins
GPAv	Grupo de Pesquisa Audiovisualidades
ISPN	Instituto Sociedade População e Natureza
MIQCB	Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Plano de Aceleração do Crescimento
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PT	Partido dos Trabalhadores
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O LUGAR, AS MULHERES QUEBRADEIRAS E A METODOLOGIA PARA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO	22
2.1 Dona Raimunda, a quebradeira	22
2.2 Território do Bico e as Quebradeiras.....	26
2.3 Aspectos Teórico-Metodológicos	33
2.2.1 Delineamentos da pesquisa	36
2.2.2 Estratégias, mapeamento e plano de ação	39
3 O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO NA HISTÓRIA DE LUTA: AMBIENTE E SOCIEDADE	41
3.1 O cenário das lutas e o fortalecimento da comunicação popular	43
3.1.1 Conservação, cultura e tradição	49
3.2 Lutas, transição e estratégias.....	53
3.3. Mobilizações para o “Babaçu Livre”	57
4 A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA	63
4.1 O suporte da semiótica na linguagem do audiovisual	68
4.2 O audiovisual: Instrumento de Conscientização e Crítica Social.....	70
4.3 “Raimunda Quebradeira” – antes e depois do filme	71
4.3.1 Antes do filme: a influência da temática e a resistência das quebradeiras.....	71
4.3.2 Depois do filme: Raimunda do coco, uma memória coletiva	74
5 A ANÁLISE DO DISCURSO: EM RAIMUNDA, A QUEBRADEIRA.....	83
5.2 O discurso em prática.....	83
5.3 Arquivo e Memória	90
5.4 A Ordem do discurso na mídia	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
APÊNDICE	117

1 INTRODUÇÃO

Às mulheres têm sido delegadas inúmeras responsabilidades ao longo do tempo, sendo que as atividades vinculadas ao lar, como cuidar dos filhos e da casa, são consideradas menores, desimportantes e, portanto, invisibilizadas. A filósofa e escritora Nancy Hartsock (1983) fez um apanhado histórico do materialismo feminino, concentrando-se nas categorias que o marxismo não foi capaz de historicizar: o trabalho sensorial na produção de seres humanos através da gestação, do parto e da criação de crianças; e os trabalhos de nutrição e de subsistência de todos os tipos feitos pelas mulheres.

Para além das diferenças ideológicas, diferentes autores afirmam que a categorização hierárquica das faculdades humanas e a identificação das mulheres sob uma concepção degradada da realidade corporal, foi historicamente instrumental para a consolidação do poder patriarcal e para a exploração masculina do trabalho feminino (CAMURÇA, 2007; COSTA, 2013; TOSCANO; GOLDENBERG, 1992). Desse modo, a análise da sexualidade, da procriação e da maternidade foi colocada no centro da teoria feminista e da história das mulheres, como Michel Foucault aborda em seus estudos (MCLAREN, 2006).

Para compreender o papel da mulher na sociedade capitalista deve-se, inicialmente, analisar as condições sociais e históricas nas quais o corpo se tornou elemento central e esfera de atividade definitiva para a constituição da feminilidade. O corpo é, para as mulheres, o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência; sendo que o corpo feminino, por sua vez, foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. Neste sentido, pode-se compreender a importância que o corpo feminino adquiriu – em todos os seus aspectos: maternidade, parto, sexualidade – tanto na teoria feminista quanto na história das mulheres (CAMURÇA, 2007; COSTA, 2008; MCLAREN, 2006; TOSCANO; GOLDENBERG, 1992).

Em todo o mundo, mulheres estão envolvidas nas mais diferentes áreas e atividades laborais, competindo com os homens em termos de conhecimento e desempenho, todavia, na grande maioria das vezes, as mulheres ganham até 30% menos do que os homens ocupando o mesmo posto de trabalho (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2002). No Brasil, de acordo com dados publicados da Pesquisa

Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), em 2018, as mulheres receberam 70% dos rendimentos dos homens, índice que em 2016 chegou a 72% dos salários pagos aos homens (ROSCOE; RITA, 2019). Este posicionamento do mercado e das corporações sinaliza, entre outros aspectos, que todo o avanço relativo ao acesso das mulheres à educação, inclusive ocupando a maior parte das cadeiras do ensino superior, não foi suficiente para transpor o abismo socioeconômico existente entre os dois gêneros.

Por outro lado, em determinados contextos, o trabalho das mulheres se constitui, enquanto uma atividade, importante componente do desenvolvimento econômico das regiões nas quais elas trabalham. Mas não somente isso, essas mulheres são, também, em sua maioria, chefes de família, responsáveis integrais pelo sustento do lar. Ainda assim, a atividade laboral feminina é marginalizada. Essa realidade está estreitamente conectada à análise deste estudo, que tem como objeto o trabalho e a luta de centenas de mulheres extrativistas do coco babaçu por melhores condições sociais, econômicas e políticas- e pelo reconhecimento de seu trabalho.

As histórias sobre a difícil tarefa de coletar e quebrar coco me são familiares, as ouvi pela voz suave e sábia da minha avó paterna Accelina, que labutou bastante na quebra do coco babaçu para, na “precisão”, suprir as necessidades da família. No caso da minha avó era na “precisão”, pois ela socorria financeiramente a família com a quebra de alguns quilos de coco na ausência de recurso financeiro para comprar um saco de açúcar, um litro de óleo, por exemplo. Em seus relatos, ela não contava sobre a dificuldade para coletar o coco e agora entendo o porquê. A “cata” que ela fazia era realizada dentro das terras da própria família, o espaço era livre para coletar, quebrar e se apropriar do produto. Situação muito diferente da vivida por centenas de outras mulheres que vivem da quebra do coco e, a respeito dessa diferença, discorre-se mais adiante.

Em 2006, iniciou-se a produção e a gravação do documentário “Raimunda – A quebradeira” de autoria do documentarista Marcelo Silva e que foi vencedor da etapa tocantinense do DoCTV III. A equipe do referido audiovisual, da qual fiz parte, se instalou na região do Estado do Tocantins conhecida como Bico do Papagaio, onde dezenas de mulheres conquistam o sustento de suas famílias com atividades extrativistas do coco babaçu. Mulheres essas que passaram a ser conhecidas não

apenas como quebradeiras de coco, mas também como quebradeiras de paradigmas.

Diversos povos e comunidades que vivem na “região dos babaçuais” – situada na área de transição amazônica – sobrevivem do agroextrativismo de alguns recursos naturais, como é o caso das mulheres que extraem do coco babaçu o seu sustento e das suas famílias. A atividade extrativista realizada pelas quebradeiras é tradicional e cultural e, por muito tempo, passada de geração em geração. A luta de mulheres, quilombolas, indígenas e agroextrativistas pelo acesso à terra é antiga, pois o acesso ao território é fundamental para a sobrevivência das quebradeiras de coco, fortalecendo sua luta pelo direito a terra, território, preservação da cultura e dos recursos naturais e pontuando os seus desafios e conquistas.

Comunidades tradicionais, como as remanescentes de indígenas e os quilombos, povoam várias regiões brasileiras e por muitos anos ficaram esquecidas e silenciadas pela política colonialista vigente. Com a Constituição Federal de 1988, por meio do Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias essas comunidades tornaram-se objeto de interesse de pesquisadores, e esse movimento contribuiu para que a história desses sujeitos, no caso específico desse trabalho, de milhares de mulheres quebradeiras de coco babaçu da Região do Bico do Papagaio do Estado do Tocantins, não continuasse invisível aos olhos da maioria e muitas vezes desconsiderada pelo Estado. Essa história compreende as lutas e os modos de vida próprios dentro dos seus territórios, que foram se transformando e construindo para preservar a memória e cultura do seu povo.

Por algum tempo, essas comunidades tradicionais beneficiaram-se da relativa invisibilidade e usaram estratégias silenciosas de relacionamento com o resto da sociedade para permanecerem nos locais que ocupavam. Em outro momento, tiveram que alardear a sua existência. Sentiram a necessidade de dar nome ao seu modo de vida e mostrar a importância do trabalho que desenvolviam naquela região, pois entenderam que era o jeito de combater o avanço de invasores sobre suas terras e os babaçuais.

Ao debruçar-se sobre o universo de luta pelo uso da terra, depara-se com histórias de violência, ameaças e conflitos permeadas pelos interesses expansionistas da fronteira agropecuária, da especulação imobiliária e de projetos geridos pelo governo. As quebradeiras de coco babaçu da região do Bico do Papagaio, no Estado do Tocantins, são uma amostra de milhares de comunidades

espalhadas pelo país que dependem da nossa rica diversidade de biomas preservados e respeitados, como foi retratado na produção do audiovisual “Raimunda – a quebradeira”.

Com isso, tendo passado quase 14 anos da gravação do documentário, objetiva-se com a presente pesquisa analisar e compreender de quais formas os discursos relacionados às questões que o documentário levanta foram conduzidas ao longo do período posterior a sua gravação-, objetivando-se também identificar os possíveis avanços e/ou retrocessos que a região teve desde então .

Desses objetivos genéricos emanam objetivos específicos, a saber:

- Apontar elementos de estruturação da luta das quebradeiras de coco babaçu e as transformações socioeconômicas percebidas ao longo de aproximadamente quatro décadas na região Bico do Papagaio;
- Examinar as nuances ligadas ao processo de transformação das mulheres afeitas ao inconsciente coletivo destas e ao discurso, pensando que, mesmo a linguagem cinematográfica é capaz de captar semiologicamente essas mudanças materiais e imateriais gestadas no interior de uma comunidade;
- Demonstrar até que ponto a forte organização social e política em torno do extrativismo do babaçu tem sido capaz de reverter-se em benefícios concretos para as populações extrativistas;
- Traçar paralelos entre os discursos antes e depois do documentário, compreendendo que toda transformação inicialmente é sentida na linguagem, que as percepções psicossociais podem ser lidas através do discurso elaborado por um emissor que está sujeito às alterações ambientais, ligadas às manifestações de tempo, de espaço, visuais e de imanência, a partir do que é possível identificar informações, visíveis ou veladas, um discurso por trás do discurso, em um exercício de semiologia.

A investigação destes processos, suas conquistas, condicionantes e limitações, serão úteis para compreender os resultados até agora obtidos e ainda indicar revisões necessárias para o alcance do objetivo almejado e, também, discutir, por meio de referencial teórico apropriado, o que interessa à área de estudo

a que se vincula o mestrado, acontecimentos como os que são expostos no filme, pensando na Comunicação Social enquanto ciência, campo de pesquisa.

Dessa maneira, esse estudo tenta ser mais um instrumento de visibilidade para a luta das quebradeiras de coco e de outros povos e comunidades tradicionais do país. Isto porque, o Norte do Brasil é marcado por lutas históricas ligadas à propriedade, ao território; e que ilustram grande parte da narrativa local, seja ela oral ou escrita, oficializada. Uma das maneiras de registrar essas batalhas é por meio da produção cinematográfica, largamente utilizada com esse fim, há pelo menos 80 anos por aqui.

A investigação da influência do documentário “Raimunda – a quebradeira”, nas políticas públicas de desenvolvimento inseridas na dinâmica socioeconômica do extrativismo do babaçu e na configuração territorial das principais regiões produtoras do Brasil – Maranhão, Piauí e Tocantins – pode ser reveladora na compreensão das mudanças que ocorreram na organização social, política e produtiva das quebradeiras de coco babaçu, com base em uma lógica afeita a matriz da sustentabilidade para o extrativismo do babaçu na região do Bico do Papagaio – Tocantins.

Ao mesmo tempo, essa análise pode contribuir na compreensão da capacidade de um produto de comunicação em assegurar a memória, identidade e cultura de um povo. Para essa investigação é interessante que se amplie a percepção em torno de acontecimentos como um documentário para o público envolvido. Para Da-Rin (1997) questões de natureza social e ética, ao pensar o cinema auto-reflexividade, são importantes. Este, no limite, potencialmente se distancia em demasia da noção de realidade e de compromisso social do documentário. Em outras palavras, Da-Rin (1997) conclui que a tendência anti-ilusionista no documentário, apesar de frutífera no campo estético e formal, arrisca conclusões niilistas sobre o fato e a verdade, podendo ser uma ferramenta que dilui a consciência histórica.

Para dar conta desta pesquisa, mobilizou-se como referencial metodológico a Teoria da Análise do Discurso. A discussão relativa a isso será abordada no capítulo 2. Nele discute-se ainda as características socioeconômicas das mulheres quebradeiras e da região que lidam com a terra por “precisão”. No capítulo 3 investigou-se as formas de expressão e de comunicação utilizadas pelas quebradeiras para afirmação de suas identidades étnicas; a incorporação de

recursos audiovisuais, por exemplo, no processo de reelaboração simbólica mediada por tradições e inovações. No capítulo 4 discute-se sobre a relevância da narrativa cinematográfica e a apropriação das novas tecnologias para a ampliação e o fortalecimento do movimento social, cultural e político dos movimentos de mulheres quebradeiras de coco. Por fim, o último capítulo compara os registros midiáticos e documentais anteriores e posteriores ao filme.

2 O LUGAR, AS MULHERES QUEBRADEIRAS E A METODOLOGIA PARA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO

Eu vou escrever um poema
Que veio a minha inspiração
Do sofrimento do povo, da nossa reunião
Povo pobre, abatido, mas resiste à opressão
Aqui até 74 tinha grande alegria
Pobre era dono das terras e trabalhava onde queria
Tirava a alimentação pra sustentar a sua família
Quando fizeram a estrada, assim fala os
companheiros
Que foram perdendo as terras por causa do dinheiro
E os pobres tão sofrendo no maldito cativeiro”
(SILVA, 2007)

O trecho acima é ilustrativo da vida de parte dos moradores da região conhecida como Bico do Papagaio, localizada no Estado do Tocantins, região norte do Brasil. Lá vivem centenas de mulheres que assumiram a luta e o protagonismo em meio a um contexto no qual o que mais ressoa é a ausência de recursos financeiros, estruturais e educacionais, dentre tantos outros. O que sobra é a escassez, a pobreza e dificuldades de todas as ordens. Por outro lado, observa-se a fartura de afeto, solidariedade e vontade de mudar a realidade vivida por elas.

Nesse cenário, sob pressão socioeconômica, surgiu o Movimento das Quebradeiras de Coco Babaçu, criado no início dos anos 1990. Estas mulheres sofreram a violência de serem cada vez mais afastadas da sua fonte de renda, em um local onde praticamente todas as alternativas de geração de renda estavam inviabilizadas ou simplesmente inexistiam. Contra isso, destaca-se a luta e o movimento protagonizado pela quebradeira de coco babaçu Raimunda Gomes da Silva, a protagonista do documentário foco de investigação e discussão nesta pesquisa.

2.1 Dona Raimunda, a quebradeira

Na Figura 1, a narradora do documentário, Dona Raimunda, lembrou o tempo em que percorria babaçuais coletando e quebrando coco. Paralelo aos seus relatos, o documentário mostrou como era um dia de trabalho de quebradeiras de coco babaçu que viviam isoladas entre os pequenos povoados e as matas que lhes serviam como local de trabalho.

Figura 1 – Raimunda Gomes da Silva

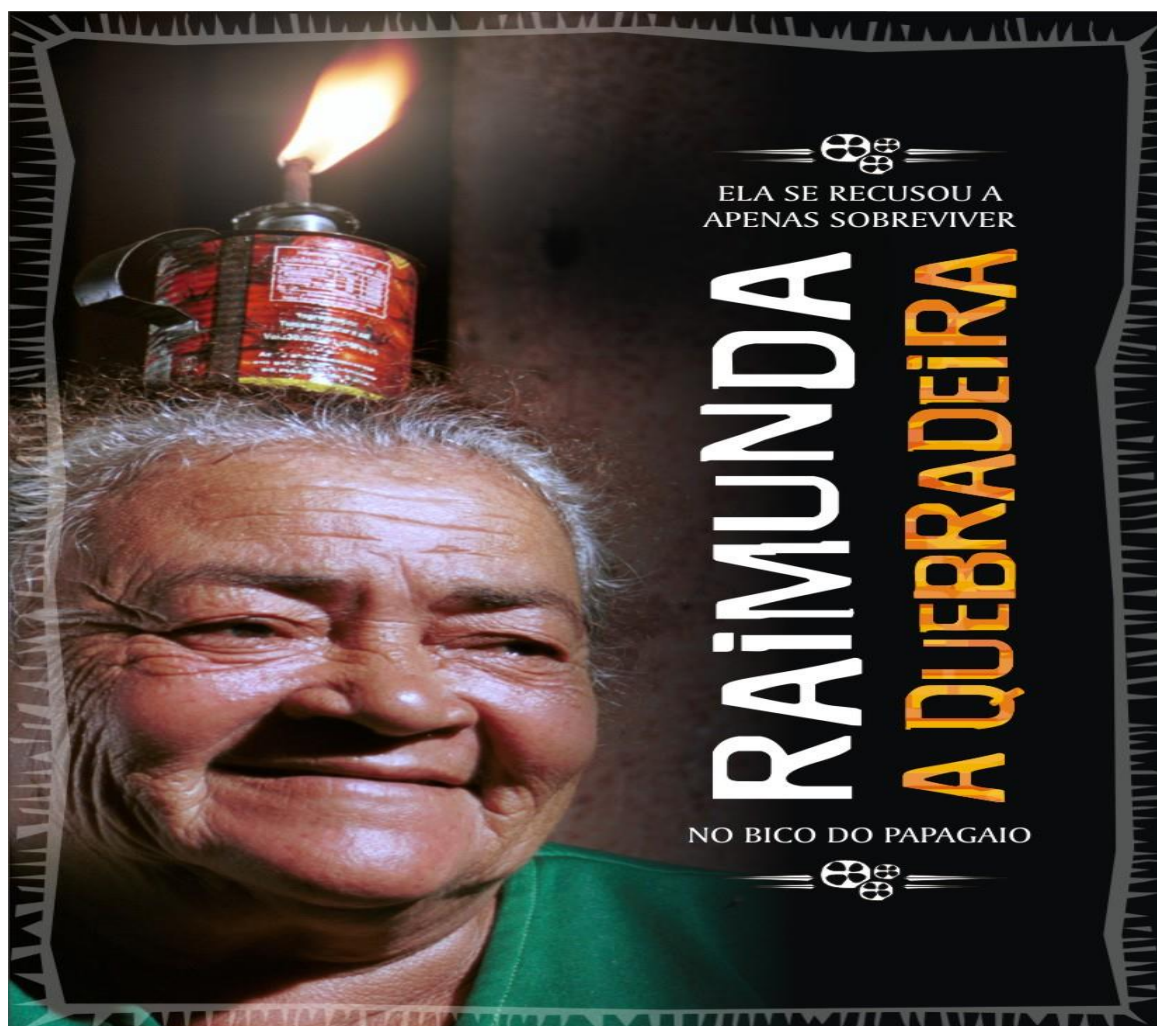


Fonte: Print screen de Raimunda (2007)

Vítimas de preconceito, sendo este apenas mais uma forma de violência a qual estavam sujeitas, as quebradeiras de coco viam-se também vítimas de abandono pelo Estado e, na maioria das vezes, pelos companheiros. Abandono esse que tiveram de passar em companhia dos filhos. Nos anos 80 do século XX, período da criação do movimento Babaçu Livre – assunto que será abordado mais adiante – todas essas questões serviram como pano de fundo de uma nova fase que permitiu a quebra do paradigma dominante na atitude das mulheres.

Dona Raimunda, a “quebradeira” protagonista do documentário e do movimento (Figura 2), caracteriza-se pelos traços físicos e pelo temperamento forte, daqueles que são marcados por processos psicossociais relevantes. De linguagem simples, Raimunda Gomes da Silva (*in memoriam*), era uma negociadora nata. De posse de um tom diplomático, entrava e saía com facilidade e desenvoltura de qualquer ambiente, quer fosse uma reunião sindical ou uma reunião com o governador do Estado.

Figura 2 – Cartaz de divulgação do documentário “Raimunda, a quebradeira”



Fonte: Acervo pessoal

Filha de agricultores nascidos no Maranhão, Dona Raimunda fazia parte de uma família de 10 irmãos. Casou-se aos 18 anos, mas, em meio a uma relação difícil, decidiu abandonar o marido 14 anos depois e criar sozinha os seis filhos, trabalhando como lavradora. Na sua constante migração à procura de trabalho, chegou ao Bico do Papagaio, onde moravam 52 famílias. Ao se instalar na região e se deparar com os problemas de lá, Dona Raimunda começou a mobilizar companheiros para a criação de sindicatos rurais, com o objetivo de levar trabalho comunitário para a região e proteger os moradores das ameaças de grileiros.

No início da década de 1980, a quebradeira conquistou um espaço importante para que sua voz pudesse ser ouvida, tornou-se animadora e catequista da comunidade. Três anos mais tarde, em 1983, um novo padre chegou a São Miguel

para fermentar de vez a nascente militância de Raimunda, tratava-se do padre Josimo Tavares, assassinado três anos depois a mando de fazendeiros e autoridades da região do Bico do Papagaio. Logo após, a quebradeira começou a ganhar espaço denunciando o crime contra o religioso e atuando na defesa das 400 mil mulheres, aproximadamente, que passou a representar. Dona Raimunda ajudou a criar a Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (Asmubip); a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Tocantins (Fetaet) e a Secretaria da Mulher Extrativista do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), da qual foi titular por dez anos.

A luta de Raimunda e das quebradeiras perdurou por décadas e em 2008 conquistaram a aprovação da lei estadual chamada de “Lei do Babaçu Livre”, que garantiu a não derrubada das palmeiras de babaçu que os fazendeiros colocavam abaixo, queimavam ou envenenavam e a permissão para que as quebradeiras entrassem nas propriedades privadas para recolher o coco babaçu. O documentário retratou o trabalho dessas mulheres que adentram as matas e as fazendas para coletar o coco babaçu (Figura 3).

Figura 3 – Quebradeiras de coco trabalhando



Fonte: Print screen de Raimunda (2007)

Por sua atuação na defesa dos direitos das mulheres quebradeiras de coco, Dona Raimunda recebeu, em 2003, o prêmio Bertha Luz, concedido pelo Senado Federal às mulheres que tenham oferecido relevante contribuição na defesa dos direitos da mulher e questões do gênero no Brasil. Em 2005, integrou a lista mundial das mil mulheres que concorreram ao prêmio Nobel da Paz. Em 2009, recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e, em 2013, recebeu o Diploma Mulher-Cidadã Guilhermina Ribeiro da Silva, da Assembleia Legislativa do Tocantins.

A trajetória de Raimunda diz sobre as mulheres da região, personagens de histórias de abandono e vítimas de todas as formas de violência, inclusive a institucional que, em maior ou menor escala, é capaz de comprometer o presente e o futuro destas mulheres. Vale destacar que a história de luta da Dona Raimunda teve início durante a ditadura civil-militar do Brasil. Durante duas décadas e meia, viveu-se em um regime político de exceção, nos quais os direitos civis estiveram severamente ameaçados pela ditadura militar, situação que influenciou o contexto histórico da região, tornando-se um fator relevante para o tema em questão em uma produção de cinematografia.

Assim, o documentário “Raimunda, a Quebradeira” (Figura 2) levou para as telas cinematográficas a luta das mulheres extrativistas da região do Bico do Papagaio, no Estado do Tocantins. Dona Raimunda, ao lado do padre Josimo, assassinado na região, e das quebradeiras fez ouvir os seus gritos.

2.2 Território do Bico e as Quebradeiras

Na década de 1970, a região do Araguaia-Tocantins, geograficamente formada pelo norte do Estado do Tocantins, oeste do Maranhão, Sul do Pará e o Norte Araguaia de Mato Grosso, enquadrou-se no escopo de um planejamento estratégico do governo militar, que tinha como objetivo o desenvolvimento econômico desta região e compunha um plano ampliado de potencialização da economia do país como um todo. Estava incluso nesse planejamento a vida dos cocais, coadjuvando, entre outros aspectos, com uma vida, em tese, mais saudável. Tudo isso fazia parte de um plano maior, que previa a modernização dos processos produtivos e o aproveitamento das riquezas naturais da Amazônia, e a massa pobre de camponeses importava apenas como mão de obra circunstancial na produção de

alimentos e em alguns empreendimentos extrativos. Assim, diversos conflitos foram travados pelas terras da região, uma vez que os interesses dos trabalhadores locais eram diferentes dos grandes blocos latifundiários que pretendiam se apossar das terras. Essa é uma das muitas memórias relatadas pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Em meio a esse cenário de disputas e explorações da terra e dos camponeses, as quebradeiras de coco utilizaram como principal estratégia para permanecerem ressignificando a prática cotidiana, a tessitura de um discurso afeito a identidade do grupo, referendando um tempo de abundância, em contraponto a um presente problemático. Ao acessar as memórias, estas se fortalecem no tempo, sob uma cronologia em resgate da formação comunitária, ficando quase palpável na contemporaneidade do grupo, um lamento pelo passado, melhor e mais rico. Nesses dois tempos, tal como propõe Ricoeur (2007, p. 164), edificam o que lhes significa.

Os laços comunitários são fortes componentes listados pelas quebradeiras, pois são erguidos sob o peso da luta. A produção é fruto do trabalho comum, não importando a configuração do grupo, grande ou pequeno, é comum a colaboração. A comercialização individual do carvão – produzido a partir da casca do babaçu – quebrava a cadeia de solidariedade existente nas práticas tradicionais do trabalho, portanto o trabalho coletivo assumia uma grande importância. Este aspecto tornava a vida de cada uma parte da composição da vida do outro, na representação de tenacidade de vínculo fraterno comunitário. Estes são os caminhos percorridos pelo grupo de mulheres neste contexto extrativista do babaçu, este é o alimento que possibilita enfrentar as mudanças, que forma o caráter, frente a transformações, nem sempre agradáveis e interessantes ao grupo.

É antiga a importância do extrativismo do babaçu para os pequenos agricultores do interior do Maranhão, Piauí e Tocantins – principais Estados produtores de babaçu. A atividade sempre foi complementar à agricultura e considerada pelas famílias como um recurso alternativo com o qual se pode contar “nos momentos [...] de precisão” (MARTINS, 2000, p.134). O coco babaçu se apresenta, enquanto produto, importante tanto pelo consumo direto quanto pelos recursos obtidos com a venda das amêndoas e de outros subprodutos. Para a população extrativista de babaçu, estimada em cerca de 400 mil pessoas, este recurso natural supre várias necessidades pelas diversas utilidades às quais se presta: a palha é usada para a cobertura das casas e confecção de paredes, cercas

e balaio; o palmito é usado para alimentação; das amêndoas se extrai óleo e azeite; e das cascas se produz o carvão para uso doméstico.

São as mulheres quem tradicionalmente se ocuparam dessa atividade extrativista do coco babaçu. Na Figura 4, tem-se a dona Maria da Silva, quebradeira de coco desde pequena, mãe biológica de quatro filhos e de coração de mais quatro, durante muito tempo toda a família foi sustentada pela quebra e coleta do coco babaçu. Em 2007, ano da gravação do documentário, o quilo do coco era vendido por pouco mais do que R\$ 1,00 o kilo¹. Cada quebradeira consegue quebrar no máximo 10 quilos por dia.

Figura 4 – A quebradeira de coco Maria da Silva



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

Do coco coletado pela Dona Maria da Silva, Dona Raimunda e por tantas outras quebradeiras, retiram-se, em unidades familiares autônomas, as amêndoas, que posteriormente são destinadas à comercialização, que é feita pelo quitandeiro

¹ Informações disponíveis em: <http://gonzagacosta.blogspot.com/2015/08/coco-babacu.html>; <https://ambientedomeio.com/2008/10/18/garantia-de-preco-para-babacu-ajudara-mais-de-80-mil-mulheres-no-ma/>; <http://faepapb.com.br/noticia/trabalho-de-valor-preco-minimo-para-o-coco-babacu/>; <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2014/07/quebradeiras-de-coco-babacu-do-maranhao-conseguem-melhorar-renda.html>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

ou pelo bodegueiro. Estes são os primeiros agentes de uma rede de intermediários que adquirem a produção de amêndoas das extrativistas de toda uma área e as repassam para o comerciante regional, o que torna possível transacionar maiores volumes com as indústrias. No período da gravação do documentário, o pagamento do extrativista era normalmente feito em gêneros, abastecidos nas quitandas pelo comerciante regional. No conjunto, os intermediários ficavam com cerca de 40 a 45% do valor pago pela indústria pelo quilo da amêndoa (DESER, 2007). Na perspectiva das quebradeiras a economia e os usos são mensurados da seguinte maneira:

Da palha a gente faz o cofo, da casca faz o carvão pra nós cozinhar, do bago de coco a gente vende pra comprar os alimentos e também tirar o azeite pra fazer o sabão e lavar roupa e temperar também com azeite. Tira o leite também pra botar num feijão, num peixe, numa fava, comer com farinha. Da coqueira nós não destrói nada (RAIMUNDA, 2007, 00:08:59).

Além disso, as folhas da palmeira do babaçu servem para cobrir as casas; da amêndoa é possível extrair o óleo e o leite; e do mesocarpo, camada intermediária do coco, se faz uma farinha bastante nutritiva que é servida às crianças. O coco é ainda matéria prima para a produção de sabão; e seus produtos, o óleo e a castanha, são comuns na culinária local e na produção de cosméticos. Portanto, a palmeira e o coco são tanto fonte de renda quanto complementos na alimentação. O babaçu (*Orbignya phalerata*) produz seus frutos, os cocos, quando a planta tem idade superior a oito anos. Esses cocos aparecem em cachos que podem render até 500 frutos; as amêndoas ficam dentro do coco (Figura 5 e Figura 6).

Figura 5 – Amêndoas de coco babaçu



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

Figura 6 – Quebra do coco babaçu para a extração da amêndoa



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

Inicialmente, o aproveitamento econômico do babaçu se concentrou na extração do óleo obtido das amêndoas, utilizado como matéria-prima nas indústrias alimentícia, de higiene e de limpeza. No Brasil, a produção de óleo de babaçu se intensificou em meados da década de 1940, e em 1960 o óleo de babaçu ocupava o terceiro lugar na produção brasileira de óleos vegetais. Ainda na década de 1960, em função de estímulos para a industrialização, instalou-se no Maranhão um parque de beneficiamento do babaçu que chegou a contar com cerca de 50 indústrias, acontecimento importante na economia do referido estado.

Todavia, a questão da extração das amêndoas nunca foi alvo de ações públicas integradas, constituindo-se a instabilidade da oferta no maior problema para o desenvolvimento da economia do babaçu. Esta instabilidade decorria principalmente das incertezas do trabalhador em relação à atividade: por não ter garantias em relação a terra que ocupava, adquiria comportamento nômade na busca constante por outras terras nas quais pudesse trabalhar. Os deslocamentos dessas populações se deram em função de políticas que incentivaram, na

Amazônia, a implantação de atividades intensivas como a pecuária, a monocultura de soja e a silvicultura, o que provocou concentração de terras e desmatamentos. Por outro lado, os deslocamentos levaram à abertura de novas frentes de ocupação; as pressões sobre a terra estimularam a organização de movimentos de resistência dos trabalhadores e esse conjunto de fatos culminou em conflitos pelas terras e seus recursos naturais.

Nessa época, trabalhadores rurais já se organizavam em associações e sindicatos, marcados pelo protagonismo masculino e que tinham o apoio da Igreja Católica e de entidades de defesa dos direitos humanos. Nos sindicatos de trabalhadores rurais, o babaçu emerge como tema aglutinador e ensaia-se a inserção política das mulheres por serem elas as primeiras impactadas com a privação do recurso extrativista.

No início dos anos 1980, as mudanças no uso da terra provocaram queda na produção agrícola familiar e no extrativismo do babaçu. Intensificaram-se os movimentos de organização coletiva que, diferente do período anterior, passaram a contar com o protagonismo das mulheres, que assumiram a identidade de quebradeiras de coco babaçu; o que se deu pela abrangência regional e pela temática voltada para questões em torno do babaçu tais como: a garantia de acesso, preservação e apropriação de resultados com o aproveitamento econômico do recurso.

Uma das conquistas desta organização foi a aprovação, em 1997, da primeira Lei municipal do Babaçu Livre (nº005/1997) que garantiu às quebradeiras de coco o livre acesso aos babaçuais e impôs restrições à derrubada de palmeiras. Tem-se também nesse período os primeiros projetos extrativistas de reforma agrária e as primeiras Reservas Extrativistas, que muito contribuíram para o fortalecimento da organização social. Entretanto, o mercado de óleo de babaçu sofreu forte impacto em função da concorrência com a soja e pela redução das alíquotas de importação para similares, provocando retração significativa no parque industrial instalado no Maranhão. Face a isso, desenvolveram-se novas oportunidades de mercado, baseadas na valorização do caráter socioambiental, artesanal e tradicional da produção, organizada de forma cooperativa pelas associações de extrativistas.

Desse período resulta uma forte organização social e política em torno da atividade extrativista do babaçu, estimulada ainda pela necessidade de resistência às pressões e pelos incentivos ao fortalecimento do protagonismo local. Sobre a

organização produtiva e econômica da atividade, no entanto, não se identificam mudanças significativas. As mudanças introduzidas no processo produtivo não atingiram a etapa inicial de extração da amêndoa que, à exceção de iniciativas pontuais privadas, continuou a ser feita de forma artesanal. Da mesma forma, a despeito dos avanços alcançados pelas experiências cooperativas de produção e comercialização localizadas, não se observa a disseminação das conquistas em outras regiões produtivas, permanecendo a atividade, no exame do seu conjunto, como secundária e suficiente apenas para a subsistência.

É neste ambiente que o documentário “Raimunda – a quebradeira” se insere, contando a história e a rotina de centenas de famílias que sobreviviam da coleta e quebra do coco babaçu na região do Bico do Papagaio do Estado do Tocantins. Gravado há quase 14 anos, o documentário será o recorte temporal para este estudo que tem como foco compreender como os discursos relativos às questões trazidas pelo documentário foram conduzidos no período posterior a sua gravação.

2.3 Aspectos Teórico-Metodológicos

Williams (1979, 1982 apud LEME, 2011) ao discutir produções culturais entende que elas estão sujeitas a limites e pressões, mas rejeita a ideia de um determinismo mecânico no qual a cultura seria essencialmente prefigurada, predita e controlada por uma força externa pré-existente. Diante deste olhar, o autor reedita a ideia de que há duas engrenagens dicotômicas: a base e a superestrutura, sendo esta determinada por aquela; a cultura sendo um simples reflexo da realidade socioeconômica. Para ele, as produções “materiais” e “simbólicas” são relacionadas e a cultura e a organização social são mutuamente constituíveis.

Ainda em relação ao processo que envolve limites e pressões em relação à cultura, Sorlin (1985 apud LEME, 2010) refere-se a “freios externos” e “freios internos”, sendo que os primeiros estão atrelados à organização da produção, orçamento do filme, formas de financiamento aos condicionantes econômicos e institucionais dos quais não se separa o cinema, cujo desenvolvimento deu-se numa relação intrínseca com o capital. Já os “freios internos” são os limites interiorizados em relação à aceitação no próprio meio cinematográfico, à comunicação com o público e à inserção no meio social.

Partindo dessa perspectiva em relação às produções culturais e do cenário no qual as quebradeiras de coco estão inseridas e que foi retratado no documentário, parte-se do pressuposto hipotético de que um filme/documentário é capaz de gerar transformações sociais na comunidade objeto da produção cinematográfica, ampliando a sua percepção sobre realidades do sócio ambiente; que é capaz de projetar a comunidade em outros espaços, promovendo desenvolvimento, ou ampliando as possibilidades de validação da causa perseguida pelas pessoas envolvidas.

Tendo isso em vista, construiu-se quatro hipóteses, a saber:

H1: A produção audiovisual “Raimunda – a quebradeira” impulsionou a participação das organizações de quebradeiras de coco babaçu no sistema de governança territorial que têm concorrido apenas parcialmente para a sustentabilidade da atividade na região de estudo. Acredita-se que a limitação decorra da baixa inserção dessas entidades nas instâncias de políticas mais verticalizadas, nas quais o peso das decisões tende a ser mais relevante para influenciar políticas, mercados e circuitos de produção.

H2: As mulheres quebradeiras de coco babaçu constituem um importante referencial histórico para a região Bico do Papagaio, na intenção de comprovar que a busca feminista por uma concepção de sujeito - mesmo que seja equivocada, ao se basear numa posição que, supostamente, seria fundamentalista pressupõe que a categoria “mulheres” refere-se a um campo perpassado por diferenças “indesignáveis” e que, desta forma, não poderia se reduzir ou mesmo se totalizar em uma única identidade descritiva, objeto da contribuição de várias correntes do pensamento feminista que contribuíram para a permanência dessa noção, um lugar de permanente abertura e ressignificação.

H3: Tem-se por hipótese que o desenvolvimento regional, grande temática governamental das décadas de 80 e de 90 do século XX, período de movimentação intensa das mulheres quebradeiras de coco, não foi pensado levando em consideração minorias políticas, não apontava outras racionalidades, que as humanidades previstas nele passavam por outros espaços e temporalidades, deixando de perceber que na região, assim como em tantas outras, riqueza e pobreza, participação e poder têm cor e sexo

H4: Há o desejo de constatar que uma peça de cinematografia, com a chance de ser exibida em um contexto universal, dada a capacidade de abrangência de

público pelos meios de divulgação democraticamente distribuídos, poderá possibilitar arranjos locais vinculados ao desenvolvimento das mulheres; que o documentário, pelo seu modelo de inclusão, formação de público e democratização da arte do cinema possibilitou o envolvimento de pessoas da localidade, que o momento político de realização do filme tem forte vinculação com os resultados advindos dele.

Pode-se verificar a relação entre objetivos gerais, específicos e hipóteses no Quadro 1:

Quadro 1 – Relação dos objetivos gerais, Objetivos específicos e hipóteses

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Hipóteses
<p>Compreender de quais formas os discursos relacionados às questões que o documentário levanta foram conduzidas ao longo do período posterior à gravação do documentário</p>	<p>1. Traçar paralelos dos discursos produzidos antes e depois do documentário.</p>	<p>Existe uma inter-relação entre a produção audiovisual <i>Raimunda – a quebradeira</i> e as decisões da comunidade, capaz de impulsionar a participação ou ativismo das mulheres em ações de conservação ambiental que gerem sustentabilidade para o bioma.</p>
	<p>2. Discutir através de referencial teórico apropriado, o que interessa à área de estudo a que se vincula o mestrado, acontecimentos como os que são expostos no filme, pensando na Comunicação Social enquanto ciência, campo de pesquisa.</p>	<p>A possibilidade de resignificação identitária das mulheres quebradeiras de coco na intenção de comprovar que a busca feminista por uma concepção de sujeito, pressupõe que a categoria mulheres referir-se-ia a um campo perpassado por diferenças 'indesignáveis'.</p>
<p>Analisar os possíveis avanços e/ou retrocessos que a região teve desde a produção do documentário.</p>	<p>3. Demonstrar, por meio das histórias contadas no documentário <i>Raimunda – a quebradeira</i>, até que ponto a forte organização social e política em torno do extrativismo do babaçu tem sido capaz de se reverter em benefícios concretos para as populações extrativistas, advindos da valorização econômica do recurso. A investigação destes</p>	<p>Pensa-se que nas décadas de maior movimentação das quebradeiras de coco, coincidentemente de grande movimentação para o desenvolvimento territorial pensado pelo governo, não se buscou inserir grupos marginalizados, ou minorias políticas, neste desenvolvimento, operando sob outra ótica de percepção do espaço.</p>

	processos, suas conquistas, condicionantes e limitações serão úteis para compreender os resultados até agora obtidos e ainda indicar revisões necessárias para o alcance do objetivo almejado.	Hipoteticamente, uma peça cinematográfica, dada a capacidade de abrangência de público pelos meios de divulgação democraticamente distribuídos, poderá possibilitar arranjos locais vinculados ao desenvolvimento das mulheres.
--	--	---

Fonte: Elaboração da autora

A indagação central que permeia o trabalho é: quais mudanças ocorreram depois da exibição do documentário “Raimunda – a quebradeira” (SILVA, 2006) no protagonismo local ao mesmo tempo em que se preocupam em encontrar caminhos para inserção produtiva? Como está a capacidade das organizações sociais e políticas em torno do extrativismo do babaçu para interagir com este novo momento de oportunidades?

Para isso, considera-se que produtos de comunicação são, na maioria das vezes, produtos de publicidade e para Salles (2005) dois elementos os caracterizam: o contrato entre o filme e o espectador perante a realidade de certos de seus aspectos, como a existência histórica de personagens ou eventos – ainda que a noção de existência e realidade desses seja problematizada; e a decorrente responsabilidade ética do cineasta com tais elementos já determinados como existentes. A responsabilidade ética frente aos elementos sobre os quais o documentário se baseia reside no fato de que esses elementos são dotados de uma vida externa ao documentário, de modo que toda fala sobre eles será apenas parcial e potencialmente enviesada.

2.2.1 Delineamentos da pesquisa

Assim sendo, pode-se afirmar que o objeto da presente pesquisa é resultado de diferentes processos que interagem entre si e que essa dinâmica observa contextos econômico, político, social, ambiental, construídos historicamente e vigentes em um dado momento. Estes, por sua vez, condicionam ações públicas e privadas como, por exemplo, o planejamento e a gestão do território. Em diferentes medidas, essas ações provocam resultados ou impactos sobre a sociedade e a

natureza. Os resultados compõem um novo contexto em realimentações continuadas.

O contexto representa as condições “iniciais” e os resultados seriam a situação “final” produzida pela ação dos agentes sobre as condições iniciais. As aspas nos termos acima indicam sua relativa imprecisão, pois a necessidade de se estabelecer início e fim está ligada às limitações de nossa capacidade de análise e não se observam precisamente no mundo real. Estabelece-se assim uma aproximação temporal e espacial, conformando esferas factíveis de serem analisadas. Tal procedimento é avalizado por Swerts (2009) quando afirma que a divisão em períodos e escalas tem se mostrado útil na organização e compreensão dos processos sociais.

Assim, parte-se para o estabelecimento de quais seriam as esferas no tempo e no espaço com influência sobre o problema dessa pesquisa, para que destas fossem captados os condicionantes, as ações realizadas e os resultados daí decorrentes. A análise destes panoramas – contexto, ações, resultados – permite uma aproximação progressiva do problema, ao mesmo tempo em que se ressaltam e se aprofundam os aspectos mais específicos. Na dimensão temporal, as esferas foram traduzidas em períodos, respeitando-se a limitação de não se exigir etapas estanques, dado o caráter progressivo dos acontecimentos. Na dimensão espacial, as esferas foram escaladas em regiões de estudo até se chegar à microrregião do Bico do Papagaio, localizada no estado do Tocantins, território foco da pesquisa. Opta-se, ainda, por correlacionar as esferas com as questões de pesquisa, buscando uma aproximação temporal, espacial e também, temática.

Em relação ao recorte espacial, trata-se de uma das regiões produtoras de babaçu que vêm sofrendo pressão pela demanda do carvão. Pesquisas iniciais indicaram que nesta região desenvolveram-se importantes conflitos pela posse da terra com forte influência sobre as lideranças presentes na região e suas organizações sociais e políticas. Para o início dessa pesquisa foi necessário conhecer como é a dinâmica da atividade extrativista e que fenômenos vêm sendo desencadeados em termos de organização territorial, econômica e social. Em seguida, observar como tem sido a inserção das organizações sociais e políticas em torno do extrativismo nos espaços institucionais presentes no território e verificar qual tem sido a capacidade destas organizações de influenciar políticas públicas em

prol de sua atividade. Com esta delimitação foi possível, então, formular as questões de pesquisa.

Portanto, delimita-se o presente trabalho nas narrativas das quebradeiras de coco do Bico do Papagaio presentes na produção audiovisual “Raimunda a quebradeira” realizada em 2006, na qual fiz parte da equipe que construiu o documentário; e nos discursos produzidos em meios de comunicação posteriormente à rodagem do referido documentário que já contabiliza 14 anos. Considerando, portanto, a influência da mídia na configuração da visão que temos dos eventos sociais, busca-se observar, mediante a análise das práticas discursivas midiáticas, como a realidade social é transformada em discursos que procuram apresentar a realidade local da região estudada.

Este estudo segue as orientações do método de análise do discurso, apresentando-se assim como pesquisa qualitativa que busca entender fenômenos humanos, com o objetivo de obter uma visão detalhada e complexa por meio da análise científica do pesquisador. Esse tipo de pesquisa se atém ao significado dos fenômenos e dos processos sociais. Mas, sendo uma análise relacionada também à subjetividade, conforme os critérios do pesquisador, levando em consideração as motivações, crenças, valores e representações encontradas nas relações sociais (KNECHTEL, 2014). Ainda de acordo com Knechtel (2014, p. 101 - 102), a pesquisa qualitativa possui características que:

[...] ressaltam a natureza socialmente construída da realidade; relação entre o pesquisador e o objeto de estudo; ênfase nas qualidades e nos processos, com destaque para a forma como a experiência social é criada e adquire significado; utiliza entrevistas e observação detalhada (métodos interpretativos); estuda casos específicos; valoriza as descrições detalhadas; faz uso de narrativas históricas, materiais biográficos e autobiográficos. (KNECHTEL, 2014, p. 101-102).

Ainda de acordo com o autor, os pontos focais prioritários desse tipo de pesquisa são: a preocupação anterior com os processos, não se preocupando frontalmente com o resultado e o produto; o interesse pelo significado, como as pessoas relatam suas vivências e experiências, sua visão de mundo; a busca por informações diretamente no campo de pesquisa; a ênfase na descrição e explicação de fenômenos; a utilização de processos indutivos, a fim de construir conceitos, hipóteses e teorias (KNECHTEL, 2014). Portanto, todo o sistema simbólico será de grande importância pois compõe a interpretação e análise dos discursos das

mulheres quebradeiras de coco a partir de elementos da mídia, levando em consideração que este sistema está em constante mutação e que os participantes passam por pressões, negociações e apropriações destes discursos.

2.2.2 Estratégias, mapeamento e plano de ação

Dividiu-se o percurso da pesquisa em três etapas. Na primeira delas, elegeu-se a decupagem dos depoimentos captados no documentário “Raimunda – a quebradeira”, parte das falas estão dispostas no decorrer da pesquisa; posteriormente reuniu-se os registros midiáticos e documentais do período pós-documentário na atuação das quebradeiras de coco da região do Bico do Papagaio, onde buscou-se observar os avanços, as conquistas, os desafios e o engajamento político-econômico do movimento de mulheres que brigam pelo acesso livre a terra. Por fim, formatou-se as estratégias metodológicas da busca. Nesse momento, criou-se categorias nas quais foram inseridos os registros de acordo com a análise. As similaridades entre as falas possibilitaram essa divisão baseada em temas levantados pelas quebradeiras nos seus depoimentos. Outra característica que possibilitou esse cruzamento de informações foi a elaboração de um pequeno roteiro básico utilizado para análise de cada categoria de estudo.

Essa formatação das estratégias metodológicas possibilitou, por parte da pesquisadora, a ocupação do lugar de mediadora nas abordagens. Isso se deu tanto na produção do documentário, quanto no momento de buscas.

Após o levantamento dos dados, foi feita a tabulação e interpretação para responder às hipóteses levantadas e atingir os objetivos almejados. A interpretação e conclusão foram realizadas pelo conjunto de todos os métodos utilizados, da pesquisa documental e bibliográfica e dos dados tabulados e analisados.

A forma mais antiga de se conhecer histórias é através da oralidade. Ela possibilita que a história ouvida pela sua avó, contada por sua bisavó, tenha sido ouvida pela sua mãe e hoje ela lhe conta. Alguns conhecimentos e histórias não possuem registros escritos, mas nem por isso se perderam; foram “guardados” a partir da oralidade e possibilitam que quem os ouve, conheça os mitos, contos, ritos e ensinamentos. Foi o que me aconteceu há muitos anos, minha bisavó sequer sabia escrever, mas não foi por isso que lhe faltaram as palavras, muito menos impediu que a sua história fosse ouvida e repassada por gerações. Minha avó

aprendeu e se encarregou de ensinar aos seus, inclusive a mim.

3 O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO NA HISTÓRIA DE LUTA: AMBIENTE E SOCIEDADE

Eu não lia a Bíblia, mas eu era muito encabulada com essa história da igreja de que a gente é pobre porque Deus quer. Quando eu via meu pai dizia assim: Ah, mas tem Deus pra me dá e tem o diabo pra levar. Eu ficava doida, porque eu trabalhava demais e o diabo sempre levando, era muito difícil. Eu comprei uma Bíblia, eu vou estudar. Que Deus é esse? Que homem é esse? Que pai é esse? Que tem os filhos, deixa uns com a barriga cheia e outros com fome? Não, eu vou ter que estudar. Porque eu trabalhava o dia, a noite eu botava a lamparina e eu ia ler (SILVA, 2007)

Em tempos nos quais as transformações são diárias, as informações circulam cada vez mais rápido e os acontecimentos caem no esquecimento com facilidade, a memória das pessoas acaba se tornando uma fonte de informações que resiste ao tempo. Isso possibilita que os pesquisadores possam buscar informações e acontecimentos do passado que em alguns casos foram desprezados, excluídos, silenciados ou simplesmente desconsiderados na construção da história de um grupo social, na memória da comunidade. Os modos de agir das pessoas nas comunidades são, via de regra, observados e reproduzidos pelas gerações contemporâneas e pelas gerações seguintes, criando-se a tradição, o conhecimento, os hábitos e os costumes que posteriormente se tornam marcas sociais desse povo.

O Dicionário de Conceitos Históricos de Silva e Silva (2009) traz, em sua introdução, um direcionamento da obra com definições de fenômenos sociais ocorridos na sociedade. Sobre o vocábulo tradição, os autores afirmam que o termo

[...] teve originalmente um significado religioso: doutrina ou prática transmitida de século para século, pelo exemplo ou pela palavra. Mas o sentido se expandiu, significando elementos culturais presentes nos costumes, nas Artes, nos fazeres que são herança do passado. Em sua definição mais simples, tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade. Esse conceito tem profundas ligações com outros como cultura e folclore. (SILVA; SILVA, 2009, p. 405).

Ainda para se pensar a construção de tradições e sua relação com o meio habitado, o filósofo Felix Guatarri entende que as relações da humanidade com o *socius*, com a psique e com a "natureza" tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais; não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela

existência de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto. Catastróficas ou não, as evoluções negativas são aceitas tais como são. O estruturalismo e depois o pós-modernismo acostumou-nos à uma visão de mundo que elimina a pertinência das intervenções humanas que se encarnam em políticas e micropolíticas concretas. Nas palavras de Guatarri, isso promove um perecimento da práxis pela morte das ideologias (GUATARRI, 1990 apud FARIAS, 2018).

Nesse processo de fortalecimento das tradições culturais e de identidade, a autora Cicilia Peruzzo (2008) aponta a importância das experiências de comunicação dos movimentos sociais e as classifica como “populares” ou “comunitárias”. Tais experiências evidenciam características próprias, entre elas o exercício da participação direta “onde se faz possível que os receptores das mensagens dos meios de comunicação se tornem também produtores das mesmas e emissores do processo de comunicação” (PERUZZO, 2008, p.139).

Esse processo de comunicação é caracterizado, segundo John Downing (2002 apud AMORIM, 2008), pela produção de conteúdo e de mídias pelos próprios receptores a partir do conceito de mídia radical alternativa. Para o autor, a mídia radical, como é denominada, expressa culturas excluídas que exprimem suas prioridades e aspirações com “uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2002, p. 21 apud AMORIM, 2008). As expressões promovidas pelas classes dominantes, segundo Peruzzo (1998), que trazem seus objetivos e ideologias, despolitizam o receptor, impedem a participação popular na produção das mensagens e, de forma geral, ocultam ou desvirtuam a realidade. A primeira, por sua vez, estaria ligada à cultura popular e desempenharia um papel de “cultura de resistência” ao sistema reprodutor da ideologia dominante (PERUZZO, 1998, p. 134).

Em um contexto mais amplo, a comunicação popular relaciona-se com a comunicação e a cultura dos movimentos populares, o que contribui para proporcionar modificações no cenário de atuação dos movimentos, como por exemplo, na cultura e na própria estruturação dos meios de comunicação e da sociedade. Sendo assim, no movimento das quebradeiras de coco – movimento de minorias étnicas ou sociais – o processo pelo qual essas mulheres tornam-se porta-vozes da comunidade, ou seja, partem de receptoras da mídia de massa à produtoras de suas próprias mensagens e mídias; não se limita ao campo da

comunicação, ele inclui a dinâmica da cultura desses grupos. Nesse sentido, pode-se afirmar que a comunicação popular se contrapõe também à comunicação de massa. Neste capítulo, portanto, em consonância com o que defende Guatarri, promove-se a discussão sobre o processo das configurações ambientais e sua influência na vida das pessoas, além das formas de expressão e o uso dos meios de comunicação que as quebradeiras de coco disponibilizam para afirmar suas identidades étnicas.

3.1 O cenário das lutas e o fortalecimento da comunicação popular

Na paisagem do local em questão, objeto da presente pesquisa, região do Bico do Papagaio, a palmeira do coco babaçu, uma das mais importantes palmeiras do Brasil, é nativa e se reproduz de forma natural e abundante. A utilização desse recurso natural entrelaça histórias de resistência, preservação de riquezas naturais e da cultura regional, com os litígios do meio rural, a situação de pobreza e um Estado negligente em reconhecer direitos, especificamente para as mulheres extrativistas do coco babaçu, como uma condição de herança para essas populações.

A palmeira do coco babaçu pode atingir até 30 metros de altura (Figura 7). No território brasileiro, ela chega a ocupar uma área de aproximadamente 25 milhões de hectares, conforme dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), com predominância nos estados do Maranhão, Piauí, Pará, Mato Grosso e Tocantins. O nome da palmeira tem origem do tupi-guarani, *ibá-guaçu*, que significa “fruto grande”, mas para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, a palmeira é chamada de mãe, pois o fruto grande faz parte de suas vidas, das suas famílias e conforma- a identidade local.

Figura 7 – Babaçuais da Região do Bico do Papagaio



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

Do primeiro sinal do sol até o cair da noite, ou seja, no intervalo entre a alvorada e o entardecer, muita coisa acontece na vida de uma quebradeira de coco babaçu e esse é um intervalo de tempo precioso. O cotidiano de centenas dessas mulheres escreve as páginas de trajetórias de luta pela sobrevivência, que em suas labutas diárias o tempo precisa ser dedicado inteiramente ao trabalho, caso contrário, elas não conseguem levar o alimento para a família (Figura 8 e Figura 9).

Figura 8 – Mulheres quebradeiras de coco



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

Figura 9 – Dona Raimunda quebrando coco



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

No Brasil, estima-se que cerca de 400 mil famílias, em sua maioria descendentes de indígenas, comunidades negras, pescadores e ribeirinhos, sobrevivam do extrativismo do babaçu (ROCHA, 2011). De acordo com informações

da Associação Regional das Mulheres do Bico do Papagaio (ASMUBIP), aproximadamente 3 mil famílias sobrevivem, na região do Bico do Papagaio, das atividades agroextrativistas, e a coleta do babaçu é uma delas. Na referida região – localizada no norte do Estado do Tocantins e nomeada de Bico do Papagaio porque está localizada nos contornos dos rios Tocantins e Araguaia que desenham o formato de um bico de papagaio – tem-se a maior área de ocorrência de babaçuais do estado do Tocantins. A vegetação local é composta por áreas de Cerrado, Floresta Amazônica e de transição entre os dois biomas de concentração dos babaçuais (ROCHA, 2011).

Conforme a classificação do IBGE, a microrregião do Bico do Papagaio possui 25 municípios e uma população de 210.421 habitantes, conforme estimativa de 2015. Desse total, mais de 33% da população vive na zona rural, o que corresponde a uma população em torno de 70 mil pessoas. De ocupação pioneira, a região é a que teve maior quantidade de habitantes pós-construção das rodovias Belém-Brasília e Transamazônica, nas décadas de 1950 e 1970, respectivamente. Com a construção dessas rodovias, houve o avanço das pastagens e de propriedades grandes e médias; além de pequenas propriedades e numerosos assentamentos da Reforma Agrária. Em grande parte dos municípios do Bico do Papagaio, o número de habitantes é pequeno devido ao processo de migração dos camponeses e assentados de suas terras para as vilas próximas, transformando-as em municípios (CECCHIN; SILVA, 2015). A cidade de Araguatins é a exceção, com mais de 30 mil habitantes que vivem, em sua maioria, na zona urbana (IBGE, 2010).

Considerada com uma das microrregiões mais pobres do Estado – IDH médio de 0,62 e uma população rural de mais de 33% – o Bico do Papagaio destaca-se pela grande diversidade natural e por ser uma região que faz divisa com os estados do Maranhão e do Pará. Segundo Santos e Ratts (2011 apud CECCHIN; SILVA, 2015), trata-se de uma situação de fronteira com uma questão fundiária importante. No período de 1970 a 1990, por exemplo, a região vivenciou conflitos agrários, dentre eles a Guerrilha do Araguaia, disputa travada entre trabalhadores rurais, fazendeiros, investidores e pequenos agricultores pelo controle da terra e dos recursos naturais com episódios de grilagem de terras (CECCHIN; SILVA, 2015).

Acredita-se que esses conflitos tenham sido iniciados desde os anos 1960, momento no qual o governo federal incentivou a implantação de grandes projetos agropecuários sem considerar a realidade sociocultural da população local. Além

disso, a construção da rodovia BR-153 possibilitou o acesso à diferentes mercados consumidores dos estados que fazem fronteira com a região e valorizou comercialmente as terras locais - (CECCHIN; SILVA, 2015). A população local, sobretudo a que sobrevivia do agroextrativismo, passou a vivenciar e a fazer parte dos conflitos territoriais e, diferente dos grandes e médios produtores, não lutavam por grandes espaços de terras, só queriam ter onde morar e plantar conforme explica dona Raimunda:

Antigamente, as pessoas que não tinham terra onde chegava numa localidade, o que ele cercasse ele era dono. Então o cara vinha de avião, voava por cima, e ia lá fazia o documento da terra, mas como que era, eu não sei como ele fazia esse documento, mas que ele fazia, fazia (SILVA, 2007, 00:10:16).

Assim, pode-se observar que o cotidiano das populações do Bico do Papagaio foi atravessado por inúmeros conflitos de terra e estes, muitas vezes, marcados por episódios de violência. Não foi apenas a Dona Raimunda e todas as outras quebradeiras de coco que sofreram com esses conflitos, também as comunidades quilombolas, indígenas, entre outras.

Imagina só o biquinho do papagaio aqui, quantos trabalhadores rurais não morreram? A gente viu, morrer filhos de pessoas pobres assim do jeito da gente. A mãe ficar louca, porque misturou uma coisa com a outra. A mãe ficou louca, bebendo cachaça na rua. Aí dizia aquela mulher bebe porque quer. Eu disse: Não, ela bebe porque ela perdeu três filhos contra a nação. Ela não pode dar jeito neles. Os filhos delas viraram pistoleiros. Então morreram matado, porque não pode só matar, outro vem e mata também (SILVA, 2007, 00:24:03).

Esse conflito de interesses dava-se, entre outros motivos, porque esses sujeitos que se apropriavam das terras da região negavam às quebradeiras de coco o acesso às terras e conseqüentemente ao bem natural, as palmeiras. No Bico do Papagaio, os palmeirais do coco babaçu são vistos como um recurso natural que deve estar disponível ao usufruto comum. Para as mulheres quebradeiras de coco, o babaçu não é uma mercadoria e não pertence ao dono da terra porque, segundo elas, eles não plantaram nenhuma palmeira (CECCHIN; SILVA, 2015).

Quando eu pisei nessa terra, que eu olhei era muita terra, pra mim era muita terra, andando quebrava coco. Eu falei pra comadre Rosa do Doca mais a Tereza; eu disse: essa terra podia ser dos trabalhadores... e ela falou assim: aqui é muito difícil, o dono dessa terra é muito rico. Aí eu falei: pois

ele é rico, podia dá essa terra pra gente, porque a terra... o cidadão não tem terra, nem eu não tinha nem eles tinham nenhuma terra (SILVA, 2007, 00:09:33).

Essa percepção da Dona Raimunda em relação a terra ilustra a sua insatisfação com a realidade local e isso possibilitou que ela se tornasse porta-voz de 400 mil trabalhadoras rurais extrativistas, em defesa do meio ambiente e dos direitos das mulheres.

Eu falo da terra padre João dentro da igreja porque a Bíblia toda fala de terra e hoje o senhor falou das ovelhas, e ovelha não se cria no ar, se cria na terra. A terra é sagrada que cria tudo. O pastor é Jesus Cristo, mas Jesus Cristo saiu e deixou os pastores para cuidar das suas ovelhas, para voltar pra lá, e essas ovelhas não pode morrer de fome, não pode ficar perdida por aqui, foi isso. Aí ele disse, olha de hoje pra frente, a Dona Raimunda é a catequista e animadora da comunidade” (RAIMUNDA, 2007, 00:18:31)

Inicialmente nos espaços da igreja, Dona Raimunda pouco a pouco foi assumindo um lugar de comunicação, ao passo que se entendia enquanto pastora daquelas ovelhas. Ao fazer isso, tornou-se tanto receptora quanto produtora das mensagens do grupo ao qual representava. Esse movimento, segundo Peruzzo (2008), é a experiência de comunicação popular ou comunitária que fortalece as tradições culturais e as identidades dos representados por aquela voz, nesse caso, a Dona Raimunda e as quebradeiras de coco.

Ainda de acordo Peruzzo (2008), a comunicação para o povo e por ele desenvolvida traz como fundamentação a conquista da cidadania, o que significa a passagem de súditos para cidadãos, dentro de um arcabouço social que requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se seu status de cidadão à qualidade da participação. Esta é uma de suas bases, a outra reside na noção de que suas formas se condicionam ao tipo de sociedade política em que se vive (PERUZZO, 1992).

Portanto, a tomada de consciência da realidade local pelas quebradeiras de coco e as ações posteriores a ela, sobretudo pessoalizadas na figura da Dona Raimunda, foi um movimento marcado pela comunicação popular, de passagem da condição de súditos para cidadãos e que possibilitou que essas mulheres lutassem, sobretudo, pelo direito de trabalharem e por condições mais dignas para que isso acontecesse.

3.1.1 Conservação, cultura e tradição

O debate acerca do extrativismo do babaçu envolve questões como a conservação, os conhecimentos tradicionais e conflitos socioambientais, entre outros; sobretudo porque essa atividade enfrenta o impedimento da quebra do coco babaçu nas áreas de fazendas agropecuárias. As grandes fazendas e latifúndios da região iniciaram o movimento de desbastar as áreas de palmeiras para implantar os campos e pastos da pecuária leiteira e de corte. Posteriormente a isso vieram as monoculturas da soja e arroz e, atualmente, os conflitos são gerados pelas commodities. Para Almeida; Shiraishi; Martins (2005), esse crescente cerceamento e privatização dos campos foram o estopim para a produção das leis que tratassem - sobre a questão.

Esses conflitos pela posse da terra estouraram na década de 1980, litígios sem comprovação cartorial da propriedade e ameaçaram os territórios tradicionais que foram moradia de diferentes grupos durante muitos anos. Grileiros e fazendeiros agiram de forma violenta: ameaçavam e expulsavam as comunidades presentes nas terras; cercavam áreas; e expulsavam as famílias do babaçual, negando a elas pequenos pedaços de terra onde não era possível fazer roça e nem acessar o babaçu.

Tais acontecimentos favoreceram o ingresso das quebradeiras no movimento sindical, o que proporcionou o contato entre mulheres que exerciam o mesmo ofício em outros estados. Elas, então, descobriram similaridades nos problemas vivenciados e perceberam que não estavam sozinhas. Dessa união, cria-se, no início dos anos 1990, o Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). O Movimento foi gestado com trabalho coletivo e apoiado por uma rede de organizações: associações, clubes, cooperativas, grupos de mulheres, entre outros. Todas essas instituições lutavam e lutam pela preservação dos babaçuais; pela garantia dos direitos das quebradeiras de coco à terra e ao território; pelo acesso livre às palmeiras de babaçu; por políticas governamentais voltadas para o extrativismo; e, ainda, pela equidade de gênero.

A arte da quebra do coco, aprendida e repassada de geração a geração, sustenta há séculos famílias no interior do Brasil. Coube a essas mulheres, enfrentar jagunços, cercas, machismo, e a pobreza local. Com seus cofos (Figura 7 e Figura 9) cestos de palha de babaçu produzidos por elas para carregar os cocos e

machados, as mulheres assumiram o ofício da extração do babaçu e passaram a se denominar, reconhecer e organizar como mulheres quebradeiras de coco babaçu. Para elas, tornou-se identidade e profissão:

Tenho 65 anos, minha arte é quebrar coco direto, todo dia. Quebro coco, tiro azeite, faço carvão, mas não me dou bem fazendo carvão, quando faço carvão fico ruim, fico tonta (SILVA, 2007, 00: 14:09).

No decorrer dos anos, essas mulheres passaram a fortalecer sua identidade coletiva. Os momentos que se reuniam para quebrar o coco – às vezes nos fundos das casas de algumas delas ou no campo – eram aproveitados para, além de trabalhar, também compartilhar suas aflições, medos, violências sofridas no lar, os anseios e as dificuldades sofridas pela falta de perspectiva no cotidiano do campo.

Em depoimentos feitos no documentário, muitas mulheres quebradeiras contaram que, antes da criação da Associação – momento no qual tinham medo de entrar nos babaçuais cercados – chegaram a arrendar terras por aproximadamente R\$ 1.500,00 para três mulheres catarem por vez os cocos de babaçu. Mesmo pagando pelo uso da terra, o acesso aos pés de babaçu era restrito, caracterizando-se como um modelo exploratório incompatível com a realidade dessas comunidades. As quebradeiras pagavam um valor que muitas vezes mal conseguiam juntar, por medo de utilizarem as terras “sem autorização”. Nessa época, a amêndoa do coco babaçu era vendida no mercado a vinte centavos o quilo, e elas lembram com tristeza desse período.

E despejavam com violência as famílias pra poder ficar com a terra. Além disso, eles tinham o apoio do poder instituído que eram as Forças Armadas e o poder político e do Getat (Grupo Executivo das Terras Araguaia e Tocantins) que nessa época foi criado com um poder maior do que o poder do presidente da república. Era pra defender, segundo eles, as terras federais (GÓI, 2007, 00:10:45)

Outra quebradeira complementa a fala da quebradeira Lourdes:

“Era muita humilhação. A gente era muito humilhada. Tinha que pagar para pegar o coco e mesmo assim tratavam a gente como se a gente fosse roubar algo, e a gente só catava o coco, não fazia mais nada nas terras”, lembra dona Maria Celsa. Dos 50 anos de vida, 43 foram catando coco e faz questão de reforçar “sou quebradeira de coco e tenho muito orgulho de dizer isso!” (PASSOS, 2018).

As quebradeiras de coco passavam muito tempo juntas em sua labuta diária, o percurso percorrido a pé para catar coco babaçu é longo, em alguns casos era preciso entrar em matas distantes e ultrapassar as cercas que protegiam as fazendas e propriedades. Devido à distância, elas costumam catar e quebrar o coco onde encontram um volume grande de palmeiras; por lá passam o dia quebrando e comem por lá mesmo o que levaram de refeição, às vezes só farinha e pimenta (Figura 10). Ao final da tarde, as quebradeiras retornam para as suas casas e a quebrar uma média de seis a oito quilos de coco babaçu por dia, cada uma (Figura 11 e Figura 12).

Figura 10 – Momento da quebra do coco



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

Figura 11 – Retorno à casa depois da quebra do coco



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

Figura 12 – Um dia de coleta do coco na região do Bico do Papagaio



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

Diante do exposto, percebe-se como Dona Raimunda e as quebradeira de coco, em meio ao conflitos que viviam em relação à sua atividade de subsistência,

começam a se reunir e a estabelecer diferentes modos de se comunicarem entre si – igrejas, momentos de colheita do coco, nas suas casas, entre outros – e a se comunicarem com outras instâncias da sociedade ao se reunirem em associações, sindicatos e outros modos associativos. Esse movimento, além de proporcionar a elas espaços de luta, de voz e de partilha, se constitui também em lugar de visibilidade e circulação de sua cultura. Assim, o conjunto de práticas de trabalho e de luta dessas mulheres poderá ser perpetuado ao longo do tempo.

Peruzzo (1992) afirma que a comunicação através dos movimentos populares, sobretudo o operário e o sindical, ocorridos entre os anos de 1970 e 1980, proporcionaram maior visibilidade à ação de grupos populares marginalizados que tinham como pautas as lutas por melhores condições de vida, saúde, segurança. Para a autora, a comunicação popular desse período foi mais uma alternativa de participação horizontal, comunitária e dialógica. Porém, o sentido político permaneceu o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, não deixa de ser um processo de mobilização visando atingir interesses e a suprir necessidades de sobrevivência e de participação política (PERUZZO, 1992).

Portanto, o movimento empreendido pela Dona Raimunda, as quebradeiras de coco e demais grupos da região se constituiu como um movimento de comunicação popular que tinha como objetivo denunciar as mazelas de sua sobrevivência. Ainda que tenha sido uma organização de grupos considerados marginalizados, permaneceu o sentido político por reivindicarem ações daqueles que por muito tempo os invisibilizaram.

3.2 Lutas, transição e estratégias

O Estado do Tocantins, localizado na zona de transição entre o cerrado e a floresta amazônica, foi emancipado politicamente em 1988 e passou a integrar a região chamada Amazônia Legal e também a região norte do Brasil. Por sua localização privilegiada, pretendia-se que o estado, e também toda a região, fossem exemplos de modernidade e crescimento no país; para isso, foram facilitados os empréstimos públicos e privados com o objetivo de viabilizar a implantação de projetos de desenvolvimento no território. Com isso, permitiu-se a chegada de

investimentos na região que anteriormente pertencia ao Estado de Goiás (ZITZKE,2007).

Conforme dito anteriormente, todo esse incentivo ao desenvolvimento da região que era norte do Estado de Goiás e passou a ser Estado do Tocantins acentuou uma série de conflitos relacionados à propriedade de terras. Uma das pautas componentes desses embates era o acesso das quebradeiras de coco às terras que dispunham do coco babaçu. O movimento em favor das quebradeiras criou o termo “babaçu livre” que definia a luta para que o babaçu não fosse propriedade de ninguém, o que garantiria pleno acesso das trabalhadoras extrativistas aos babaçuais (CECCHIN; SILVA, 2015). Com o tempo, o termo tornou-se a bandeira do movimento e a logomarca dos produtos (CECCHIN; SILVA, 2015).

Em 1986, o padre Josimo, religioso católico que atuava na região, foi assassinado e esse acontecimento teve repercussão internacional. Isso, juntamente ao assassinato de Chico Mendes no estado do Acre, ampliou as possibilidades de denúncia desses crimes e conferiu maior visibilidade ao assunto (CECCHIN; SILVA, 2015). De acordo com Barros (2012 apud CECCHIN; SILVA, 2015), a projeção internacional do movimento teve relação também com a baixa dos preços do babaçu em função da importação do óleo da Malásia; o que levou as mulheres quebradeiras a discutir a necessidade de uma política federal que garantisse os preços da amêndoa e do óleo.

Esse movimento que surgiu não para as mulheres, mas apenas com mulheres de acordo com Santos e Ratts (2011 apud CECCHIN; SILVA, 2015), e ganhou, com o tempo, o apoio dos homens, tornou-se uma questão não só econômica, mas também política. A predominância feminina se deu pelo fato de que as mulheres passavam mais tempo nos acampamentos, o que possibilitou e facilitou a articulação entre elas. Atualmente, o movimento permanece predominantemente feminino e conta com a participação dos homens apenas nas danças e celebrações religiosas.

Nessa luta, muitas mulheres assumiram papéis tidos como masculinos e reivindicaram a terra e equidade social sobre ela, aumentando a visibilidade feminina. Rocha (2012 apud CECCHIN; SILVA, 2015) afirma que a luta trouxe algumas conquistas, entre elas a criação de várias leis municipais que asseguravam o livre acesso às terras e o uso comum das famílias que sobrevivem dessa atividade

extrativa, além da proibição do uso de agrotóxicos, da derrubada e da queimada de palmeiras.

Tendo como ponto de partida a luta contra as derrubadas das palmeiras, as quebradeiras de coco se organizaram também no enfrentamento dos problemas cotidianos inerentes a destruição dos babaçuais. O movimento empreendido por essas mulheres recebeu diversos apoios, destaca-se as pastorais ligadas à Igreja Católica e as organizações não governamentais. Relativo à organização e seu processo próprio, as mulheres quebradeiras reivindicaram a ocupação de espaços políticos, invariavelmente sob o domínio de homens. No depoimento abaixo Dona Raimunda e a quebradeira Lurdinha contam um pouco sobre os conflitos da época.

Sem terra não existe rosa. É pra jogar a Bíblia no mato? Não, não, não, não é pra jogar no mato não. Eu disse porque Padre João eu falo de terra dentro da igreja quando eu vou fazer celebração, porque está escrito na Bíblia. Se for pra não falar da terra pois eu não pego mais na Bíblia. Ele falou: não, é pra fazer aquelas reunião de sindicato? Porque houve um tiroteio lá dentro da igreja de Augustinópolis (SILVA, 2007, 00:17:39).

E nas palavras de Lurdinha:

Foi uma reunião de estudos sobre sindicalismos, sobre os direitos dos trabalhadores que fizemos na igreja e fomos surpreendidos com mais de 50 pistoleiros armados querendo nos matar, a nós e os trabalhadores rurais, as trabalhadoras rurais, que inclusive se encontrava a dona Raimunda que liderou a oração do domingo de noite (GÓI, 2007, 00:18:06).

O convívio em espaços coletivos e políticos conscientizaram as quebradeiras de coco sobre a importância de se articularem com os demais grupos de mulheres que passaram por situações semelhantes às delas. A partir disso, estabeleceram parcerias com diferentes grupos que tinham pautas transversais às delas: grupos de luta pela igualdade de gênero e o movimento ambientalista, entre outros. Além disso, se associaram também a práticas jurídicas de defesa destes grupos. Todo esse conjunto possibilitou que a sua prática cotidiana de acesso aos recursos naturais fosse-, a partir de então, munida de conceitos de conservação e emancipação, entre outros; possibilitou ainda construir e ter visibilidade a uma identidade social própria. Segundo Shiraishi Neto (2017), a luta das quebradeiras forneceu potência ao seu discurso enquanto grupo social, ao passo em que deixaram de ser tidas como estereótipo e passaram a assumir o debate político e se

colocaram no centro dele, tornando-se protagonistas e exemplo de luta em defesa da ecologia.

No início da década de 1990, iniciou-se o processo de organização das mulheres que constituíram o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Inicialmente, o movimento organizou uma agenda de luta das mulheres e foram prioridades as questões ligadas ao combate à devastação dos recursos ecológicos e a garantia ao acesso livre e uso comunitário das palmeiras de babaçu. Com a construção de uma agenda política e a organização da luta, o MIQCB foi conquistando cada vez mais força política.

De acordo com Almeida; Shiraishi; Martins (2005), no período anterior ao processo de organização das quebradeiras, não era raro que elas fossem representadas através de imagens folclóricas ou pictóricas que as confundiam com a própria natureza a paisagem dos cocais, o exotismo da floresta, as matas onde havia incidência de babaçu. A identificação coletiva mediada, sobretudo pelo MIQCB, foi um fator decisivo para desfazer essa “imobilidade iconográfica”, inserindo as quebradeiras de coco, de modo organizado, “nas estruturas do campo do poder e nos circuitos do mercado”, desnaturalizando-as e dando- a elas uma nova condição. O universo das quebradeiras passou então a ser política e economicamente (re)inventado, não mais se confundindo necessariamente com as áreas de ocorrência de babaçuais.

Ainda segundo Almeida (1995, p. 19), o exercício de reelaborar uma identidade coletiva e de poder conferir “significado político a uma categoria historicamente de uso cotidiano”, pode promover novo sentido não somente na vida das quebradeiras, mas também em suas ações sociais, especialmente nos mundos da política e da economia; e de forma bastante acentuada, no âmbito doméstico e de seus pares, os demais trabalhadores rurais.

A ressignificação da vida das quebradeiras de coco e de suas relações com os demais agentes sociais através da marcação de fronteiras, na perspectiva de Fredrik Barth (2000 apud ALMEIDA, 1995), seria capaz de forjar uma identidade adequada ao uso cotidiano. No entanto essa identidade seria diferente das demais, mesmo dos grupos mais próximos, como os trabalhadores rurais e sem-terra. Todavia, isso não as descaracterizam, ao contrário, reforça aspectos da condição original do modo de viver de tais mulheres trabalhadoras. Isso possibilita que elas contrastem as transformações, supostamente modernizadoras, que sucedem na

zona do babaçu como a expansão da pecuária, da siderurgia, da indústria de óleos vegetais e das plantações de soja e eucalipto. No sentido contrário, a organização das quebradeiras em movimento social autônomo politiza a natureza e as separa dos babaçuais, construindo-se como sujeitos sociais. A defesa e conservação dos recursos naturais são, no dizer de Almeida; Shiraishi; Martins (2005), atos políticos que estabelecem novas formas de solidariedade.

3.3. Mobilizações para o “Babaçu Livre”

O movimento das quebradeiras de coco e de outros grupos formados por mulheres extrativistas tem como principal bandeira o uso livre da terra. Para estes grupos, a institucionalização da Lei do Babaçu Livre, que permitiu o acesso livre às terras públicas e privadas, foi uma conquista importante e que garantiu a continuidade de suas atividades de subsistência. Essas terras nas quais o acesso foi permitido para os grupos extrativistas, em sua maioria, são ocupadas por monoculturas agrícolas ou pela pecuária, e nelas estão presentes os babaçuais.

Movimentos como esse aproximam os diferentes grupos que se encontram em situação semelhante, que têm posto em causa as políticas públicas que continuam sendo pensadas de forma “universal”, contribuindo com a efetivação do “reino de um único direito”, o que mais tem servido para “apagar” as diferenças existentes do que para garantir o direito às diferenças (SHIRAISHI NETO, 2017). No caso das mulheres quebradeiras de coco, estabelece-se uma rede de afinidades com agentes coletivos reunidos pela semelhança do modo de vida e do histórico de luta travada por elas; e o grande ponto de conexão estava centrado na necessidade de afirmar a territorialidade, algo historicamente reivindicado junto a instituições públicas responsáveis.

Das ações de lutas pelo acesso livre aos babaçuais empreendidas pelas quebradeiras de coco, destaca-se a força da comunicação tradicional e da comunicação popular. Sobre ela, diferentes autores da concepção política da comunicação afirmam que comunicação popular não se restringe a meios e técnicas, mas contempla também os processos culturais que se articulam através de redes populares com sentidos, símbolos sociais e políticos diferenciados da classe dominante. Para Peruzzo (1992, p.119), a relação entre a comunicação popular e os movimentos sociais pode ser classificada como “popular-alternativa” e se trata da

comunicação que exprime a luta por melhores condições de existência para o povo, mediante movimentos de base organizados. Assim, pode-se afirmar que as mulheres extrativistas quebradeiras de coco utilizaram a comunicação popular como ferramenta e ela passou a ser agente da definição na inter-relação entre grupos e classes populares na articulação das alianças políticas.

Considera-se que uma das lutas mais importantes das quebradeiras de coco foi reforçar a prática e a consciência coletiva do acesso livre ao babaçu, materializado na “lei do babaçu livre”. Esta modalidade de legalidade representa a resistência perante o processo de privatização das terras públicas, nas quais acontecem a coleta e quebra de coco. De acordo com as mulheres quebradeiras, esses territórios possuem a característica de serem de livre acesso e uso comum dos trabalhadores que vivem em sistema de economia familiar e comunitária; para esses grupos, a apropriação privada de propriedades está relacionada com uma tendência de “modernização predatória e conservadora” da Amazônia (ALMEIDA; SHIRAIISHI NETO; MARTINS, 2005).

A compreensão de que a palmeira de babaçu é tão ou mais importante que a terra em si mesma, coaduna-se com uma “prática social” relativa ao uso do recurso que se realiza de forma comum a todas as famílias. Não há um proprietário dessa ou daquela árvore; as palmeiras são utilizadas indistintamente de forma comum. Aliás, o seu uso está relacionado à capacidade de trabalho e à necessidade de cada família frente ao recurso. No caso, o direito é derivado das “práticas sociais” e por isso a regra mais importante é aquela que diz respeito à garantia do recurso para a reprodução física e social das quebradeiras de coco e de suas famílias (SHIRAIISHI NETO, 2005, p. 18).

Desde a sua constituição, o MIQCB vem discutindo formas para a garantia do acesso e do uso comum dos recursos naturais. O que, no entanto, não tem sido fácil, já que mesmo em face da existência da Lei, as mulheres têm que lidar com processos diferenciados de uso do solo, os quais, na maioria das vezes, as exclui como parte do partilhamento deste uso. Na Câmara dos Deputados debateu-se sobre a formulação e a proposição de um projeto de lei que desse conta de atender essa necessidade. Assumiram a frente desse processo os parlamentares simpáticos ou próximos às quebradeiras de coco e à sua luta.

O Projeto de Lei n. 1.428 de 1996 seguiu condições normais de trâmite na Câmara, tendo sido arquivado regimentalmente; ele foi apresentado por mais três vezes, não alcançando êxito. As forças contrárias ao projeto produziram mudanças

de comportamento em face às estratégias adotadas, com a apresentação da proposta às câmaras municipais e, posteriormente, às assembleias legislativas. Essa estratégia de promover a “luta jurídica localizada” (SHIRAISHI NETO, 2017) é uma particularidade de diversos movimentos sociais do Brasil.

No dia da votação do projeto, as quebradeiras de coco marcaram presença numerosa e lotaram as câmaras municipais com faixas, cestos, abanos, porretes e machados. Tudo isso fez parte de um movimento pensado e munido de estratégias, no qual previa-se, para o dia da apresentação e discussão do projeto de lei, desde a escolha do vereador que apresentaria a proposta até a pressão política no dia da votação da lei. Em várias ocasiões o projeto foi reescrito de forma a atender os diversos interesses em jogo. Contudo, nem sempre essas ações se mostraram válidas; às vezes as mulheres foram obrigadas a recuar e a aguardar uma nova oportunidade para a apresentação do projeto.

Importante destacar que não estava em pauta apenas a questão do uso das terras, mas também a preservação e o respeito à biodiversidade local. O trabalho das quebradeiras de coco é marcado pela habilidade e pelo respeito com a natureza e seus ciclos; fazer isso é garantir a conservação dos recursos naturais. Historicamente atrelou-se às mulheres a responsabilidade pela preservação de ambientes naturais e dos usos e costumes atrelados à natureza. Ao longo do tempo, não foram poucas as vezes nas quais essas mulheres demonstraram, na sua prática cotidiana, a responsabilidade e o conhecimento relacionados à promoção da biodiversidade e das práticas culturais.

Tem-se ainda um segundo elemento da ideia de desenvolvimento sustentável, os ideais de igualdade e de solidariedade, vivenciados, na prática, pelas quebradeiras de coco. Eles são os elementos basais da proposição e formulação das leis do “babaçu livre”. Entre as quebradeiras, o coco é igual e solidariamente distribuído já que, como “árvore mãe”, a palmeira deve prover a todos, indistintamente. No seu cotidiano, diversos rituais são respeitados. Ao saírem para “caçar o coco”, por exemplo, o cacho coco nunca é cortado por inteiro, pois, se assim o fizerem, apenas uma única família ganha; ao invés disso, as quebradeiras deixam o coco cair naturalmente, respeitando o seu ciclo e possibilitando que todas possam catá-los. Ao caírem no chão, os cocos podem ser amontoados e não são tomados por outras mulheres. Na Figura 13, observa-se o momento da coleta.

Figura 13 – O trabalho de “cata” exercidos pelas quebradeiras de coco



Fonte: Material de divulgação do Documentário “Raimunda, a quebradeira”

A “cata” do coco é feita a partir da percepção de que cada mulher armazena o suficiente para as suas necessidades e com isso não se verificam disputas entre as mulheres pelo recurso. Ele é utilizado de forma aberta e comum pelas diversas famílias que dele dependem.

Eu me ajunto mais ela, mais essa ou mais outra e nós compra um pacote de arroz de duas, porque não dá de comprar um sozinha, aí nós vamos e tira um pacote de arroz. Nós compra um pacote de açúcar, nós duas, eu fico com meia e a companheira aqui fica com meia (OLIVEIRA, 2007, 00:09:14).

Assim, pode-se observar que as quebradeiras de coco movimentam-se organizadamente para garantir uma distribuição justa e solidária dos recursos e também para garantir a preservação da natureza e da biodiversidade. A lei do “babaçu livre” oferece o acesso livre a propriedades privadas para a coleta do coco, todavia seus princípios são objeto de contestações dos proprietários das terras e, em alguma medida, dos governos federal e estaduais. Estes, por desconhecimento

ou ignorância, insistem em adotar estratégias de desenvolvimento predatórias e que colocam em risco os diversos grupos sociais da região.

É evidente que a lei é apenas um dispositivo, o que faz a prática legal ser validada são ações cotidianas de fortalecimento da ideia e o reconhecimento do valor do movimento. Elas estão cientes de que somente a lei não basta:

De certo tempo pra cá é que eu vim entender o que que as músicas falam, de que é que ela tá falando. Eu tinha 12 anos quando fizeram uma marcha de Carnaval, é.. que falava sobre as favelas. Eu não sabia o que que era favela. Eu não sabia o que uma criança, o que uma pessoa sofre dentro de uma favela. Porque tirar uma criança pra levar, pra botar numa favela daquela é muito ruim, dez mil vezes melhor aqui dentro do mato, mesmo crescendo analfabeto, mesmo crescendo sem saber do mundo, mas pelo menos vive de gente (SILVA, 2007, 00:06:56).

A epistemologia do direito é preñe de conceitos empíricos, de compreensões populares do seu alcance e poder. As mulheres confiam nesta abrangência que por vezes pode até ser ingênuas, elas compreendem que o resultado, a eficácia da lei está condicionada a um campo de disputas, que envolve o “direito em dizer o direito” (BOURDIEU, 1989 apud SHIRAIISHI NETO, 2017). Daí que as mulheres encaram o dispositivo legal, interpretando-o à sua maneira, que expressa - uma nova convivência entre as pessoas e a natureza.

Garantir que as quebradeiras de coco possam continuar a exercer a sua atividade, além de ser elemento de subsistência e preservação da biodiversidade local, é também um modo de manter vivas as tradições e as culturas locais. Há, portanto, uma preocupação com a preservação desse bem imaterial do território e de quem detém o conhecimento sobre as tradições que são os mais velhos e eles atransmitem por meio da oralidade. Perde-los, ao priva-los de suas atividades laborais, é perder também elementos de sua cultura. Hampaté Ba (1978, apud MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2017) afirma que “um velho que morre é uma biblioteca que se incendeia”, surgindo daí a importância das pessoas mais velhas dessas comunidades e a séria preocupação de conservação das tradições e, conseqüentemente, a preocupação de preservar a memória ancestral.

Observou-se, durante os vários dias de produção do documentário, que os mais velhos têm a sua memória acionada diariamente em situações cotidianas de transmissão de conhecimento. Isso se dava em momentos de aprendizagem dos ofícios tradicionais, em narrativas de seus mitos e lendas ou em diversos outros

momentos; essas são as práticas que auxiliam na manutenção de suas raízes culturais e identitárias.

Diante disso, pode-se afirmar que as ações empreendidas pelo Movimento do Babaçu Livre tiveram a comunicação popular, nos seus diversos modos, como um elemento central na luta pelos direitos e que conformou-se como seu principal instrumento de luta. Todavia, percebeu-se ainda que, apesar de o acesso à terra ter sido a pauta motivadora, diversas outras questões foram transversais nessa luta, entre elas a preservação e manutenção da natureza e dos costumes e tradições.

4 A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA

Existem várias maneiras de se apreender o mundo, e isso pode acontecer por meio da linguagem, dos códigos, dos signos. Mobilizar cada um desses modos possibilita diferentes interpretações de uma fração da existência. A crescente revolução do espaço humano em termos do acesso às tecnologias e relações tem exigido cada vez mais o conhecimento desses diferentes sinais dos discursos. Para que as ideias, semânticas, ocorrências e objetos sejam bem compreendidos, cabe aos comunicadores aperfeiçoarem ainda mais os seus signos, buscando maior amplitude de comunicação.

Atualmente, vive-se na era da busca por melhores capacidades expressivas que explorem as fronteiras dos signos e dos códigos e utilizá-los possibilita também atualizações na linguagem, que permanece em constante mutação. Esse processo do comunicar-se não fica restrito às palavras e o dizer verbal é insuficiente na expressão das emoções e sensações. Na utilização dos recursos audiovisuais, existem signos desconectados de palavras que são fortemente persuasivos e que falam aos olhos e aos ouvidos. Em relação à expressão de sentimentos, expõem especificidades muito particulares de vivências que são meramente redutíveis à descrição e à explanação. O audiovisual é, portanto, uma brincadeira de ângulos contraditórios a se resolver, a quem a palavra é mero rótulo de cerceamento, é um canal inviável para determinadas ações perceptivas que devem “esperar até que nossa mente deduza, da unicidade da experiência, generalidades que podem ser captadas por nossos sentidos, conceituadas e rotuladas” (ARNHEIM, 1984, paginação irregular).

O audiovisual é considerado por alguns autores como a junção harmônica de linguagens, sons, imagem, palavra e escrita. Assim, o audiovisual abre outros caminhos, não apenas o visual e sonoro, mas também o do conhecimento, ao passo que integra outros órgãos do sentido de uma maneira mais requintada. Para a Ciência da Informação, é fundamental a preservação, catalogação e o arquivamento "a fim de se incorporar ao conjunto, independentemente de ser ou não audiovisual, o material tem que existir de forma permanente ou semipermanente" (McCARTHY; TARGINO, 1984, p. 305 apud BETHÔNICO, 2006).

De acordo com Silva (2007), o Grupo de Pesquisa Audiovisualidades (GPAV) formulou o conceito de Audiovisualidade sob forte influência dos conceitos de

imagicidade e cinematismo, proposto por Eisenstein (2002); de duração, proposto por Bergson (2006); de virtualidade e zeroidade, pensado por Deleuze (1988); e de pós-mídia de Guattari (1989). O conceito de audiovisualidade tem como primeiro desafio pensar o audiovisual em sua irredutibilidade a qualquer mídia audiovisual – televisão, cinema, vídeo, internet – ainda que as mídias e seus processos lhe sejam imprescindíveis (SILVA, 2007).

Eisenstein defende a ideia de que o cinema não pode ser reduzido à máquina industrial que lhe deu forma, porque ela é apenas a forma que se reinventou como máquina semiótica (SILVA, 2007). Muitas outras formas permanecem em devir, estão à espera de agenciamentos que as criem como novidade. A experiência contemporânea da convergência midiática aparece como uma novidade na realização desses devires potenciais do audiovisual, os quais são denominados de audiovisualidade. Um dos grandes desafios colocados às pesquisas sobre audiovisualidades é compreender o movimento como um processo de diferenciação criadora e que tem o futuro por foco (SILVA, 2007).

Para Marc Ferro (1976), o cinema é um testemunho singular de seu tempo, pois está fora do controle de qualquer instância de produção, principalmente o do estado; mesmo a censura não consegue dominá-lo. O filme, para o autor, possui uma tensão que lhe é própria que traz à tona elementos que viabilizam uma análise da sociedade diferente da proposta pelos seus segmentos, tanto o poder constituído quanto a oposição.

[o cinema] destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo se tinha constituído diante da sociedade. A câmara revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar. Ela descobre o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seus "lapsus". É mais do que preciso para que, após a hora do desprezo venha a da desconfiança, a do temor (...). A ideia de que um gesto poderia ser uma frase, esse olhar, um longo discurso é totalmente insuportável: significaria que a imagem, as imagens (...) constituem a matéria de uma outra história que não a História, uma contra análise da sociedade (FERRO, 1976, p,41).

De acordo com esse pensamento, o filme atinge as estruturas da sociedade ao mesmo tempo em que age como um contrapoder por ser autônomo em relação aos diversos poderes desta sociedade. Sua força reside na possibilidade de exprimir uma ideologia nova, independente, que se manifesta mesmo nos regimes totalitários, nos quais o controle da produção artística é rígido. Através das

produções cinematográficas, os cineastas podem se posicionar com relativa independência das correntes ideológicas dominantes, isso possibilita a criação e a proposição de novas visões de mundo e conseqüentemente uma consciência diferente.

Para Ferro (1976 apud MORETTIN, 2011), o cinema permite o conhecimento de regiões nunca antes exploradas. Descobrir a porta que nos leva a estes novos caminhos – que são indicados de maneira inconsciente pelo diretor – significa salientar os “lapsos” deixados pelo diretor em seu produto. A análise da linguagem cinematográfica comprovaria sua tese. É por se manifestar desta forma que a obra cinematográfica se constitui como um documento privilegiado. Para Ferro, o documento fílmico produzido pelo Estado, ou por outras instituições, difere do documento escrito de mesma origem. O primeiro “traz sem querer uma informação que vai contra as intenções daquele que filma, ou da firma que mandou filmar”. Isso não quer dizer que não haja “lapsos” nos documentos escritos, “mas no filme há lapsos a todo o momento, porque a realidade que se quer representar não chega a esconder uma realidade independente da vontade do operador” (FERRO, 1976, p. 41 apud MORETTIN, 2011).

Ainda de acordo com Ferro (1976, p. 42 apud MORETTIN, 2011), esses “lapsos” podem “ocorrer em todos os níveis do filme, como na sua relação com a sociedade. Seus pontos de ajustamento, de concordâncias e discordâncias com a ideologia, ajudam a descobrir o latente por trás do aparente, o não-visível através do visível”. Acredita-se, no entanto, que a análise das relações entre cinema e história não possa ser elucidada a partir das dicotomias aparente/latente; visível/não-visível; história/contra história. Assim, reforça-se a ideia proposta pelo autor de que o cinema não é uma expressão direta dos projetos ideológicos que lhe dão suporte, ou seja, um filme apresenta, de fato, tensões próprias.

As tensões próprias do filme, porém, não devem ser pensadas nos termos de sua inclusão no campo da “história” ou da “contra-história”, como faces opostas de uma mesma moeda. Deve-se, de outro modo, afirmar a possibilidade de recuperar o “não visível” através do “visível”, já que essa análise vê a obra cinematográfica como portadora de dois níveis de significado independentes, perdendo de vista o caráter polissêmico da imagem. Este raciocínio só tem sentido para aqueles que, ao analisar um filme, separam da obra um enredo, um “conteúdo”, que caminha paralelamente às combinações entre imagem e som, ou seja, aos procedimentos

especificamente cinematográficos. Pelo contrário, afirma-se que um filme pode abrigar leituras opostas acerca de um determinado fato, fazendo desta tensão um dado intrínseco à sua própria estrutura interna. A percepção desse movimento deriva do conhecimento específico do meio, o que nos permite encontrar os pontos de adesão ou de rejeição existentes entre o projeto ideológico-estético de um determinado grupo social e a sua formatação em imagem (FERRO, 1976 apud MORETTIN, 2011).

Comandam toda a reflexão de Ferro sobre cinema a idéia de que uma realidade – verso e reverso de uma sociedade – é apreendida pelo filme e percebida somente pelo historiador e a de que este profissional deve refletir constantemente os termos registrar e revelar – expressões tão caras a uma tradição cinematográfica preocupada em trazer para o cinema o “real” – esquecendo-se do papel de mediação exercido pelo cinema (MORETTIN, 2011). Ferro (1985 apud MORETTIN, 2011) afirma que a contra-análise da sociedade é fornecida de várias maneiras pelo cinema. Uma delas, por meio de uma variedade de informações, como gestos, objetos, comportamentos sociais, entre outros, que são transmitidas sem que o diretor queira. Outra possibilidade é o fornecimento por meio das estruturas e organizações sociais, essencialmente nos filmes não documentários que não têm a função de informar.

Apesar de o cinema possuir um caráter independente face ao poder, trazendo dentro de si elementos que possibilitam a contra-análise da sociedade, um tipo em especial é eleito como o lugar privilegiado dessa manifestação: “o filme realizado com poucos recursos que, em certos casos, pelo menos, permite a um grupo ‘tomar a palavra’”. Para o autor, as “grandes obras fílmicas da contra-história (...) provêm naturalmente das sociedades onde o regime político não deixa à história sua liberdade e onde, para se exprimir, ela toma uma forma cinematográfica” (FERRO, 1980, p.117 apud MORETTIN, 2011).

A dimensão da cultura e os processos de sua legitimação por meio dos discursos circulantes possibilitam que se pense a produção audiovisual como sintoma de uma época. Ao indagar sobre as maneiras pelas quais a autenticação da realidade e o retorno a uma estética realista se impõem nas narrativas da televisão e do cinema, indaga-se também sobre as possibilidades de delinear os contornos de um realismo crítico e político, oscilando entre uma forma documental de expressividade e o melodrama ficcional narrativo. Além da construção de efeitos de

realidade, em que ocorre o mascaramento dos processos de ficcionalização nela implicados, determinadas manifestações podem ser mais ligeiramente identificadas como audiovisuais do que outras.

De modo geral e, em alguma medida incoerente com o nome, considera-se audiovisual, em acervos, aquilo que, obviamente, lida com áudio e/ou visual e o que não possui o formato de um livro. Nesse critério tanto faz se o som e a imagem estão juntos ou separados ou ainda, em alguns casos, se o suporte tem ou não a inclusão da palavra. Dentre as mídias, as mais contemporâneas como o cinema, a televisão, o videocassete e o computador pessoal, caracterizam-se pelo poder da manipulação simultânea de elementos visuais e sonoros; e ainda por conectarem diferentes códigos a partir de uma ideia, produzindo, efetivamente, informação e sedução.

Pode-se afirmar que o cinema, o vídeo, a televisão, a multimídia, a ópera, o teatro, o balé e grande parte das manifestações da cultura popular são nomes diferentes dados em diferentes contextos e épocas. Tratam-se de manifestações culturais diversas de um mesmo fenômeno sócio-cultural, mas com uma unidade significativa assim como um manuscrito, um anúncio, um poema ou um telegrama. A linguagem audiovisual pode ser articulada ainda em outros meios que a necessidade humana criar. Apesar das diferentes definições existentes para identificar o que é a diversidade de encontros entre o visual e o sonoro, para compreender o audiovisual faz-se necessário investigar as inúmeras possibilidades de mediação capazes de existir entre a emissão e a recepção baseadas, simultaneamente, em signos visuais e sonoros. O audiovisual “diz-se da mensagem constituída da combinação de som e imagem” (FERREIRA, 1986, p. 199 apud BETHÔNICO, 2006).

Assim, destaca-se que são essas as compreensões que nortearam as análises da presente pesquisa. Em relação à grafia, encontra-se dois modos: áudio visual e audiovisual. Prefere-se a última, não unicamente porque figura no Dicionário Aurélio, mas pela característica eisensteiniana de montagem: procedimento de montagem que assegura a unidade expressiva da estrutura. Ainda que a denominação audiovisual seja impregnada por outras significações advindas de outros usos, aposta-se nesta etimologia. A respeito do recurso ou meio audiovisual, entende-se que pode ser qualquer suporte no qual se estabeleçam relações audiovisuais. Quanto à linguagem audiovisual, considera-se como um conjunto sistemático de processos articulados de significações com certa quantidade de

sentidos que o próprio signo possui dentro deste sistema; esses sentidos estabelecem, ainda, um conjunto de relações entre os possíveis componentes sonoros e visuais. Ao dizer sobre código audiovisual, refere-se àqueles paradigmas articulatórios cristalizados, dicionarizados ou dogmatizados. E, por fim, entende-se discurso audiovisual enquanto uma mensagem, uma manifestação articulada de um código audiovisual ou da linguagem visual.

4.1 O suporte da semiótica na linguagem do audiovisual

Dentro da matriz teórica da semiótica discutem-se as abordagens mais adequadas nas análises dos signos na prática audiovisual. Charles Peirce (1990) indica os parâmetros que favorecem a avaliação das diferentes interfaces da linguagem audiovisual. De acordo com o autor, a Semiótica porta uma análise contextualizada dos signos com a intenção de valorizar alguns ângulos ou aspectos que não são levados em conta em outras conceituações. Assim, a semiótica se converte em uma teoria dos signos, da representação e do conhecimento, capaz de elaborar uma extensão da lógica no território da cognição e da experiência dos fenômenos, propondo novas luzes sobre questões da significação e da produção do sentido (PEIRCE, 1990).

Nota-se que concepção teórica se caracteriza por não ser logocêntrica e não se tratar de uma teoria de extração linguística associada ao pensamento semiológico. Nas palavras de Saussure: não aplica os códigos verbais aos demais domínios da significação. Trata-se, portanto, de uma teoria abrangente, de relações abertas ao contexto, o que permite uma leitura mais compreensiva do real e uma inteligibilidade dos mais diversos processos e produtos de linguagem; isso também é possível porque considera categorias não definitivas, dinâmicas e interdependentes. As definições, divisões e classificações de signo formuladas por Peirce – sem raciocínio taxonômico ou hierarquizado, sem qualquer relação de prioridades, mas rigorosamente lógicas – podem nos prestar enorme auxílio para o reconhecimento geral do território dos signos, discriminando processos de articulação e aumentando nossa capacidade de apreensão da natureza das relações audiovisuais. De acordo com Santaella (1988, p. 95), “Peirce criou conceitos e dispositivos de indagação que nos permitem descrever, analisar e interpretar linguagens”.

A Semiótica possui como engrenagem um apanhado de argumentos que formalizam um horizonte comum para o qual a visão dos problemas dos signos pode ser atacada de diferentes formas. Ainda com relação a Semiótica, pode-se afirmar que ela forma uma base teórica sígnica do conhecimento, que abrange todas as suas configurações racionais, conscientes ou não. Peirce encontrou os elementos formais que acompanham toda e qualquer experiência examinando com atenção e perscrutando a experiência, tida como o que constitui ou forma uma estrada para o conhecimento, impondo-se como uma resultante cognitiva de nossa vida passada (SANTAELLA, 1988, p. 95).

Semiose ou processo de formação de signos, é assim que se nomeia na Semiótica, o pensamento humano. A presença de signos é fundamental para manter a existência de fenômenos, acontecimentos e objetos; e a representação mediadora é necessária para que se conheça algo. Diante de qualquer fenômeno, para que seja possível gerar conhecimento, identificação e daí compreensão de qualquer coisa, a consciência produz um pensamento, uma mediação irrecusável entre nós e os fenômenos. Assim, aquilo que conhecemos por percepção é, na verdade, um signo.

A comunicação em suas diferentes manifestações mobiliza o tempo todo esses signos e as suas múltiplas interpretações e representações. No tocante a comunicação como instrumento de mobilização, Rennan Mafra (2007) acredita que para que uma mobilização social ganhe força e conquiste significativa participação da sociedade, é necessário que os sujeitos se identifiquem ou não com os valores e práticas em questão. A grande questão para o autor, é o que é necessário para que um sujeito se identifique com alguma causa e se torne um mobilizador.

Nessa análise, Mafra (2007) acredita que as dimensões de espetáculo, festa e argumentação, enquanto processos comunicativos, instauram relações e modalidades de participação e interação com os sujeitos. Como é possível mobilizar os sujeitos à participação coletiva? É possível que meios, instrumentos e estratégias de comunicação tenham participação nos processos mobilizadores? Essas são questões importantes para a presente pesquisa, uma vez que compreender o processo comunicativo estabelecido entre as quebradeiras de coco pode ser revelador desses elementos mobilizadores possíveis dentro da comunicação.

4.2 O audiovisual: Instrumento de Conscientização e Crítica Social

Na década de 1960, o documentário assume elementos de caráter revolucionário ao abordar temáticas relacionadas às realidades sociais do país, como as organizações estudantis, os movimentos sindicais operários, comunitários, habitação e saúde. Altafini (1999) afirma que as direções tomadas pelo documentário durante a década de 70 e início da década de 80 foram inovadoras por relatarem o renascimento das mobilizações populares, sobretudo em função da abertura política vivida pelo Brasil naquele momento. Nesse contexto, portanto, o documentário se apresenta enquanto estratégia de exposição e de transformação social ao retratar a realidade brasileira, tornando-se um elemento de conscientização de uma realidade distante para a maioria. A ideia de explorar temas da problemática social que marcou a década de 60, retornou na primeira década do século XXI com o chamado *Cinema de Retomada*, no qual o cinema documental volta a ter um cunho de crítica social envolvendo, paralelamente, os temas economia e política.

De acordo com Generali e Colucci (2009), esse propósito crítico do documentário mostra o papel relevante dos indivíduos documentados e também a realidade de uma comunidade ou sociedade; ambos, normalmente, não são bons eventos. Quanto ao documentarista, cabe o propósito de expor as críticas àqueles que não têm a possibilidade de ver ou vivenciar tal realidade, com a intenção de mobilizar a população politicamente por melhor qualidade de vida para os documentados. Assim, se constrói o papel social daqueles envolvidos com a produção fílmica.

Outra questão levantada pelo documentário diz respeito ao posicionamento do entrevistado enquanto instrumento de argumentos. Lins (2004), a partir de Eduardo Coutinho, evidencia a responsabilidade do diretor em transformar o entrevistado não em um “objeto” de um documentário, mas sim no sujeito de um filme, dialogando com ele. “O outro de classe” surge não apenas como tema de filme, mas como fonte de um discurso, centro do mundo ou centro de um mundo” (LINS, 2004, p. 107). Através disto, o diretor tenta compreender o imaginário do outro sem aderir a ele, mas também sem julgamentos ou avaliações de qualquer ordem, ironias ou ceticismos, sem achar que o que está sendo dito é delírio, superstição ou loucura.

Portanto, a importância do videodocumentário, enquanto fator de conscientização, dá-se a partir do momento em que se contextualizam os fatos de um problema social, evidenciado pela valorização do aspecto pessoal, cujos indivíduos ilustram suas expectativas, dificuldades e ideais. Segundo Peruzzo (1998), o videodocumentário deve ressaltar os valores da comunidade que retrata, de forma a incentivá-la a obter produções que a satisfaça e possibilite a ela o desenvolvimento de suas virtudes.

A participação e a comunicação representam uma necessidade no processo de constituição de uma cultura democrática, de ampliação dos direitos da cidadania e da conquista da hegemonia, na construção de uma sociedade que veja o ser humano como força motivadora, propulsora e receptora dos benefícios do desenvolvimento humano (PERUZZO, 1998, p. 296).

Sendo assim, a partir da ideia de procurar integrar um grupo social destacando suas culturas e preceitos, o documentário valoriza os indivíduos em suas potencialidades e cria contextualização, tanto das dificuldades como das alternativas, para a construção de uma resolução para as respectivas problemáticas. Portanto, compreender o documentário enquanto instrumento de denúncia das mazelas sociais e também de transformação e valorização de um determinado grupo, comunidade e/ou sociedade faz sentido, ao passo em que a presente pesquisa tem um documentário desse cunho como objeto de pesquisa. Discutir não apenas o documentário ou audiovisual, mas também a comunicação e os signos que ela transmite, são elementos fundamentais para compreender os discursos e suas modificações após o evento da produção e rodagem do filme. O documentário “Raimunda, a quebradeira” teve as características indicadas anteriormente?

4.3 “Raimunda Quebradeira” – antes e depois do filme

4.3.1 Antes do filme: a influência da temática e a resistência das quebradeiras

A produção do documentário “Raimunda, a quebradeira” nasceu da amizade entre o diretor Marcelo Silva e as lideranças dos grupos de mulheres quebradeiras de coco da região do Bico do Papagaio, especialmente com a Dona Raimunda. Essa amizade começou no início da década de 90, quando Marcelo Silva foi designado para a produção de matérias jornalísticas sobre enchentes, conflitos de terra e

epidemias que aconteciam na região do Bico do Papagaio. Nessa oportunidade Marcelo e Dona Raimunda se conheceram porque ela morava na região afetada pela enchente. Pouco a pouco a causa das quebradeiras de coco foi ganhando visibilidade em diferentes espaços. Em 2005, por exemplo, Dona Raimunda integrou a lista mundial das mil mulheres que concorreram ao prêmio Nobel da Paz.

Marcelo Silva (2007) explicou que a questão social foi o principal fator que o influenciou a documentar a história de Dona Raimunda e de suas colegas quebradeiras. E, por isso, elaborou um projeto que foi financiado pelo DOC TV, do Ministério da Cultura. O filme produzido em 2006, e que teve duração de 52 minutos, utilizou como fio condutor da história a trajetória de dona Raimunda Gomes da Silva, líder e fundadora do movimento das quebradeiras de coco.

Sem muito espaço na mídia para mostrar a realidade que vivem, as quebradeiras de coco aceitaram a proposta do diretor de gravar o documentário. A intenção delas era denunciar as dificuldades e os problemas que enfrentavam na região. Em entrevista verbal concedida em 2007, o diretor Marcelo Silva contou que desde que tomaram a decisão, tudo sobre elas o interessava.

Tudo delas eu fazia matérias, só que eu também não dispunha de muito espaço. As matérias que saíam sobre elas tinham informações em torno de luta e só às mostrava como vencedoras que tinham superado seus problemas. Saía alguma coisa no Globo Rural e no jornal do SEBRAE, mas eu queria mostrar algo diferente.

Para contar essas histórias o diretor do documentário utilizou-se dos recursos do jornalismo comunitário e afirmou que viu nele dois pontos importantes: o primeiro é a defesa de interesses para se chegar a algum objetivo; e o outro é o fato de mostrar os dons das pessoas que vivem nas comunidades menos assistidas financeiramente, a fim de mostrar o que muitos ainda não conhecem.

Conforme afirma Bernardet (1985 apud HOLANDA, 2006), para que se passe do conjunto das histórias individuais à classe e ao fenômeno, é preciso que os casos particulares apresentados contemham os elementos necessários para a generalização e apenas eles. Essa limpeza do real condicionada pela fala da ciência permite que o real expresse o particular; que o particular sustente o geral; e que o geral saia de sua abstração e se encarne, ou melhor, seja ilustrado por uma vivência (BERNARDET, 1985 apud HOLANDA, 2006). Esse foi o percurso assumido pelo diretor que partiu do conjunto de histórias individuais para chegar à coletividade. De

acordo com Silva (2007), em relação à defesa de interesses, as pessoas mostram do que necessitam para conseguir ajuda para o que buscam. As pessoas que lutam sozinhas e conseguem alcançar aquilo que almejam são exemplos para as pessoas que pensam em desistir.

Marcelo Silva pôde conhecer melhor a região do Bico no ano de 2003 quando, em função da construção de uma usina hidrelétrica na região, foi contratado pelo Ministério Público Federal para fazer um relatório, no formato de vídeo, sobre as quebradeiras de coco babaçu, para um programa de compensação. Não se consistia em nenhum trabalho sofisticado, “era muito técnico”, ele lembra. Nessa produção em vídeo, o jornalista teve a oportunidade de ampliar suas pesquisas sobre a região, conhecer a mata e aprofundar-se nas questões relativas às quebradeiras.

Marcelo Silva afirma que as conquistas tidas a partir do vídeo produzido para o Ministério Público serviram como base na construção do projeto de montagem do documentário. Essa experiência, segundo ele, possibilitou também que conquistasse o apoio das lideranças do grupo das quebradeiras. Em 2005, Marcelo Silva inscreveu sua proposta de documentário no projeto DOCTV do Governo Federal e concorreu com outros projetos do Estado do Tocantins. Vencedor, o diretor recebeu uma premiação no valor de R\$ 100.000,00 (cem mil reais) para realizar o filme dentro de um período de 150 dias, conforme determinava o regulamento do projeto.

Dentre a definição dos aspectos a serem destacados no documentário, Marcelo Silva preocupou-se em evidenciar a cultura tocantinense que, de certa forma, não possui características uniformes. A região norte do estado, por exemplo, tem costumes tradicionais regionalizados e, em sua maioria, vinculados aos povos tradicionais que lutam pela sobrevivência e para manterem suas tradições. A linguagem, as expressões e as comidas típicas são fatores que definem a cultura de grupos específicos e apesar de no Tocantins esses fatores não serem bem definidos, as quebradeiras tocantinenses possuem características culturais muito próprias principalmente relacionadas a alimentação. Segundo o diretor, as pessoas que não conheciam os costumes da região reagiram com estranheza à alguns aspectos, já para os moradores da região o documentário se apresentou como uma chance de registrar e resgatar as suas histórias de vida e também de seus antepassados.

Ainda em relação aos processos anteriores à produção do documentário, faz-se necessário destacar que outros sujeitos já haviam manifestado interesse em produzir materiais sobre a vida das quebradeiras, todavia elas não aceitavam. Numerosas foram as tentativas de convencimento feitas à Dona Raimunda, mas somente Marcelo Silva conseguiu sua autorização. Ele afirma que ganhou a confiança das quebradeiras aos poucos e posteriormente fez pequenos favores para a Dona Raimunda como, por exemplo, levá-la para Palmas, capital do estado, nas tentativas de aproximação com o governo do estado e outras autoridades. Assim, ela o retribuiu com a autorização para filmar a história das quebradeiras.

A amizade entre Dona Raimunda e Marcelo Silva tanto facilitou o processo, quanto permitiu que o produto final fosse o mais fiel possível a realidade das quebradeiras. Mesmo que a gravação tivesse sido permitida por Dona Raimunda, algumas quebradeiras não entendiam o motivo de tamanho interesse pela história delas que, em seus pontos de vista, tratava-se de uma história que não interessava a ninguém. Os questionamentos intensificaram quando as quebradeiras souberam que o diretor teria recebido um valor “extremamente alto” para falar de suas vidas e isso não exigiria delas nenhum sacrifício e, aparentemente, também não resultaria em lucros. Além disso, acreditavam que mostrar a sua história poderia não influenciar em nada nas suas vidas após o documentário.

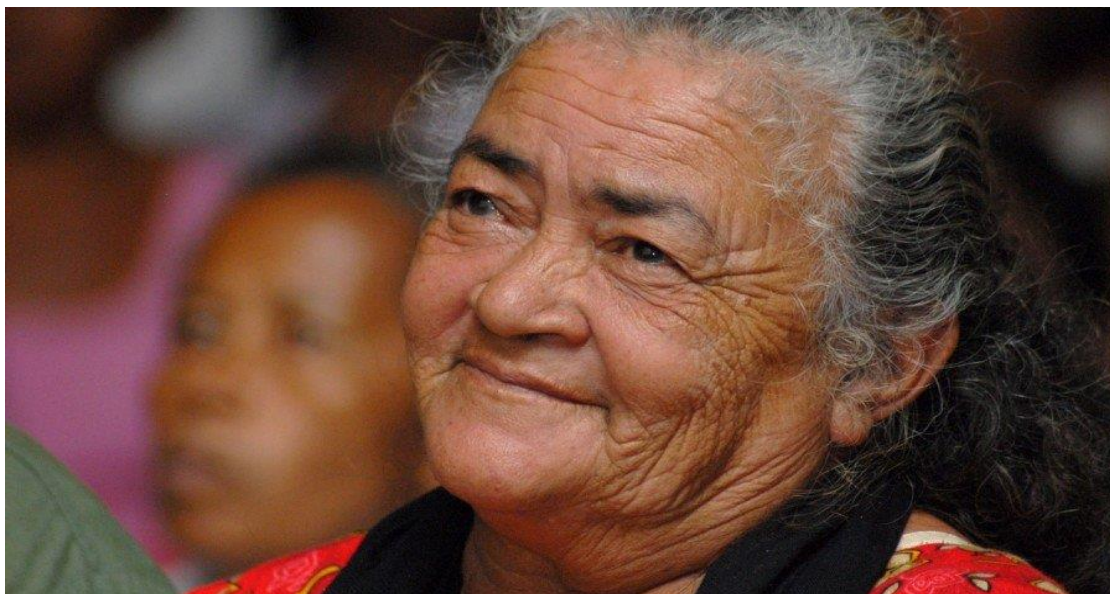
Outra dificuldade encontrado pelo diretor foi o fato de que algumas mulheres quebradeiras de coco não queriam se mostrar como tal; quebrar coco para uma parte delas não era profissão e sim motivo de vergonha por serem chamadas assim. No processo de produção Marcelo Silva afirma que isso foi se alterando e virou motivo de orgulho e autoestima para elas. Foi diante desse contexto de desafios que a produção e a filmagem do documentário se deram e, pouco a pouco, as mudanças foram acontecendo.

4.3.2 Depois do filme: Raimunda do coco, uma memória coletiva

Mesmo antes da exibição do documentário pôde-se perceber que as quebradeiras de coco babaçu foram conquistando espaços de visibilidade. Dona Raimunda Gomes da Silva, a quebradeira protagonista do documentário, foi agraciada em agosto de 2006 com o Título de Cidadã Tocantinense – ela é natural

do Estado do Maranhão – e aproveitou a oportunidade para iniciar o debate em torno da Lei do Babaçu Livre no parlamento tocantinense (Figura 14).

Figura 14 – Dona Raimunda Gomes da Silva recebendo o Título de Cidadã Tocantinense



Fonte: Acervo T1 notícias

Durante o período de filmagens, no ano de 2006, a então deputada estadual Josi Nunes do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) apresentou na Assembleia Legislativa do Tocantins o projeto de Lei para criação, em nível estadual, da Lei do Babaçu Livre que garantiria a proteção dos babaçuais e o livre acesso das mulheres aos cocais e afirmou:

Precisamos aprofundar a discussão. O Tocantins passou a considerar os babaçuais como a sua floresta que merece atenção especial, mas não pode se esquecer de que à sua sombra vivem pessoas que dedicaram suas vidas à preservação das palmeiras. A sobrevivência está ameaçada, caso seja aprovado o projeto de lei que exclui o Tocantins da Amazônia Legal (TOCANTINS, 2017).

Ainda em seu posicionamento, a deputada Josi Nunes mencionou os avanços conseguidos pelas quebradeiras de babaçu no estado, especialmente depois da exibição do documentário produzido por Marcelo Silva. Segundo a deputada, após o audiovisual conseguiu-se duas fábricas de sabão em Axixá graças à doação de recursos por Ongs; criaram-se, ainda, por meio do Governo do Estado, diversos programas sociais para a região, como o “Programa Mão na Massa”. Por fim, a parlamentar afirmou que o presidente Lula garantiu a construção de 800 casas populares para as quebradeiras, em parceria com o Governo do Estado e que o coco babaçu seria utilizado como bioenergia.

Antes do lançamento oficial do documentário em rede nacional, transmitido pela TV Cultura, o diretor Marcelo Silva promoveu a primeira exibição em São Miguel do Tocantins, onde reuniu grande parte das quebradeiras de coco que participaram da produção audiovisual, seus familiares e a comunidade da região para assistir ao filme (Figura 15).

Figura 15 – Primeira exibição do documentário ocorrida em São Miguel do Tocantins



Fonte: Acervo Jornal do Tocantins

O diretor Marcelo Silva explicou que devido ao sinal da TV Cultura não alcançar muitos pontos do estado do Tocantins, a emissora permitiu a exibição do filme antes da data de lançamento oficial em território tocantinense; quebrando, assim, o rígido regulamento do DOCTV. Além da exibição para as quebradeiras em São Miguel do Tocantins, houve sessões em Palmas e em instituições de ensino nas principais cidades do Tocantins. Ao término das sessões, os expectadores eram convidados a um debate em torno do filme, sempre com a participação do diretor.

As primeiras exibições e o processo de divulgação do filme causaram um impacto positivo na realidade das mulheres, motivando uma série de iniciativas da sociedade e do poder público, fazendo-se ouvir o grito dos excluídos do babaçu e chamando a atenção para a devastação dos babaçuais.

O lançamento do filme em Palmas contou com a presença do então governador do Tocantins, Marcelo Miranda, que, na ocasião, se comprometeu a criar conjuntos habitacionais para as mulheres que sempre viveram em casas de palha, atendendo ao pedido de dona Raimunda. O governador, ao contrário da deputada Josi Nunes, não acreditava que o filme tinha sido o único responsável por todas as ações que estavam sendo feitas.

Dona Raimunda tem muita participação. Ela é política, defende os interesses de sua gente e ela tem defendido não só interesses de sua gente do Bico do Papagaio, ela tem defendido interesses do nosso país, porque ela discute projetos importantes não só para as quebradeiras de coco, mas leva conhecimentos de uma pessoa sofrida que vem vencendo com seus projetos. (MIRANDA. Entrevista verbal concedida em: 14 set. 2007).

No evento de lançamento (Figura 16), o governador agradeceu e parabenizou a equipe por mostrar parte da história de uma cidadã tocantinense que sempre expôs os problemas de forma política, buscando melhorias para o Tocantins. Segundo Marcelo Miranda, o filme deu mais clareza à realidade da luta das quebradeiras.

Figura 16 – Dona Raimunda e o governador Marcelo Miranda



Fonte: Acervo de comunicação do Governo do Tocantins

Ainda no ano de 2007, em sessão solene realizada na Câmara dos Deputados em Brasília, Raimunda Gomes da Silva recebeu o Diploma Mulher-

Cidadã Carlota Pereira de Queirós. A indicação foi feita pela deputada Professora Dorinha (Democrata). O prêmio é dedicado às mulheres que tenham contribuído para o pleno exercício da cidadania, na defesa dos direitos da mulher e nas questões de gênero. Durante a solenidade (Figura 17), Dona Raimunda agradeceu a homenagem e disse que o prêmio é um reconhecimento a todas as mulheres quebradeiras de coco que lutam para garantir os seus direitos. “Nós, mulheres quebradeiras, somos discriminadas, mas somos fortes, guerreiras, lutamos juntas e esse prêmio é em homenagem a todas as quebradeiras e extrativistas”, disse em sua fala na Câmara.

Figura 17 – Dona Raimunda durante a solenidade de entrega do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós



Fonte: Assessoria de Comunicação da Câmara

Alguns anos mais tarde, em 2009, Dona Raimunda recebeu o prêmio “Mulheres da História” promovido pelo O Jornal. Essa honraria homenageava mulheres tocantinenses consideradas como exemplo de vida e talento para o Tocantins (Figura 18). Ao todo, 21 mulheres foram homenageadas na oportunidade,

dentre elas também a Dona Miúda, artesã e precursora do artesanato em capim dourado, ambas com causas similares, mas de regiões diferentes do estado. Segundo a direção de O Jornal, elas foram escolhidas pela sua representatividade social, política, administrativa e cultural em prol do desenvolvimento do Tocantins.

Figura 18 – Dona Raimunda e demais homenageadas no prêmio “Mulheres da História”



Fonte: Acervo O Jornal

Por sua atuação em prol das mulheres da região do Bico do Papagaio, a quebradeira de coco recebeu, também em 2009, o título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Tocantins, juntamente com o antropólogo, filósofo e sociólogo Edgar Morin (Figura 19). Recebeu ainda prêmios como o Diploma Mulher-Cidadã Guilhermina Ribeiro da Silva, da Assembleia Legislativa do Tocantins; e o Diploma Bertha Lutz do Senado Federal, concedido a mulheres que contribuíram para a igualdade de gênero no Brasil.

Figura 19 – Registro da solenidade de entrega do título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Tocantins



Fonte: Assessoria de Comunicação UFT

No fim do ano de 2018, aos 78 anos, Dona Raimunda morreu em casa, no povoado Sete Barracas, município de São Miguel do Tocantins por complicações da diabetes. Em 2019, criou-se uma lei no Estado do Tocantins que instituiu o Dia Estadual da Quebradeira de Coco no Tocantins. A medida, sancionada pelo governador Mauro Carlesse (Democratas), foi uma homenagem a todas as mulheres que trabalham com o extrativismo do coco babaçu. A data escolhida, 7 de novembro, coincide com a morte de dona Raimunda Gomes da Silva, a Dona Raimunda Quebradeira de Coco. O objetivo da nova lei é conscientizar as gerações mais jovens a respeito da importância do produto para a economia local.

Diante do exposto pode-se afirmar que a produção do documentário foi um marco importante na luta das quebradeiras de coco, ainda que não tenha sido o único. Outras iniciativas de visibilidade, inclusive audiovisuais, foram promovidas por diferentes sujeitos anteriormente ao filme e também trouxeram reconhecimentos e melhorias ao grupo das quebradeiras, todavia percebeu-se que o fato da produção ter sido em forma de documentário conferiu outras características de denúncia e crítica social, diferente das que vinham sendo feitas. O fato de que o filme pudesse ser rodado mais de uma vez e em diferentes lugares; a liberdade de mostrar e

denunciar a realidade; a possibilidade, ao final da exibição, de dialogar com o diretor; entre outros aspectos, possibilitaram que aquela realidade pudesse ser compreendida de outra forma e vista por um número maior de pessoas e que extrapolavam também os limites do território tocantinense. Assim, acredita-se que a apropriação do documentário enquanto mais um instrumento de luta e de comunicação, possibilitou um fortalecimento do movimento das quebradeiras de coco babaçu.

5 A ANÁLISE DO DISCURSO: EM RAIMUNDA, A QUEBRADEIRA

A Análise do Discurso (AD) surge enquanto teoria que propôs o encontro entre a linguística e a história e questionou o “corte” e a delimitação do campo da linguística; isso possibilitou o remodelamento do sistema linguístico com as condições históricas da língua em uso através das condições de produção dos discursos. Mobiliza-se a Análise do Discurso na presente pesquisa com o intuito de comparar os diferentes discursos produzidos antes e depois da produção do documentário “Raimunda, a quebradeira”.

Thompson (1998 apud CAMPOS, 2010) afirma que a produção de significados simbólicos sempre foi a base do desenvolvimento das sociedades, mas com o surgimento das instituições de comunicação do século XV registrou-se uma transformação significativa na produção e no intercâmbio do conteúdo simbólico nas sociedades. Nesse sentido, a mídia vem transformando os processos de produção, intercâmbio e armazenamento dos produtos simbólicos, desempenhando, na nossa sociedade, um papel crucial.

Deste modo, a mídia, enquanto sistema ideológico constituído tem-se apresentado como um campo fértil de investigação dentro da Análise do Discurso. Portanto, esta pesquisa terá como guia principal o papel da mídia na configuração da visão sobre os eventos sociais e nas observações dos acontecimentos pós-documentário; levando em consideração a análise das práticas discursivas midiáticas e de como foram retratadas e transformadas a realidade social em discursos que buscaram apresentar a realidade da região do Bico do Papagaio no Tocantins.

Sabe-se, entretanto, não ser possível falar do papel da mídia na construção dos saberes e da cultura das mulheres extrativistas de coco babaçu – um dos objetivos iniciais de análise – sem falar da sua influência no meio social como um todo. Da mesma forma, se reconhece que algumas questões aqui levantadas se aplicam aos diferentes espaços nos quais o discurso midiático se faz presente.

5.2 O discurso em prática

Ao se comunicar, o indivíduo retoma outros discursos dentro de uma rede de memória e de sistemas de controles, ativando e atualizando o artefato discursivo

mediante o interdiscurso. O dizer do sujeito é determinado pelas formações discursivas, são elas que determinam o que pode/deve ser dito (FOUCAULT, 2007). Nota-se que as práticas discursivas permitem que os sujeitos constituam formas heterogêneas de falar. Foucault (2007) defende que o sujeito é como resultado do entrecruzamento de diversos discursos.

Compreende-se que o discurso não é atravessado pela unidade do sujeito e sim pela sua separação; afastamento decorrente das várias posições possíveis de serem assumidas por ele no discurso. Nesses termos, o sujeito postulado por Foucault é um sujeito discursivo. Tecido nas malhas do discurso, ele representa uma pluralidade de posições. De acordo com o autor, a constituição do sujeito se dá, indefinidamente, mediante os jogos de verdade aos qual este se vincula (FOUCAULT, 2007).

Nesse movimento das mulheres quebradeiras de coco, diferentes foram os discursos produzidos por elas e sobre elas, especialmente em relação a figura da Dona Raimunda. Tem-se interesse, na presente pesquisa, nos discursos que foram produzidos sobre elas, as quebradeiras de coco, e quais as transformações positivas ou não, promovidas por esses discursos na realidade dessas mulheres.

Logo após a produção do documentário, percebe-se que alguns políticos se interessaram pela causa das quebradeiras de coco e realizaram diferentes ações em benefício delas. Na época, a então deputada estadual Josi Nunes e o então governador do Tocantins Marcelo Miranda foram os sujeitos políticos que demonstraram interesse pelas questões - representadas pela Dona Raimunda. Apesar de toda a sensibilização em torno das exibições do filme, os políticos sempre destacam em seus discursos que a Dona Raimunda era uma pessoa que por si só tinha destaque.

A deputada Josi Nunes participou ativamente, em âmbito estadual, do debate e criação do projeto de lei "Babaçu livre", que previa autorização para as quebradeiras de coco transitarem por terras públicas e privadas em busca do coco de babaçu. Em 2007, cerca de 300 quebradeiras dos estados do Tocantins, Pará e Maranhão e Piauí, integrantes do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco (MIQCB), participaram de um debate na Câmara dos Deputados em Brasília (Figura 20). Na mesma ocasião, contaram com a visita da deputada Josi Nunes que buscou subsídios para a defesa ao projeto de lei.

Em âmbito federal, o projeto de lei “Babaçu livre” foi de autoria dos deputados federais Domingos Dutra (PT-MA) e Moisés Avelino (PMDB-TO). Eles defenderam a proibição da derrubada de palmeiras de babaçu nos estados do Maranhão, Pará, Piauí, Tocantins, Goiás e Mato Grosso.

Figura 20 – Dona Raimunda e as quebradeiras de coco no Congresso Nacional



Fonte: Assessoria de Comunicação do Congresso Nacional

Uma das lideranças que também recebeu Dona Raimunda foi o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (Figura 21). No encontro, Dona Raimunda entregou a ele o projeto de construção de casas para as mulheres extrativistas da região do Bico do Papagaio e também o pedido para implantação da reserva extrativista do babaçu extremo norte; este, tratava-se de um decreto presidencial feito em 1992 e que até aquele momento, ano de 2006, ainda não havia sido implantado.

Figura 21 – Dona Raimunda em encontro com o Presidente Lula



Fonte: Assessoria de Comunicação do Governo Federal

Em 2007, o Governo Federal incluiu o projeto das residências entregue por Dona Raimunda no Plano de Aceleração do Crescimento – PAC, destinando R\$ 19 milhões para o projeto. Ainda em 2007, Dona Raimundo viajou a Brasília para representar as mulheres trabalhadoras do Tocantins. Antes da viagem ela concedeu uma entrevista ao telejornal local Bom Dia Tocantins exibido em 18 de setembro de 2007. Na oportunidade, a quebradeira afirmou que o filme foi uma conquista em sua vida, pois antes as pessoas só a viam como uma quebradeira de coco e após ela passou a ser vista como a Dona Raimunda, quebradeira de coco.

Na entrevista, Dona Raimunda relatou que, em Brasília, se encontraria com diversas autoridades, dentre elas Angelina Jolie, atriz e embaixadora da Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil, para a qual a quebradeira destinaria uma única pergunta: se o objetivo da atriz era o mesmo dela, lutar pela inclusão social.

Junto ao governo do estado do Tocantins, também em 2007, Dona Raimunda conquistou kits para montagem de padarias comunitárias no povoado de Pequizeiro no município de Axixá do Tocantins (Figura 22).

Figura 22 – Quebradeiras do povoado Pequizeiro em de Axixá do Tocantins recebendo os kits para a montagem das padarias comunitárias



Fonte: Acervo de comunicação do Governo do Tocantins

Em 2011, ao abrir oficialmente a terceira audiência pública do programa Agenda Tocantins na cidade de Araguatins, o governador Siqueira Campos, gestor do período, garantiu empenho total no processo de pavimentação de todas as estradas estaduais da região do Bico do Papagaio. Dona Raimunda Gomes participou da audiência e cobrou do Governador Siqueira Campos melhorias para sua comunidade (Figura 23).

Figura 23 – Dona Raimunda se juntou a outras lideranças para cobrar do Governador melhorias ao norte do Estado



Fonte: Acervo de comunicação do Governo do Tocantins

Em 2016, o governador Marcelo Miranda e a vice-governadora Claudia Lélis receberam a Dona Raimunda Gomes da Silva (Figura 24 e Figura 25). Ela foi ao Palácio Araguaia pedir apoio para implantação do Memorial Raimunda Gomes da Silva, na comunidade Sete Barracas, no Assentamento Pontal, localizado no município de São Miguel, no Bico do Papagaio. Na oportunidade, Raimunda também tratou da implantação de um Viveiro de Mudas.

Figura 24 - Audiência no gabinete do Governador Marcelo Miranda



Fonte: Acervo de comunicação do Governo do Tocantins

Figura 25 – Dona Raimunda em reunião com o governador do Tocantins e a vice-governadora



Fonte: Acervo de comunicação do Governo do Tocantins

Diante do exposto, se faz possível perceber que no período posterior a produção do documentário os olhares do poder público estadual e federal se voltaram para a causa das quebradeiras. Assim, pode-se afirmar que, em alguma medida, o filme impulsionou a participação do movimento das quebradeiras de coco babaçu no sistema de governança territorial. Conforme o movimento ganhava espaço e visibilidade, pessoalizado em diferentes oportunidades na Dona Raimunda, percebeu-se que as pautas transversais à luta pelo acesso à terra foram também ganhando espaço. Pode-se citar, por exemplo, as reivindicações por moradia, melhoria nas estradas que dão acesso à região, desenvolvimento local, desigualdade social, trabalho e protagonismo feminino, entre outras.

Esse movimento de diferentes políticos, ao dizer sobre a Dona Raimunda e levantar pautas e projetos relacionados à luta dela e de suas companheiras, indica as várias pautas representadas por ela, dona Raimunda, mesmo que a questão do coco seja a motivação principal pela qual fala-se sobre ela. Estão presentes no discurso dos políticos questões relacionadas à desigualdade social, desenvolvimento sustentável, representatividade, trabalho e protagonismo feminino, entre outras.

Essa multiplicidade de pautas relacionadas com a questão geradora do movimento das quebradeiras de coco ilustra essa condição de sujeito discursivo proposta por Foucault (2007). Ao passo em que a Dona Raimunda e as quebradeiras conquistavam espaço, lidavam com grupos e estabeleciam novas relações, elas deixaram de ser porta-voz apenas da sua causa principal, passaram a ser também de toda a região e das pautas transversais às suas. Por fim, nota-se que o discurso utilizado pela protagonista do documentário, Dona Raimunda, foi capaz de captar semiologicamente essas mudanças materiais e imateriais gestadas no interior de uma comunidade no decorrer da sua trajetória de luta.

5.3 Arquivo e Memória

O arquivo está intimamente relacionado à memória e essa relação é reforçada por Courtine (2009 apud FREITAS, 2012) ao dizer sobre a montagem de um corpus, quando o autor descreve que operar com o arquivo na composição do corpus significa estar inadvertidamente atento à memória discursiva, aos seus movimentos e deslocamentos e aos efeitos que ela provoca no discurso. Ao trazer a noção de

memória para os quadros da AD, Courtine (2009 apud FREITAS, 2012) afirma a importância que esse gesto representa e, sobretudo, representará para a área a partir de então.

Ao falar sobre memória, não se refere à memória individual, mas àquela em dimensão mais ampla. Quando pensada em relação aos discursos, a memória é tratada como interdiscurso, definido como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2007, p. 31). É o que a Análise do Discurso chama de memória discursiva, o saber discursivo que torna possível o dizer. Deste modo, o interdiscurso disponibiliza modos de dizer que afetam a significação de uma dada situação discursiva.

Em relação aos sentidos já estabilizados, a memória opera no sentido de provocar, ao mesmo tempo, a retomada e o deslize destes para outros. Nesse caso, é preciso entender a memória como aquela que “aciona” os discursos já produzidos em situações diferentes, nas tramas da linguagem. É isso que torna possível os dizeres. Sendo assim, tomamos o interdiscurso como importante conceito para analisar o discurso, considerando, sobretudo, o modo como o sujeito significa em uma dada situação; uma vez que o dizer não é particular, mas as palavras significam pela história e pela língua. Em outras palavras, não existe um discurso fundador, dizemos que há uma estreita relação entre o que já foi dito e o que se está dizendo, logo, o “interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2007, p. 33).

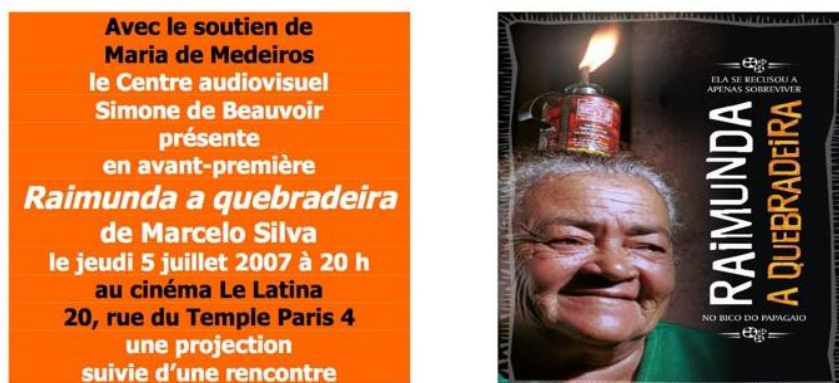
O interdiscurso faz sentido pelo acionamento da memória, mas o sentido nunca é dado antecipadamente; ele é construído pelo homem em suas situações de trocas sociais por meio da linguagem. Além de ser a lei que rege o aparecimento do enunciado-acontecimento – aquilo que pode e deve ser dito – o arquivo permite também que os enunciados possam ser atualizados, tendo sempre um campo associado e uma substância material, linguística.

Pode-se afirmar, baseado no exposto até o presente momento, que a visibilidade conquistada pela Dona Raimunda e as quebradeiras de coco babaçu em diferentes modos de comunicação, possibilitou a construção de diferentes interdiscursos construídos por aqueles que receberam e ressignificaram a mensagem transmitida por elas. Esses sujeitos receptores e, em parte, também sujeitos emissores desse discurso, construíram paulatinamente a memória sobre

essas mulheres e a sua luta. Acredita-se que, por se tratar de uma produção audiovisual, a própria produção do documentário se apresentou enquanto um modo de se construir e preservar essa memória. O filme foi consideravelmente premiado e isso reforça ainda mais essas relações.

Em março 2007, antes do lançamento no Brasil, o documentário se tornou alvo de olhares estrangeiros e foi exibido em Paris, na França, no cinema Lê Latine, seguido de um debate a respeito do tema abordado (Figura 26).

Figura 26 – Convite para o Avant Premiere em Paris



Le film sera présenté par **Rodolphe Hammadi** auteur d'un reportage photographique sur les Quebradeiras (casseuses de noix de coco) qui a donné lieu à une exposition au lycée Français de New York, au Centre Fleg à Marseille en avril 2007 et au Cinéma Le Latina en mai 2007 (Festival du cinéma brésilien).

Raimunda a quebradeira de Marcelo Silva

Brésil, 2007, 52 min, VO brésilienne sous-titrée en français

Dans le Bico de Papagaio, une des régions les plus violentes du Brésil dans les années 70-80, Raimunda lutte contre la pauvreté et l'analphabétisme, Confrontée au problème de la répartition des terres, elle se bat quotidiennement en travaillant comme casseuse de noix de coco « babaçu ». Aux côtés du père Josimo, assassiné par des hommes de main, elle a aidé les Quebradeiras (casseuses de noix de coco) à s'organiser et à obtenir des terres faisant ainsi entendre le cri des exclus.

Elle donne tout son temps et son énergie à cette cause, à l'agriculture écologique et à l'amélioration de la qualité de vie des Quebradeiras contrariant de la sorte les intérêts des industriels et des grands propriétaires.

Quebrando coco babaçu, ela sobreviveu à pobreza, ao analfabetismo e à linha de frente dos conflitos pela posse da terra no Bico do Papagaio, uma das regiões mais violentas do Brasil nas décadas de 70 e 80. Ao lado do padre Josimo, assassinado por pistoleiros, ela ajudou a organizar a sua gente, conquistou a sua terra e fez com que o Brasil e o Mundo ouvissem o grito dos excluídos do babaçu. Aposentada, ela se dedica à causa do babaçu livre, da agroecologia e da melhoria da qualidade de vida das quebradeiras de coco, contrariando interesses da indústria e dos latifundiários

Marcelo Silva est journaliste et réalisateur. Il a travaillé sur le film *O Caminho das Onças* de Sérgio Sanz puis en 2001 il produit un premier documentaire *A Romaria dos Excluídos*. En 2005, son documentaire *Os Caretas de Lizarda* a été sélectionné par la région du Tocantins pour participer à l'année du Brésil en France.

Organisé par le

Centre audiovisuel Simone de Beauvoir

fondé en 1982 par Delphine Seyrig,
Carole Roussopoulos et Ioana Wieder
28 place Saint-Georges 75009 Paris
tel + 33(0)1 5332 7508

www.centre-simone-de-beauvoir.com

Projections, archives, recherches, ateliers,
800 films en archives, 120 en distribution,
une collection DVD « Une caméra à soi »

Un grand merci à **Silvia Balea**
et à **Marcelo Silva Palmas**
En partenariat avec

LE LATINA
CINÉMA DES PAYS LATINS
Sous les auspices de l'Union Latine

Fonte: Acervo Pessoal

O diretor do documentário, Marcelo Silva, ganhou dois prêmios pelo filme logo depois das primeiras exibições: Melhor Média Metragem no Festival Guará de Cinema Ambiental na cidade de Cuiabá – MT; e Melhor Média Metragem no Festival de Belém do Cinema Brasileiro (Figura 27).

Figura 27 – O diretor Marcelo Silva recebe o prêmio da atriz Dira Paes no Festival de Belém do Cinema Brasileiro



Fonte: Acervo Pessoal

O filme recebeu menção honrosa na Jornada Internacional da Bahia, na qual participaram cerca de 800 filmes. Para o diretor, a conquista desses prêmios é importante porque dá visibilidade ao filme e cria naqueles que ainda não o viram, a curiosidade em assistir. Além das premiações, “Raimunda, a Quebradeira” foi selecionado para a mostra CINE DOCUMENTA em Ipatinga no Estado de Minas Gerais. Um dos prêmios que não resultou em troféu, mas trouxe muito orgulho para o diretor é que ele acredita que tudo isso mexeu com a autoestima das mulheres que até então se sentiam discriminadas em suas comunidades e, a partir das exibições, passaram a ter tratamento diferenciado.

Ainda foram expostas as fotos do francês Rodolph Hamadi, capturadas no período de filmagens do documentário, no Museu de Arte Moderna da cidade de Marselha, França, e no Festival de Cinema Brasileiro de Paris (Figura 28). A exposição seguiu para Nova Iorque, onde foi apresentada no Liceu de Arts, uma escola francesa tradicional. Em cada cidade, ocorreu simultaneamente a exibição do filme. Em duas exposições, foram realizados leilões das fotos para arrecadar fundos para as quebradeiras.

Figura 28 – Exposição fotográfica das quebradeiras



Fonte: Acervo Pessoal

Símbolos do Tocantins, o babaçu e as quebradeiras de coco foram inspirações da artista visual Maria do Rosário, a Madu, que inaugurou em 2019 a

exposição “Babaçu, a Força da Mulher Tocantinense – Uma história contada em tela” no Salão de Exposição do Espaço Cultural José Gomes Sobrinho (Figura 29). Na ocasião, houve uma homenagem à Dona Raimunda Quebradeira, à Chef Ruth Almeida e a Genésio Tocantins, personalidades tocantinenses com ligação de vida, profissão e arte com o babaçu.

Figura 29 – Cartaz de divulgação da Exposição



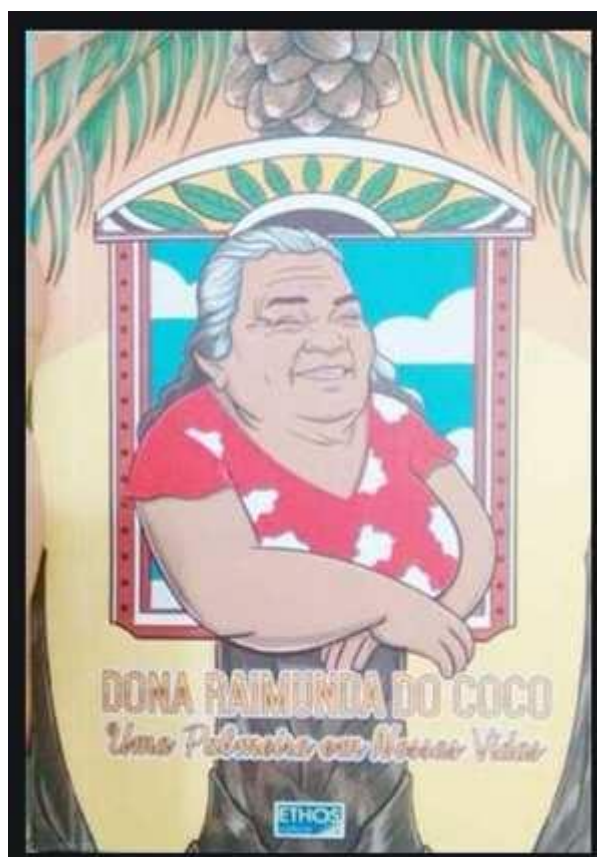
Fonte: Acervo pessoal

A ONG Repórter Brasil – que tem como missão identificar e tornar públicas situações que ferem direitos trabalhistas e causam danos socioambientais no Brasil – abriu espaço para que as histórias de comunidades tradicionais fossem contadas. Em uma de suas edições trouxe o trabalho das quebradeiras de coco babaçu da região do Bico do Papagaio. Nessa oportunidade, reforçou-se as lutas e as dificuldades que levaram as quebradeiras a se organizarem em rede de

cooperativas, associações e comissões dedicadas à luta pelo direito das comunidades que extraem o babaçu.

A história das quebradeiras de cocos também foi registrada em livro. Intitulado “Dona Raimunda do coco”, e publicado pela Editora Ethos, o livro contém poemas produzidos por alunos da Escola Estadual Raimundo Nonato Leite, os quais também foram responsáveis pelas ilustrações da obra (Figura 30). Os textos produzidos foram baseados na história de lutas de Dona Raimunda Quebradeira de Coco. A publicação do livro marcou o encerramento de um projeto de pesquisa coordenado pelo professor Milton Teixeira, que tinha como objetivo ampliar a visibilidade e valorizar a luta popular camponesa das quebradeiras de coco babaçu naquela localidade.

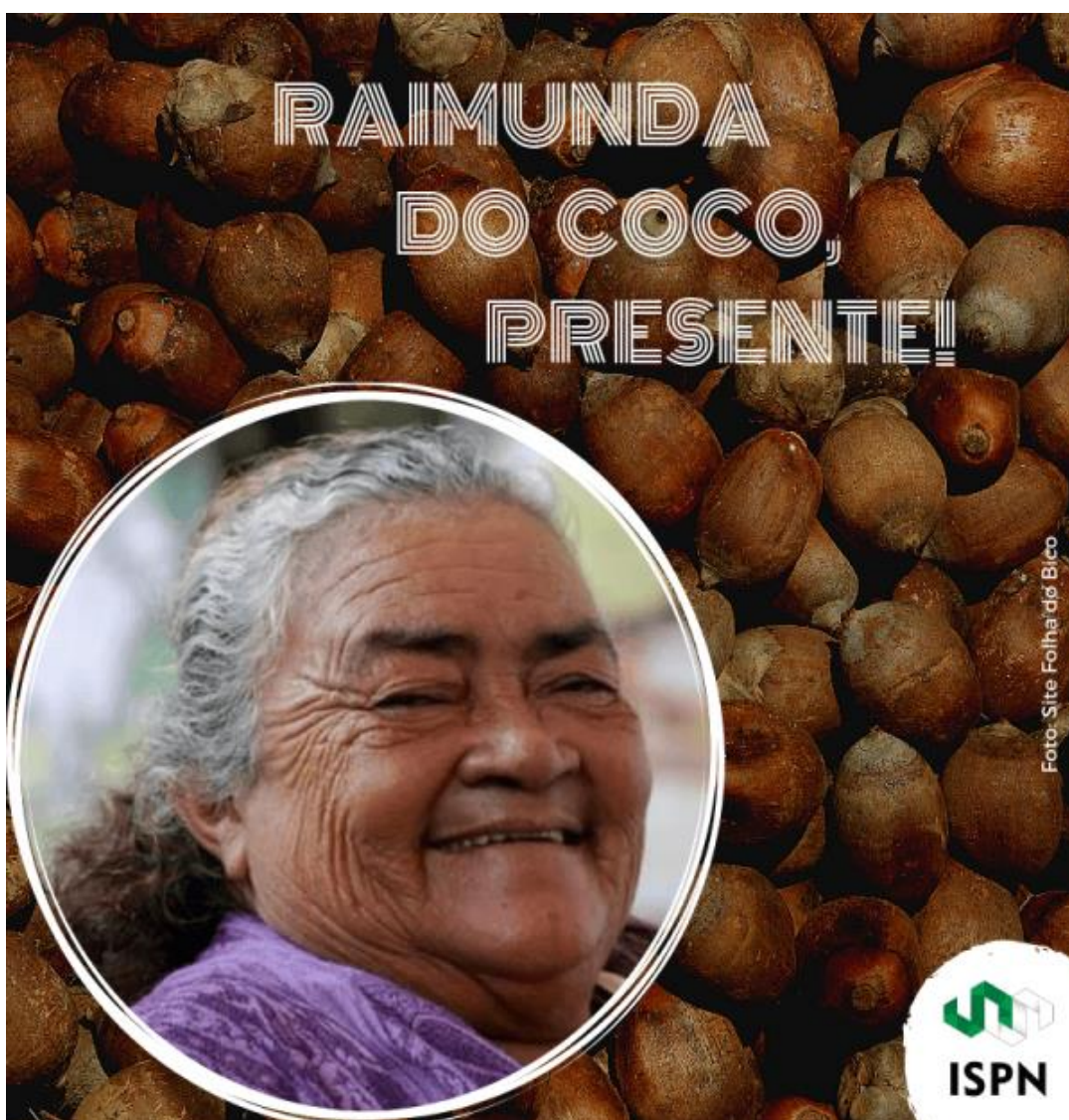
Figura 30 – Capa do livro produzido por estudantes do Bico do Papagaio em homenagem à Dona Raimunda



Fonte: Material de divulgação da Editora Ethos

Dona Raimunda foi, ainda, homenageada pelo Instituto Sociedade População e Natureza (ISPN) (Figura 31).

Figura 31 – Homenagem da ISPN à Dona Raimunda



Fonte: ISPN

De acordo com a ISPN:

Como uma das fundadoras do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e integrante da Associação Regional de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP), Dona Raimunda teve sua atuação como referência nacional e internacional para todas e todos que desenham a liberdade nas bases comunitárias.

Nós, do ISPN, reconhecemos a importância de Raimunda para o fortalecimento de projetos com foco no desenvolvimento socioambiental, especialmente aqueles que buscam o protagonismo das mulheres. Entre os anos de 2016 e 2017, essa líder comunitária atuou conosco no empoderamento econômico e na melhoria da qualidade de vida das trabalhadoras rurais do Bico do Papagaio, por meio do projeto com a ASMUBIP. Com ela, aprendemos sobre força, sabedorias ancestrais e a beleza de transformar seu modo de vida em instrumento de luta pelas e

pelos agroextrativistas. Sua voz entoa no ritmo de conquistas por políticas e direitos. Agora, ela faz parte das simbologias de força das que aqui ficaram. Do babaçu, não se perde nada. Daquela que quebrava o coco, construía lutas e despertava mulheres, não se esquece nada. Dona Raimunda do coco, presente!

No ano de 2018, a Organização das Nações Unidas (ONU) decretou que 2018 seria o Ano da Mulher Rural (Figura 32). A iniciativa teve como objetivo mostrar que equidade de gênero e respeito são valores necessários cotidianamente. Dentre as diferentes homenageadas nessa oportunidade, a história de vida e luta de dona Raimunda enriqueceu a série de mulheres rurais que lutam pelos seus direitos.

Figura 32 – Homenagem da ONU à Dona Raimunda

#MULHERESRURAI
mulheres com direitos

4

Desenvolvimento Rural

Raimunda Gomes da Silva 🗑️ 🛒

"A luta continua. Eu não quero morrer matada, quero morrer na cama, sou feita do pó da terra, e é pra lá que voltarei".

#MULHERESINDÍGENAS
mulheres visíveis

15 DIAS PELA AUTONOMIA DAS MULHERES RURAI

SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
CASA CIVIL GOVERNO FEDERAL

Fonte: FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura)

Além disso, o cantor e compositor Zeca Tocantins inaugurou um Bosque Cultural em Bela Vista, município do estado do Tocantins, espaço no qual

homenageou Dona Raimunda com obras de arte produzidas por Tony Grafite, além de uma placa parabenizando-a por sua luta.

Mesmo após sua morte, Dona Raimunda continuou recebendo homenagens. Na data em que completava um ano de sua morte foi inaugurado um cemitério memorial construído no assentamento Sete Barracas, em São Miguel do Tocantins, local onde ela foi sepultada (Figura 33). O cemitério memorial foi construído em homenagem à história da quebradeira de coco e das pessoas que ali viveram. Isso aconteceu porque no cemitério em que Dona Raimunda foi sepultada, alguns túmulos não eram identificados. Após a morte da quebradeira de coco, o diretor do documentário se comprometeu com o auxílio do sepultamento dela. Ao se deparar com a realidade do cemitério, acreditou que Dona Raimunda não aceitaria ter um túmulo bonito, enquanto seus colegas de luta e familiares, também enterrados ali, estavam sem nenhuma identificação. Por esse motivo, teve-se início a construção desse cemitério memorial.

Figura 33 – Cemitério Memorial construído em homenagem à Dona Raimunda



Fonte: Acervo Jornal do Tocantins

Outra homenagem póstuma foi proposta pelo presidente do diretório do PT em Araguatins, Ronaldo Costa Sousa em ofício ao deputado estadual Zé Roberto (PT). Ronaldo Sousa solicitou que fosse formulado um projeto de lei para que a única escola de tempo integral do Bico do Papagaio, ainda em obras, tivesse o nome da quebradeira Raimunda Silva, falecida em 2018.

Elencar todas essas homenagens, premiações e reconhecimentos conquistados pela Dona Raimunda e pelo documentário teve como objetivo mostrar que o discurso produzido pelas quebradeiras, e que possibilitou a construção de numerosos outros interdiscursos, ecoou por diversos lugares, inclusive fora do Brasil, ultrapassando não apenas as fronteiras do estado do Tocantins. Ter espaços físicos com seu nome, livros em sua homenagem, premiações e honrarias são instrumentos importantes na construção e na perpetuação da memória a respeito da Dona Raimunda e de sua história de luta.

5.4 A Ordem do discurso na mídia

Para Foucault (2009), a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar o aleatório e se esquivar da materialidade. Existem muitos procedimentos de controle do discurso, dentre eles os externos, por sistemas de exclusão; e os internos, que obedecem à própria ordenação. Os discursos se adequam conforme as circunstâncias, obedecendo a suportes institucionais que permitem ou proíbem sua realização. Ao falar de ordem, Foucault está se referindo às normas que selecionam, organizam, regulam e redistribuem os discursos. Representa um conjunto de procedimentos que tem a função de exorcizar poderes e perigos, refrear o acontecimento aleatório, “disfarçar a sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2009, p. 9).

Para Foucault (2009) a verdade e o poder estão intimamente relacionados, através de práticas contextualmente específicas que, por sua vez, se relacionam com a produção do discurso, regulado pelas formações discursivas atuantes entre si que determinam o que pode e o que deve ser dito. Do ponto de vista institucional, Foucault (2009, p. 9) afirma que “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar tudo em qualquer circunstância, qualquer um não pode falar de qualquer coisa”. Temos, nesse caso, o procedimento de exclusão, que é a mais conhecida forma de interdição. Segundo Foucault (2009, p. 10) “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”.

Ainda de acordo com o autor, não há nada de espantoso nisso, já que o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta ou oculta o desejo, nem aquilo

que traduz os sistemas de dominação; mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar. Foucault (2009) afirma que o princípio da rejeição também se manifesta na sociedade, impedindo falas e manifestações; para ilustrar, cita o exemplo do louco, cujo discurso não pode circular na ordem dos demais, sendo considerado falso.

Foucault (2003) afirma que o jornalismo é um dos representantes do poder que age nas sociedades. Portanto, a ideia da mídia como simples espelho da sociedade, como mera reprodutora e mediadora de fatos e realidades, pode ser posta à prova. A cada dia mais, a mídia transforma-se em um instrumental de poder. Os sistemas de “vigilância” dela permitem que cada vez mais os cidadãos sejam controlados e acompanhados em seu cotidiano. Os meios de comunicação têm se tornado tão comuns ao cotidiano da população que podem ser caracterizados como mediadores e refletores, embora algumas linhas teóricas questionem a mediação sem interferências do comunicador.

Charaudeau (2007) acredita que as mídias têm por tarefa reportar os acontecimentos do mundo. Sobre isso, Faraco (1988, p. 140) afirma que:

Reportar não é fundamentalmente reproduzir, repetir; é principalmente estabelecer uma relação ativa entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma interação dinâmica dessas duas dimensões. [...] o discurso reportante e o discurso reportado só têm uma existência real, só se formam e vivem através dessa inter-relação, e não de maneira isolada. Ou em outras palavras, entre os dois discursos estabelecem-se relações dialógicas e eles se formam e vivem nessas relações.

Ao refletir sobre a notícia enquanto discurso, observamos como resultado da interação sócio ideológica, da qual emerge uma multidão de vozes. Sendo assim, esta perspectiva torna-se ponte de apoio para os estudos da notícia enquanto prática discursiva construída de diferentes olhares e vozes e permeável – pela pureza da palavra – em vários espaços. A notícia situa-se no campo da intertextualidade sempre que os jornalistas lançam mão de discursos diretos ou indiretos para fazer sentido. O caráter intertextual da notícia é fator constituinte de sua prática discursiva, sendo essa a condição para que todo texto esteja repleto de fragmentos de outros, os quais podem ser facilmente identificados ou não.

Adota-se para a presente análise o pressuposto que a noção de tema parte do entendimento de acontecimentos discursivo. Nessa perspectiva, o tema não é nem a notícia, nem o fato, mas uma materialidade que emerge nos movimentos de

entrecruzamento de certos enunciados, mais precisamente naqueles observados a partir do trajeto temático. Entende-se como trajeto temático “o vai e vem” de determinados atos linguageiros presentes na extensa gama de formas escritas, de gêneros, etc. Nesse curso, tem-se interesse pelo que é novo no interior da repetição, isto é, a visualização do tema nas recorrências linguísticas.

Nesse aspecto, o trajeto temático compreende um mecanismo a partir do qual é possível observar a dinâmica dos enunciados em sua acontecimentalização. Esse trajeto habilitará a articulação entre corpus e arquivo. Destaca-se que o caminho da análise é vislumbrado mediante as possibilidades sinalizadas pelo corpus. Para essa pesquisa definiu-se três categorias de temas sendo eles: quebradeiras de coco do Tocantins; Raimunda, a quebradeira e extrativismo de coco babaçu no Tocantins. Partindo dessa definição duas buscas diferentes foram realizadas.

A primeira delas foi realizada em reportagens publicadas no Jornal do Tocantins desde o ano que o veículo passou a disponibilizar os conteúdos pela internet. Com a busca, foram encontradas 20 reportagens de 2014 até 2019. Justifica-se a eleição do Portal de Notícias do Jornal do Tocantins pelo fato de que esse é um dos principais portais de informação do Tocantins. Desta maneira, traz inerente a seu material jornalístico uma pré-disposição à veracidade das informações. A credibilidade do meio de comunicação é determinante no processo de absorção e manutenção do poder e deve ser levado em conta neste processo.

Tabela 1 – Reportagens localizadas com “Quebradeiras de coco”²

TOTAL	Citam Dona Raimunda	Citam o Documentário
03	0	0

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 2 – Reportagens localizadas com “Dona Raimunda”

TOTAL	Citam as quebradeiras	Citam o Documentário
09	09	05

Fonte: Elaboração da autora

² Nas reportagens não citavam o nome da Dona Raimunda e nem a produção do documentário Raimunda a quebradeira.

Tabela 3 – Reportagens localizadas com “Documentário”³

TOTAL	Citam Dona Raimunda	Citam as quebradeiras
08	08	08

Fonte: Elaboração da autora

Diante do exposto, pode-se afirmar que, no período posterior à produção do documentário, passado os anos de euforia após a rodagem do audiovisual, a Dona Raimunda tornou-se uma figura central nesse cenário; conformando-se, paulatinamente, no símbolo dessa luta, tanto em sua região, quanto para os veículos de comunicação. Afirma-se, ainda, que o documentário, enquanto uma ferramenta, ampliou a visibilidade do grupo e passou a compor os discursos que falavam sobre as quebradeiras. Isso estabeleceu uma relação quase de “dependência”, não se falava de um sem falar do outro.

A segunda busca foi feita sem restrições de jornal, buscaram-se reportagens publicadas nos principais sites de notícias do Tocantins e também do Brasil, que trataram do trabalho realizado por mulheres na extração do coco babaçu na região norte do Tocantins. Nesse rastreamento foram encontradas 46 matérias jornalísticas, no período de 2006 a 2019. Essa escolha se deve, em parte, ao fato de a periodicidade de pautas sobre temas ligados a estes assuntos não terem agendamento frequente nos veículos de comunicação; isso não permite que a pesquisa abranja um período relativamente longo de tempo visto que este estudo pretende analisar o período pós documentário. A escolha pelos portais de notícias também se deve ao fato de terem tomado frente nos últimos anos no processo de publicação, divulgação e veiculação de notícias. Esse conjunto foi categorizado em reportagens com denúncias; reportagens que remetem ao documentário; reportagens nacionais e reportagens de benefícios.

Tabela 4 – Reportagens com denúncias

TOTAL	Citam Dona Raimunda	Citam o Documentário
10	04	03

Fonte: Elaboração da autora

³ Nas reportagens não citavam o nome da Dona Raimunda e nem a produção do documentário Raimunda, a quebradeira.

Tabela 5 – Reportagens que remetem ao Documentário “Raimunda, a quebradeira”

TOTAL	Citam Dona Raimunda	Citam o Documentário
22	22	22

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 6 - Reportagens Nacionais

TOTAL	Citam Dona Raimunda	Citam o Documentário
06	04	04

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 7 - Reportagens Benefícios

TOTAL	Citam Dona Raimunda	Citam o Documentário
15	09	09

Fonte: Elaboração da autora

A produção e a rodagem do documentário “Raimunda, a quebradeira” colocou as quebradeiras de coco em um outro lugar social. Inicialmente, elas se sentiam constrangidas em se denominarem quebradeiras de coco, conforme uma delas relatou. Ao longo do tempo isso se configurou como motivo de orgulho, uma vez que as colocou em evidência no cenário tocantinense e possibilitou sua aparição nacional e internacional, embora seja muito focado na imagem da Dona Raimunda. Ainda que a Dona Raimunda seja protagonista, isso a colocou em lugar político de reivindicações de melhorias para a sua região, o que não beneficiou apenas a ela.

Conforme visto anteriormente, a Dona Raimunda conseguiu ser recebida por duas gestões de governo do estado e uma gestão do governo federal. Em toda as oportunidades, como mostrado anteriormente, ela reivindicou melhorias para a população local: construção de casas, melhorias na estrada, entre outras. Além, é claro, de terem conseguido a aprovação da Lei do Babaçu Livre, que foi o motivo gerador de todo esse movimento. Diante disso, pode-se afirmar que a produção do documentário trouxe benefícios para a região do Bico do Papagaio.

Destaca-se, por outro lado, que ao afirmar isso, não se está desconsiderando que outras iniciativas de visibilidade foram também empreendidas, além do

documentário. Mas percebe-se que o fato de o filme ter sido exibido em diferentes locais, inclusive no lugar no qual foi produzido; ter recebido muitos prêmios e ter tido lançamento em lugares estratégicos de visibilidade; possibilitaram que a causa fosse vista por mais pessoas e entendida de uma forma mais ampla e além de somente a perspectiva de quem vivia a realidade local. Isso é diferente, por exemplo, da escrita de uma reportagem sobre as quebradeiras ou outras produções midiáticas nesse sentido que aconteceram naquele momento.

Por fim, aponta-se que a luta, inicialmente relacionada com o direito à terra e ao babaçu, passou a ser uma luta pela qualidade de vida da mulher no campo; contra as desigualdades sociais; a favor de um desenvolvimento sustentável; entre outras muitas bandeiras que foram levantadas e representadas pela Dona Raimunda. Enquanto sujeito discursivo, a quebradeira fez sua voz ecoar e ser ouvida e, tendo essa ferramenta em mãos, levantou bandeiras transversais ao movimento empreendido por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar como os discursos relacionados ao documentário “Raimunda, a quebradeira” foram conduzidos ao longo do período posterior à sua rodagem. Além disso, objetivou-se identificar os possíveis avanços e/ou retrocessos que a região do Bico do Papagaio teve desde a produção do documentário. Metodologicamente, mobilizou-se os referenciais vinculados à comunicação, à análise do discurso e ao audiovisual, buscando compreender esse objeto de pesquisa a partir dessas três perspectivas. Realizou-se buscas em jornais disponíveis em meio digital, de matérias e/ou reportagens que trataram sobre as quebradeiras de coco babaçu, a Dona Raimunda e o documentário.

Inicialmente, contextualizou-se o trabalho das quebradeiras de coco da região do Bico do papagaio, suas trajetórias e pautas principais. Nesse movimento pôde-se perceber como que essa atividade de subsistência enfrentava conflitos de interesse, sobretudo relacionados ao acesso à terra, e que isso levou a um quadro de muita violência; marcado, muitas vezes, por episódios de homicídios e tentativas de homicídio. De um lado estavam as quebradeiras, que caminhavam pelas matas em busca das palmeiras de coco babaçu, para catarem e quebrarem o coco caído no chão e, posteriormente, comercializá-los e assim obter o sustento de suas casas. De outro lado, estavam os grandes latifundiários que afirmavam ser os proprietários das terras nas quais a “cata” era realizada e, por isso, impediam o acesso ou derrubavam/matavam as palmeiras.

Em meio a esse conflito, o governo passou a interferir com interesses econômicos, buscando desenvolver economicamente a região. Nesse momento, entre as décadas de 1980 e 1990, as quebradeiras de coco começam a se organizar coletivamente para combater nessa região que até então tinha pouca ou nenhuma interferência governamental. É nesse movimento de organização coletiva que se destaca a Dona Raimunda, protagonista do documentário. Influenciada pelo padre Josimo, assassinado posteriormente por latifundiários, a quebradeira protagonista começa a organizar as lutas e as pautas de luta com suas colegas quebradeiras. Nasce, então, o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB).

Discute-se, no capítulo três, como essa organização das quebradeiras de coco babaçu, iniciada pela Dona Raimunda, mobilizou a comunicação como principal instrumento de luta. Essa estratégia colocou em contato não só as quebradeiras do Bico do Papagaio, mas também aquelas que realizam a mesma atividade em estados diferentes do país. Isso possibilitou a elas saírem da condição de marginalizadas, invisibilizadas, para a condição de sujeitos discursivos, que se fazem ouvir. Esses atos políticos fizeram com que estabelecessem outras formas de solidariedade entre elas, além da própria atividade extrativista que executam.

Além disso, o processo comunicativo e a luta permitiram que as quebradeiras de coco se descolassem da natureza – o que não significa abandoná-la – e passassem a ser vistas enquanto sujeitos sociais, sujeitos políticos. Essa transformação não as beneficiou apenas politicamente, mas também no âmbito pessoal, aumentou a autoestima, valorizou o seu trabalho e afirmou a elas que a história delas também é muito importante. Verificou-se, ainda, que o MIQCB teve suas origens na igreja católica, local no qual a Dona Raimunda empreendeu suas primeiras lideranças nesse sentido e, pouco a pouco, outras instituições compuseram o movimento, tais como os sindicatos, associações, entre outras, reforçando a característica coletiva e associativa do movimento.

No capítulo quatro, discutiu-se sobre o documentário, enquanto uma ferramenta de denúncia das mazelas e/ou questões sociais, e, também, de transformação da realidade. Essa perspectiva se apresentou como um elemento problematizador: quais seriam as transformações promovidas pelo documentário “Raimunda, a quebradeira” nos discursos produzidos acerca das denúncias feitas no próprio filme?

Percebeu-se, então que, no período anterior à produção do referido audiovisual, a região e as quebradeiras já vinham tendo uma certa visibilidade da mídia, já haviam sido realizadas algumas matérias e outros sujeitos haviam demonstrado interesse em produzir material semelhante. Todavia, o fato de Marcelo Silva, diretor do documentário, ter conquistado a confiança da Dona Raimunda e das outras quebradeiras, deu a ele a possibilidade de empreender tal ação e também de produzir um material mais fiel, mais próximo da realidade vivenciada por elas.

Com isso, afirma-se que, embora outros materiais tenham sido produzidos anteriormente ao documentário e possibilitado certa visibilidade às quebradeiras, o

fato de Marcelo Silva ter se envolvido pessoalmente com elas e produzido um material, até então inédito, que poderia circular em diferentes espaços, possibilitou que o audiovisual fosse incorporado como mais um instrumento de luta, denúncia e comunicação do movimento. Isso possibilita confirmar a quarta hipótese traçada: que a produção cinematográfica, com a chance de ser exibida em um contexto universal, pode possibilitar novos arranjos locais e que os movimentos políticos de realização do filme têm forte vinculação com os resultados advindos dele.

Ainda no quarto capítulo, percebeu-se nas notícias sobre a Dona Raimunda, representante do movimento, essa visibilidade afirmada anteriormente. Noticiou-se a exibição do documentário que contou com a participação do então governador do Tocantins; a Dona Raimunda teve espaço de fala na Câmara dos Deputados Federais; e recebeu diferentes prêmios e reconhecimentos.

No último capítulo, constatou-se, nas reportagens e notícias, que o discurso produzido pelas quebradeiras – que possibilitou a construção de numerosos outros interdiscursos – ecoou por diversos lugares, inclusive fora do Brasil, ultrapassando não apenas as fronteiras do estado do Tocantins. Ter espaços físicos com seu nome, livros em sua homenagem, premiações e honrarias se configuraram como elementos importantes na construção e perpetuação da memória a respeito da Dona Raimunda, de sua história de luta e também das demais quebradeiras. Corroborando, assim, com a hipótese dois que apontava essas mulheres como importantes constituintes e preservadoras da memória local.

Por fim, de modo geral, pode-se afirmar duas conclusões que atravessam a presente pesquisa. A primeira delas é que, a partir dos registros jornalísticos, constata-se que a produção audiovisual “Raimunda, a quebradeira” impulsionou a participação das organizações de quebradeiras de coco babaçu no sistema de governança territorial. Prova disso, são os encontros recorrentes da Dona Raimunda com as lideranças estaduais e federais, bem como as reivindicações feitas nesses momentos – construção de casas, pavimentação de vias, fornecimento de materiais para o desenvolvimento econômico da região e a própria aprovação da Lei do Babaçu livre, corroborando a primeira hipótese da pesquisa.

A segunda conclusão é a de que, apesar do o MIQCB ter sido constituído a partir da pauta de acesso livre às terras e às palmeiras de coco babaçu, as pautas transversais a essa foram ganhando destaque ao passo em que as quebradeiras conquistaram visibilidade e suas reivindicações foram sendo atendidas. Pode-se

citar como bandeiras transversais: o desenvolvimento sustentável da região; a visibilidade, representatividade e o trabalho feminino; a desigualdade e justiça social; o respeito à terra e às comunidades tradicionais que nelas habitam, entre tantas outras.

Acredita-se, portanto, que a presente pesquisa contribui com a compreensão do documentário enquanto um instrumento de visibilidade e transformação social; e que a relação entre quem produz e quem “empresta a sua história” é elemento essencial para que o filme funcione como tal. Avança-se, ainda, no entendimento de que os discursos jornalísticos/midiáticos são ferramentas importantes no fortalecimento e/ou enfraquecimento de movimentos, bem como na construção de memórias.

Indica-se, como temas para pesquisas posteriores, a análise de outros discursos que não os jornalísticos, buscando compreender que outros entendimentos foram construídos sobre esse movimento. Um exemplo disso, pode ser a realização de entrevistas com a população da Região do Bico do Papagaio, com objetivo de compreender como essa comunidade vê as transformações promovidas pelo documentário. Outra análise possível, seria entender como o coco babaçu, enquanto recurso natural, foi valorizado ou não, se tornou-se matéria prima para outras indústrias e ou comércios e como isso impactou a vida das quebradeiras de coco babaçu. Ampliando ainda mais o espectro de pesquisa, entende-se que uma análise pertinente seria a compreensão do MIQCB nos diferentes estados, suas aproximações e distanciamentos, e como o documentário impactou também nesses lugares.

Por fim, pretende-se produzir um outro documentário com as quebradeiras de coco babaçu do Bico do Papagaio, buscando compreender o que elas têm a dizer sobre o documentário e as transformações empreendidas por ele no cotidiano – de trabalho e pessoal – delas, assim como para a região na qual vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner. Berno. **Quebradeiras de coco babaçu: identidade e mobilização**. São Luís: MIQCB, 1995.

ALMEIDA, Alfredo W. B.; SHIRAIISHI, Joaquim N.; MARTINS, Cynthia C. **Guerra Ecológica nos Babaçuais: o processo de devastação das palmeiras, a elevação do preço de commodities e o aquecimento do mercado de terras na Amazônia**. São Luiz. Lithograf, 2005. p 33.

ALTAFINI, Thiago. **Cinema Documentário Brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem**. 1999. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999.

AMORIM, Célia Trindade. **Jornal Pessoal: o metajornalismo cidadão. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, [s.l.], v. 3, n. 3, p.405-408, dez. 2008.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1984.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BETHÔNICO, Jalver. **Signos audiovisuais e a ciência da informação: uma avaliação**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BRANDÃO, C.R. **A comunidade tradicional**. Campinas/SP: NUPAUB/UNICAMP. Disponível em <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/a%20comunidade%20trad160.pdf>

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. **Instruídas e trabalhadeiras trabalho feminino no final do século XX. Cadernos Pagu**, [s.l.], n. 17-18, p.157-196, 2002.

CAMPOS, Carla Leila Oliveira. **Estratégias de referenciação no discurso midiático: práticas ideológicas de inclusão e exclusão de dizeres no discurso sobre a guerra. Linguagem em (dis)curso**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.43-67, abr. 2010.

CAMURÇA, S. **Nós mulheres e nossa experiência comum. Reflexões para transformação social. Cadernos de Crítica Feminista**, ano I, n. 0, Recife, dez. 2007

CECCHIN, Hareli Fernanda Garcia; SILVA, Alex Pizzio da. **O movimento das Quebradeiras de Coco na região do Bico do Papagaio: reflexões sobre redistribuição**

e reconhecimento. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. p. 1 - 15.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, [s.l.], v. 5, n. 2, p.1-20, 19 fev. 2013.

DAYRELL, C. Os geraizeiros descem a serra ou a agricultura de quem não aparece nos relatórios dos agrobusiness. In: LUZ, C. e DAYRELL, C. (orgs.). **Cerrado e Desenvolvimento: tradição e atualidade**. Montes Claros: Max Gráfica e Editora, 2000, p. 189-272.

DESER (Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais). **A cadeia produtiva do babaçu**: estudo exploratório. Curitiba, 2017. Convênio MDA Nº. 112/2006.

DIEGUES, A.C.S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FARIAS, Nadjanine Galindo de Freitas. Decrescimento: uma via sistêmica Degrowth: a systemic pathway. In: XXVII Congresso Nacional do CONPEDI, 2018, Florianópolis. **Direito Ambiental e Socioambientalismo II**. Florianópolis: CONPEDI, 2018. p. 242 - 259.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORRA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**; tradução de Laura Fraga. São Paulo: Loyola, 2009.

FREITAS, Leila Karla Moraes Rodrigues. **Discurso, Mídia e Memória na (re)construção da História da Sexualidade Feminina**. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2012.

GENERALI, Sabrina Cancoro; COLUCCI, Maria Beatriz. **Documentário Brasileiro Contemporâneo: jornalismo e interface de linguagens**. Diálogo e Interação, Cornélio Procópio, 2009.

GÓI, Lourdes *in*: RAIMUNDA, a quebradeira. Produção de Marcelo Silva. Bico do Papagaio: Tv Cultura, 2007. (52 min.), son., color.

HARTSOCK, Nancy. The Feminist Standpoint: Developing the Ground for a Specifically Feminist Historical Materialism. In: HARDING, Sandra; HINTIKKA, Merrill B (Eds.). **Discovering Reality: Feminists Perspectives on Epistemology, Metaphysics, Methodology, and Philosophy of Science**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1983.

HOLANDA, Karla. Documentário Brasileiro Contemporâneo e a Micro-História. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p.1-12, mar. 2006.

IBGE. **As Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos** 2005. Rio de Janeiro: Gerencia do Cadastro Central de Empresas, 2010.

JATOBÁ, Sergio U. S. **Gestão do território e a produção da sacionatureza nas ilhas do Lago de Tucuruí na Amazônia brasileira**. 2006. 301p. Tese (Doutorado em Política e Gestão Ambiental) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 7 abr 2006.

LEME, Caroline Gomes. **Cinema e sociedade**: sobre a ditadura militar no Brasil. 2011. 389 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

LEME, Caroline Gomes. Imagens Cinematográficas da Ditadura Militar: uma proposta de leitura sociológica. In: 34º Encontro Anual da ANPOCS, 2010, Caxambu. **Anais**. Caxambu: ANPOCS, 2010. p. 1 - 27.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MCLAREN, Margaret A.. **Foucault, Feminismo e Subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação**: Mídia, comunicação, estratégica e mobilização social. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 192 p.

MARTINS, Cynthia Carvalho. **Agricultura e garimpo na lógica camponesa**: os deslocamentos como categoria de análise. 2000. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2000.

MASCARENHAS, Mayre Dione Mendes da Silva; OLIVEIRA, Sidney da Silva. Narrativas, Tradições Oraís e suas manifestações nos Territórios Quilombolas África

e Laranjituba, Moju Pa: a narrativa do Emu – a bebida sagrada. In: XXIX Simpósio Nacional De História, 2017, Brasília. Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. p. 1 - 17.

MORAES, N.R.; CAMPOS, A.C.C.; SILVA, M.L.; SOUZA, F.C. Comunidades tradicionais: cultura e identidade. **Revista Observatório**, v.3, n.5, 2017. Disponível em: sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3667

OLIVEIRA, Raimunda Barros *in*: RAIMUNDA, a quebradeira. Produção de Marcelo Silva. Bico do Papagaio: Tv Cultura, 2007. (52 min.), son., color.

PASSOS, Cristiane. Do coco babaçu à emancipação: o poder das quebradeiras do Maranhão. **Comissão Pastoral da Terra**. Goiânia, 08 ago. 2018.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 2 ed., São Paulo: Perspectiva, 1990

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. In: Renata Rolim. (Org.). **Rádio, Movimentos Sociais e direito à comunicação**. Recife: Oito de Março, 2008, v. 1, p. 123-151.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação dos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.

RAIMUNDA, a quebradeira. Produção de Marcelo Silva. Bico do Papagaio: Tv Cultura, 2007. (52 min.), son., color.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2007.

ROCHA, Maria Regina Teixeira da. **A rede sociotécnica do babaçu no Bico do Papagaio - TO: Dinâmicas da relação sociedade-natureza e estratégias de reprodução social agroextrativista**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ROSCOE, Beatriz; RITA, Bruno Santa. Diferença salarial entre homens e mulheres atinge todas as classes sociais. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, p. 1-1. 08 mar. 2019. Disponível em:
<https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/03/08/internas_economia,1036224/diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres-atinge-todas-as-classes-soc.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, C; NOVAES, S. C. (Orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Brasília: Editora Brasilense, 1988. 86 p.
SHIRAISHI NETO, Joaquim. Quebradeiras de Coco: “babaçu livre” e reservas extrativistas. **Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**, [s.l.], v. 14, n. 28, p.147-168, 7 jun. 2017.

SILVA, Alexandre Rocha da. Semiótica e audiovisualidades: ensaio sobre a natureza do fenômeno audiovisual. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 3, n. 3, p.146-154, set. 2007a.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 440 p.

SILVA, Raimunda Gomes da *in*: RAIMUNDA, a quebradeira. Produção de Marcelo Silva. Bico do Papagaio: Tv Cultura, 2007b. (52 min.), son., color.

SÍLVIO; DA-RIN. Auto-reflexividade no documentário. In: Laboratório de Pesquisa e Tecnologia da Imagem (Ed.). **CINEMAIS**: revista de cinema e outras questões audiovisuais. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 1997. p. 71-92.

SWERTS, Leila Afonso. **Políticas de desenvolvimento, organização do território e participação**: as quebradeiras de coco babaçu na microrregião do Bico do Papagaio, Tocantins. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TOCANTINS (Estado). Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente. **Caracterização das organizações sociais formais** - Norte do estado do Tocantins. Organização: Lindomar Ferreira dos Santos e Rodrigo Sabino Teixeira Borges. Palmas: Seplan/DZE, 2003.

TOCANTINS. Dicon. Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins. Lei do Babaçu Livre volta a ser debatida na Assembleia. **Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins**. Palmas, 14 nov. 2017.

TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M. **A Revolução das mulheres**: um balanço do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

ZITZKE, Valdir Aquino. **A Rede Sociotécnica da Usina Hidrelétrica do Lajeado (TO) e os reassentamentos rurais das famílias atingidas**. 2007. 316 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas Sociedade e Meio Ambiente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

APÊNDICE

Quadro 2 – Reportagens e anúncios analisados

DATA	TÍTULO	JORNAL	LINK
Sem data	Raimunda do coco, uma memória coletiva	ISPN	https://ispn.org.br/raimunda-do-coco-uma-memoria-coletiva/
Sem data	Quebradeiras de coco babaçu	Cerracatinga	http://www.cerracatinga.org.br/populacoes/quebradeiras/
29-03-2007	Documentário “Raimunda, a Quebradeira” é exibido no Naturatins	Secom TO	https://secom.to.gov.br/noticias/documentario-raimunda-a-quebradeira-e-exibido-no-naturatins-12370/
15-08-2008	Quebradeiras do Bico do Papagaio recebem caminhão para coleta do babaçu	Ruraltins	https://ruraltins.to.gov.br/noticia/2008/8/15/quebradeiras-do-bico-do-papagaio-recebem-caminhao-para-coleta-do-babacu/
15-08-2008	Quebradeiras recebem caminhão para coleta do babaçu	Secom TO	https://secom.to.gov.br/noticias/quebradeiras-recebem-caminhao-para-coleta-do-babacu-21020/
02-09-2009	Quebradeiras de coco do Bico do Papagaio recebem 884 casas	Conexão Tocantins	https://conexaoto.com.br/2009/09/02/quebradeiras-de-coco-do-bico-do-papagaio-recebem-884-casas
21-11-2009	Diário de Brasília (10): Quebradeiras	Estadão	https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/diario-de-brasilia-10-quebradeiras/
01-02-2010	Preço do coco babaçu é debatido pela associação de quebradeiras	Vermelho	https://vermelho.org.br/2010/02/01/preco-do-coco-babacu-e-debatido-pela-associacao-de-quebradeiras/
30-11-2011	Documentário faz retrato sublime de quebradeiras de coco	Rede Brasil Atual	https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/2011/11/documentario-faz-retrato-sublime-de-quebradeiras-de-coco/
20-07-2013	Coco babaçu gera renda e transforma vidas no Tocantins	G1 Tocantins	http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2013/07/coco-babacu-gera-renda-e-transforma-vidas-no-tocantins.html
15-08-2013	Crédito Fundiário vai beneficiar quebradeiras de coco do Bico	Ruraltins	https://ruraltins.to.gov.br/noticia/2013/8/15/credito-fundiario-vai-beneficiar-quebradeiras-de-coco-do-bico/
04-10-2014	Testemunha das 1ª lutas separatistas	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/testemunha-das-1%C2%AA-lutas-separatistas-1.676956

04-10-2014	Setor público e comércio são fortes	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/setor-p%C3%BAblico-e-com%C3%A9rcio-s%C3%A3o-fortes-1.676935
24-02-2015	Senador Donizeti se reuni com Raimunda, a Quebradeira de Coco do Bico do Papagaio	Assessoria de Imprensa Senador Donizeti Nogueira	https://infoabelavista.blogspot.com/2015/02/senador-donizeti-se-reuni-com-raimunda.html
08-03-2015	Dona Raimunda quebradeira de coco	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/dona-raimunda-quebradeira-de-coco-1.798237
08-08-2015	Mulheres quebradeiras se apresentam no Sesc	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/mulheres-quebradeiras-se-apresentam-no-sesc-1.917155
09-08-2015	Sonora Brasil resgata cultura do coco babaçu	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/sonora-brasil-resgata-cultura-do-coco-baba%C3%A7u-1.918285
17-03-2016	Marcelo Miranda recebe Raimunda Quebradeira de Coco do Bico do Papagaio	Norte do Tocantins	https://www.nortedotocantins.com.br/03/2016/marcelo-miranda-recebe-raimunda-quebradeira-de-coco-do-bico-do-papagaio/
17-03-2016	Governador Marcelo Miranda recebe Raimunda Quebradeira de Coco	Portal Tocantins	https://portal.to.gov.br/noticia/2016/3/17/governador-marcelo-miranda-recebe-raimunda-quebradeira-de-coco-/
11-07-2017	Cega, Dona Raimunda desabafa sobre títulos e prega valorização das quebradeiras	Gazeta do Cerrado	https://gazetadocerrado.com.br/completamente-cega-dona-raimunda-prega-valorizacao-das-quebradeiras/
10-10-2017	Iphan concede medalhas a tocantinenses	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/iphan-concede-medalhas-a-tocantinenses-1.1366212
01-11-2017	Preservação cultural rende honraria	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/preserva%C3%A7%C3%A3o-cultural-rende-honraria-1.1383021
08-11-2017	A quebradeira de coco dona Raimunda está com problemas de saúde e financeiro	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/a-quebradeira-de-coco-dona-raimunda-est%C3%A1-com-problemas-de-sa%C3%BAde-e-financeiro-1.1388887

06-12-2017	Quebradeiras de coco do Bico do Papagaio denunciam PL que incentiva queima total do babaçu	Norte do Tocantins	https://www.nortedotocantins.com.br/12/2017/quebradeiras-de-coco-do-bico-do-papagaio-denuncia-pl-que-incentiva-queima-total-do-babacu/
27-01-2018	Quebradeiras de coco babaçu	Repórter Brasil	https://reporterbrasil.org.br/comunidadestradicionais/quebradeiras-de-coco-babacu/
05-03-2018	Quebradeiras de coco farão Ato Unificado contra a PL de autoria do Deputado José Bonifácio, que incentiva queima total do coco babaçu	Bico 24 Horas	https://bico24horas.com.br/noticia/quebradeiras-de-coco-farao-ato-unificado-contra-pl-de-autoria-do-deputado-jose-bonifacio-que-incentiva-queima-total-do-babacu/12205
06-03-2018	Quebradeiras vão protestar em frente a AL contra queima do coco babaçu para carvão	Cléber Toledo	https://clebertoledo.com.br/tocantins/quebradeiras-vao-protestar-em-frente-al-contra-queima-do-coco-babacu-para-carvao/
08-03-2018	Quebradeiras de Coco Babaçu ocupam a Assembléia Legislativa do Tocantins	Rádios EBC	http://radios.ebc.com.br/reporter-nacional-amazonia/2018/03/quebradeiras-de-coco-babacu-ocupam-assembleia-legislativa-do-tocantins
08-08-2018	Do coco babaçu à emancipação: o poder das quebradeiras do Maranhão	CPT Nacional	https://cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/4439-do-coco-babacu-a-emancipacao-o-poder-das-quebradeiras-do-maranhao
04-10-2018	Desenvolvimento Rural: a história de Dona Raimunda, a quebradeira de coco e de paradigmas	MDA	http://www.mda.gov.br/sit emda/noticias/desenvolvimento-rural-hist%C3%B3ria-de-dona-ramunda-quebradeira-de-cocos-e-de-paradigmas
05-10-2018	FAO lembra trajetória de ativista rural e quebradeira de coco	Nações Unidas	https://nacoesunidas.org/fo-lembra-trajetoria-de-ativista-rural-e-quebradeira-de-coco/
11-10-2018	Dona Raimunda quebradeira de coco é tema de campanha internacional de empoderamento feminino	Voz do Bico	https://www.vozdobico.com.br/bico/dona-ramunda-quebradeira-de-coco-e-tema-de-campanha-internacional-de-empoderamento-feminino/
07-11-2018	Morre Raimunda Quebradeira de Coco, líder comunitária em povoado de São Miguel do Tocantins	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/morre-ramunda-quebradeira-de-coco-!%C3%ADder-comunit%C3%A1ria-em-povoado-de-s%C3%A3o-

			miquel-do-tocantins-1.1658173
07-11-2018	Tocantins de Luto: Morre Dona Raimunda, a quebradeira de coco que se tornou 'doutora'	Orla Notícias	https://orlanoticias.com.br/tocantins-de-luto-morre-dona-raimunda-a-quebradeira-de-coco-que-se-tornou-doutora-assista-homenagens/
07-11-2018	Líder comunitária Raimunda Quebradeira morre em casa aos 78 anos	G1 Tocantins	https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2018/11/07/lider-comunitaria-raimunda-quebradeira-morre-em-casa-aos-78-anos.ghtml
08-11-2018	Velório e enterro de Raimunda Quebradeira são marcados por orações e muita emoção; veja vídeo	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/vel%C3%B3rio-e-enterro-de-raimunda-quebradeira-s%C3%A3o-marcados-por-ora%C3%A7%C3%B5es-e-muita-emo%C3%A7%C3%A3o-veja-v%C3%ADdeo-1.1658962
08-11-2018	Conheça a trajetória de Raimunda, a Quebradeira de Coco	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/conhe%C3%A7a-a-trajet%C3%B3ria-de-raimunda-a-quebradeira-de-coco-1.1658581
08-11-2018	Corpo da líder Raimunda Quebradeira de Coco é velado na sua casa em São Miguel	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/corpo-da-%C3%ADder-raimunda-quebradeira-de-coco-%C3%A9-velado-na-sua-casa-em-s%C3%A3o-miquel-1.1658360
08-11-2018	Dona Raimunda, quebradeira de coco babaçu e liderança no Tocantins, morre em casa aos 78 anos	CPT Nacional	https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/geral/4542-dona-raimunda-quebradeira-de-coco-babacu-e-lideranca-no-tocantins-morre-em-casa-aos-78-anos
08-11-2018	Nota de falecimento: Raimunda Gomes da Silva (Raimunda Quebradeira de Coco)	UFT	https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/23809-nota-de-falecimento-raimunda-gomes-da-silva-raimunda-quebradeira-de-coco
08-11-2018	Brasil perde Raimunda Gomes da Silva, quebradeira de coco e doutora honoris causa	Brasil de Fato	https://www.brasildefato.com.br/2018/11/08/brasil-perde-raimunda-gomes-da-silva-quebradeira-de-coco-e-doutora-honoris-causa
09-11-2018	"Não vai ser fácil ver todas as coisas dela", desabafa	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-

	marido		urbana/n%C3%A3o-vai-ser-f%C3%A1cil-ver-todas-as-coisas-dela-desabafa-marido-1.1659133
09-11-2018	Líder comunitária e ativista política, Dona Raimunda morre aos 78 anos no Bico do Papagaio	Cléber Toledo	https://clebertoledo.com.br/tocantins/lider-comunitaria-e-ativista-politica-dona-raimunda-morre-aos-78-anos-no-bico-do-papagaio/
09-11-2018	Viva Maria: Chorando a morte de dona Raimunda dos Cocos, celebramos seu legado	Rádio Agência Nacional	http://radioagencianacional.ebc.com.br/geral/audio/2018-11/viva-maria-chorando-morte-de-dona-raimunda-dos-cocos-celebramos-seu-legado
12-11-2018	Mortes: Dona Raimunda Quebradeira de Coco, liderança feminina do TO	Folha de São Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/11/mortes-dona-raimunda-quebradeira-de-coco-lideranca-feminina-do-to.shtml
30-12-2018	Homenagens escritas marcam a trajetória e legado de Dona Raimunda	Correio MA	https://www.correio.ma.com.br/noticia/3311/homenagens-escritas-marcam-a-trajetoria-e-legado-de-dona-raimundann
07-03-2019	Escola de tempo integral no Bico deve ganhar nome da quebradeira Raimunda	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/politica/antena-ligada-1.1694939/escola-de-tempo-integral-no-bico-deve-ganhar-nome-da-quebradeira-raimunda-1.1746518
07-03-2019	Escola de Tempo Integral deve ganhar nome da quebradeira de coco Dona Raimunda	Bico 24 Horas	https://bico24horas.com.br/noticia/escola-de-tempo-integral-em-araguatins-deve-ganhar-nome-da-quebradeira-de-coco-dona-raimunda/16771
24-03-2019	A visão de quem compreende a necessidade de uma relação harmônica e respeitosa com o meio ambiente	MIQCB	https://www.miqcb.org/single-post/2019/03/24/A-vis%C3%A3o-de-quem-compreende-a-necessidade-de-uma-rela%C3%A7%C3%A3o-harm%C3%B4nica-e-respeitosa-com-o-meio-ambiente#!
21-04-2019	UFT vai premiar produções artísticas em homenagem à Dona Raimunda Quebradeira de Coco	Voz do Bico	https://www.vozdobico.com.br/bico/uft-vai-premiar-producoes-artisticas-em-homenagem-a-dona-raimunda-quebradeira-de-coco/
26-04-2019	Quebradeiras querem 121groindústria com matéria-prima do Côco	Surgiu	https://surgiu.com.br/2019/04/26/quebradeiras-querem-agroindustria-

	Babaçu		com-materia-prima-do-coco-babacu/
06-06-2019	7 de Novembro, data em que morreu Raimunda, será o Dia Estadual das Quebradeiras de Coco Babaçu	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/politica/antena-ligada-1.1694939/7-de-novembro-data-em-que-morreu-ramunda-ser%C3%A1-o-dia-estadual-das-quebradeiras-de-coco-baba%C3%A7u-1.1815174
04-08-2019	Agora é lei! No Tocantins, 7 de novembro passa a ser Dia Estadual das Quebradeiras de Coco	Gazeta do Cerrado	https://gazetadocerrado.com.br/agora-e-lei-no-tocantins-7-de-novembro-passa-a-ser-dia-estadual-das-quebradeiras-de-coco/
05-08-2019	Lei cria Dia Estadual da Quebradeira de Coco em homenagem a Dona Raimunda	G1 Tocantins	https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/08/05/lei-cria-dia-estadual-da-quebradeira-de-coco-em-homenagem-a-dona-ramunda.ghtml
16-09-2019	Comunidade onde Dona Raimunda está enterrada ganhará cemitério memorial para homenagear quebradeira	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/comunidade-onde-dona-ramunda-est%C3%A1-enterrada-ganhar%C3%A1-cemit%C3%A9rio-memorial-para-homenagear-quebradeira-1.1887887
09-10-2019	Obras retratam a força da mulher tocaninense e a preservação da natureza na exposição “Babaçu”	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/obras-retratam-a-for%C3%A7a-da-mulher-tocantinense-e-a-preserva%C3%A7%C3%A3o-da-natureza-na-exposi%C3%A7%C3%A3o-baba%C3%A7u-1.1904958
15-10-2019	Projeto trabalha valorização da cultura das quebradeiras de coco	AgroLink	https://www.agrolink.com.br/noticias/projeto-trabalha-valorizacao-da-cultura-das-quebradeiras-de-coco_425369.html
15-10-2019	Projeto trabalha valorização da cultura das quebradeiras de coco da região do Bico do Papagaio	Conexão TO	https://conexaoto.com.br/2019/10/15/projeto-trabalha-valorizacao-da-cultura-das-quebradeiras-de-coco-da-regiao-do-bico-do-papagaio
07-11-2019	Um ano sem Dona Raimunda Quebradeira de Coco, símbolo da resistência feminina no	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/um-ano-sem-dona-ramunda-

	campo		quebradeira-de-cocos%C3%ADmbolo-da-resist%C3%Aancia-feminina-no-campo-1.1926586
07-11-2019	Um ano sem Dona Raimunda, a Quebradeira, ícone social do Tocantins	Gazeta do Cerrado	https://gazetadocerrado.com.br/um-ano-sem-dona-raimunda-a-quebradeira-icone-social-do-tocantins/
15-12-2019	Marido de Dona Raimunda Quebradeira de Coco morre neste domingo no Bico do Papagaio	Jornal do Tocantins	https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/marido-de-dona-raimunda-quebradeira-de-coco-morre-neste-domingo-no-bico-do-papagaio-1.1954333
22-12-2019	Maria do Socorro, quebradeira de coco: “Quando a palmeira é derrubada, é como se morresse uma mãe de família”	De olho nos ruralistas	https://deolhonosruralistas.com.br/2019/12/22/maria-do-socorro-quebradeira-de-coco-quando-a-palmeira-e-derrubada-e-como-se-morresse-uma-mae-de-familia/

Fonte: Elaboração da autora